



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

LEANDRO PEREIRA BARBOSA

A TRADUÇÃO DE TÍTULOS JORNALÍSTICOS DO FRANCÊS PARA
O PORTUGUÊS: RE(A)PRESENTAÇÕES DO OUTRO

São José do Rio Preto
2018

LEANDRO PEREIRA BARBOSA

A TRADUÇÃO DE TÍTULOS JORNALÍSTICOS DO FRANCÊS PARA O
PORTUGUÊS: RE(A)PRESENTAÇÕES DO OUTRO

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Angélica Deângeli

São José do Rio Preto
2018

Barbosa, Leandro Pereira.

A tradução de títulos jornalísticos do francês para o português: re(a)apresentações do outro / Leandro Pereira Barbosa. -- São José do Rio Preto, 2018

132 f. : il.

Orientador: Maria Angélica Deângeli

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

1. Linguística. 2. Tradução e interpretação. 3. Identidade. 4. Língua francesa. I. Título.

CDU – 8.035

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

LEANDRO PEREIRA BARBOSA

A TRADUÇÃO DE TÍTULOS JORNALÍSTICOS DO FRANCÊS PARA O
PORTUGUÊS: RE(A)PRESENTAÇÕES DO OUTRO

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria Angélica Deângeli
UNESP – São José do Rio Preto
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Angélica Karim Garcia Simão
UNESP – São José do Rio Preto

Prof^a. Dr^a. Érica Luciene Alves de Lima
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

São José do Rio Preto
06 de setembro de 2018

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim e sempre acreditaram que eu seria capaz de atingir meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

Aos meus pais e irmã por sempre me encorajarem a estudar;

À Professora Maria Angélica pela paciência, ensinamentos e apoio durante a graduação e o mestrado;

Às Professoras Angélica Karim Garcia Simão e Érica Luciene Alves de Lima pelas valiosas observações para a melhora do trabalho.

E à Capes pelo auxílio financeiro.

“Nada mais difícil do que fazer sentir a realidade em sua banalidade”

Pierre Bourdieu (1997, p. 27)

RESUMO

Neste trabalho buscamos demonstrar como os títulos jornalísticos do jornal *Le Monde* traduzidos pelo portal UOL podem (re)direcionar as interpretações das reportagens, bem como tais traduções podem propagar representações “enviesadas” sobre o outro, ao reforçarem estereótipos e pré-julgamentos dos envolvidos nos fatos noticiados. Com o intuito de elaborar uma reflexão acerca do sujeito e sua relação com mundo globalizado, retomamos os estudos de Hall (2000), de Silva (2000) e de Bauman (2005), chamando atenção para a questão indissociável entre língua e identidade. Na conjuntura pós-moderna, os meios tecnológicos de comunicação deram velocidade não só ao modo como se produz informação, mas também dinamizaram a propagação de conteúdo de toda sorte, na internet, por meio de traduções. No que diz respeito à questão da tradução, nesta pesquisa, apoiamo-nos nos trabalhos de Arrojo (1986; 1996), de Rodrigues (2006; 2008) e de Crépon (2004), para pensarmos o papel da tradução enquanto discurso que sustenta a “prática da diferença”. Com relação à tradução jornalística, discorreremos sobre as transformações que tais textos apresentam, transformações motivadas por fatores não só estilísticos, mas também e, principalmente, culturais, políticos, econômicos e ideológicos sobre os quais, na maioria das vezes, o tradutor não tem nenhum controle. Para tanto, destacamos os trabalhos de Guerrero (2004; 2006; 2008), de Zipser e Polchlopek (2009), de Bielsa e Bassnett (2009), de Moreno (2003), entre outros. Evidenciamos em nossa análise a importância dos títulos jornalísticos para a interpretação e a memorização da reportagem, em especial quando se trata de títulos jornalísticos disponibilizados em ambiente digital, em que a circulação de notícia é constante. No que se refere à problemática dos títulos, são referências importantes para esta pesquisa os estudos de Van Dijk (1992/2010), de Guimarães (1993) e de Coracini (1989). Quanto aos elementos constitutivos do discurso midiático, retomamos as ideias de Charaudeau (2015), ressaltando como os recursos linguísticos dos títulos foram traduzidos e, muitas vezes, adicionados à tradução. Partimos do pressuposto que tais procedimentos são colocados em cena a fim de atender às políticas de redação do portal UOL e também (re)direcionar os títulos de acordo com o perfil do leitor brasileiro. Dessa forma, uma nova abordagem dos fatos noticiados é revelada, veiculando sempre outras re(a)presentações dos acontecimentos.

Palavras-chave: Tradução, Texto Jornalístico, Título, Identidade, Re(a)presentação.

ABSTRACT

This essay aims to demonstrate how the headlines of the Le Monde newspaper translated by the UOL portal can (re)direct the interpretations of the news coverage. Furthermore, such translations may propagate "biased" representations of the 'other' by reinforcing stereotypes and pre-concepts of those involved in the facts reported. With the purpose of elaborating a reflection about the subject and its relationship with the world, this essay focuses on the studies of Hall (2000), Silva (2000) and Bauman (2005), drawing attention to the inseparability between language and identity. In this postmodern conjuncture, the technological means of communication accelerated not only how information is produced, but also the dynamics of dissemination of content of all sorts on the internet through translations. With regard to translations, this essay supports the work of Arrojo (1986); Rodrigues (2006, 2008) and Crépon (2004) about the role of translation as a discourse that underpins the "practice of difference". The analysis also focuses on the transformations that these texts present, and how they are motivated by factors not only related to stylistics, but also, and mainly, to cultural, political, economic, and ideological issues that in most cases the translator has no control over. On this matter, the argument is supported by the works of Guerrero (2004; 2006; 2008), Zipser and Polchlopek (2009), Bielsa and Bassnett (2009), Moreno (2003), among others. In the analysis, it is highlighted the importance of the headlines for the interpretation and memorization of the news report, especially for those available online, where the circulation of information is continuous. With regard to the headlines, this essay focuses on the studies of Van Dijk (1992/2010), Guimarães (1993) and Coracini (1989). As for the constitutive elements of the media discourse, the ideas of Charaudeau (2015) are particularly referenced, emphasizing how linguistic resources of the headlines have often been added to the translation. It seems that this practice meets the editorial policy of the UOL portal and also (re)directs the headlines according to the profile of the Brazilian reader. In this way, a new approach of the reported facts is revealed, always showing other (re)presentations of events.

Keywords: Translation, Journalistic Text, Headlines, Identity, Re(a)presentation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – L’Egype tout voile dehors	109
Figura 1.2 – Escritor faz apelo contra...	109
Figura 2 – Onze jours après leur première...	110
Figura 2.2 – Sem perspectivas, imigrantes africanos...	110
Figura 3 – En Afrique du Sud, une xénophobie...	111
Figura 3.2 – África do Sul tem xenofobia corriqueira, ...	111
Figura 4 – Le Japon relance le nucléaire, ...	112
Figura 4.2 – Japão reativa reator nuclear quatro...	112
Figura 5 – La Chine fait un geste...	113
Figura 5.2 – Ordenação do primeiro bispo em...	113
Figura 6 – Sexisme dans l’usine à rêves.	114
Figura 6.2 – Atrizes se rebelam contra sexismo...	114
Figura 7 – Internet, l’autre champ de bataille...	115
Figura 7.2 – A guerra dos vídeos por trás...	115
Figura 8 – Les entreprises françaises à l’heure...	116
Figura 8.2 – Na França, empresas dão “jeitinho”...	116
Figura 9 – L’armée française veut dissuader le pape...	117
Figura 9.2 – Visita Francisco a Bangui...	117
Figura 10 – Le Liban rattrapé par la guerre en Syrie.	118
Figura 10.2 – Pressionado em seus domínios, Estado...	118
Figura 11 – La tentation du radicalisme islamiste...	119
Figura 11.2 – Kosovo tenta conter o avanço...	119
Figura 12 – En Lybie, le jeu des Occidentaux contesté...	120
Figura 12.2 – Jogo dos Ocidentais e da ONU...	120
Figura 13 – Des petits boulots au djihad...	121
Figura 13.2 – ‘Só volto pra explodir tudo’,...	121

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 14 – Conte de Noël à Liverpool.	122
Figura 14.2 – Conto de Natal em Liverpool: ...	122
Figura 15 – Marine Le Pen et le vaudou.	123
Figura 15.2 – Opinião: Marine Le Pen leva adiante...	123
Figura 16 – Frederik de Klerk critique le déboulonnage...	124
Figura 16.2 – Nobel da Paz defende estátua...	124
Figura 17 – Primaire à droite : <<Le désir de revanche...	125
Figura 17.2 – Análise: Primárias presidenciais ou lutas de boxes?	125
Figura 18 – Le Brésil face au risque du pire.	126
Figura 18.2 – “O Brasil frente ao risco do pior”...	129

SUMÁRIO

Introdução	11
1. Tradução, identidade, globalização	15
1.1 Questões de identidade e de representação: em tempos de globalização	15
1.2 Questões de identidade e de tradução: efeitos da linguagem.....	29
2. Mecanismos de produção e de tradução jornalísticas.....	41
2.1 A arquitetura do texto jornalístico: discursos (d)e dominação	41
2.2 O texto jornalístico: do papel às plataformas digitais.....	53
2.3 O título jornalístico na rede: funções e objetivos.....	57
2.4 Tradução jornalística: alguns desafios	61
3. O contexto do <i>corpus</i> e a análise	72
3.1 Sobre o <i>corpus</i>	72
3.2 A análise	73
3.3 Suplemento	91
4. Considerações Finais	97
Referências	101
Anexos.....	109

INTRODUÇÃO

A escrita, como qualquer outra forma de comunicação, é regida por regras específicas que variam em função do meio através do qual o discurso é veiculado, do registro de língua empregado, dos leitores aos quais o texto se destina, do contexto em que é produzido e, posteriormente, recebido, enfim, de inúmeras outras variantes que só fazem reforçar a ideia de que escrever é um ato que ultrapassa, em muito, o simples conhecimento da norma linguística para atingir as esferas do conhecimento cultural, do saber partilhado sobre o mundo e da percepção da própria subjetividade.

A questão torna-se ainda mais complexa quando se trata de lidar com uma escrita traduzida, pois o desafio, colocado de antemão, pressupõe que lidemos o tempo todo com a escrita do outro: da outra língua, do outro país, do outro escritor e também leitor, ou seja, uma problemática senão múltipla, pelo menos “dupla”.

Quando pensamos na tradução dos discursos jornalísticos, abre-se um vasto campo à investigação científica tanto no plano dos recursos propriamente linguísticos a serem explorados e em jogo no processo tradutório quanto no campo das representações culturais transmitidas pela especificidade desse tipo de escrita e pela multiplicidade de informações compartilhadas sobre o outro.

Essa multiplicidade de compartilhamentos é resultado das novas formas de produção e acesso à informação após o advento da internet. O encontro do jornalismo e das plataformas digitais revolucionou a maneira como nos informamos. Nesse sentido, os títulos jornalísticos, que já eram importantes para o jornalismo impresso, se tornaram cruciais nas plataformas digitais, na medida em que muitas pessoas nos dias de hoje se “informam” somente por meio da leitura dos títulos das reportagens.

Desse modo, esta pesquisa se justifica dada à importância que reside no diálogo entre jornalismo e tradução, sobretudo quando esse diálogo envolve interesses que vão muito além de um simples “transmitir” informações. Pois, o texto jornalístico é utilizado como uma ferramenta de formação cultural, visto que as próprias escolhas de abordagem de um acontecimento não são neutras, imparciais nem sem juízo de valor (Cf. Frank Esser, 1998, apud Zipser; Polchlopek, 2009).

Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa é refletir sobre as questões teóricas e práticas de tradução jornalística, investigando as especificidades da tradução dos títulos do jornal *Le Monde* traduzidos e disponibilizados pelo portal UOL.

Nosso trabalho está estruturado em três capítulos.

No primeiro capítulo, percorremos alguns discursos que tratam das questões identitárias envolvendo a problemática da escrita e, conseqüentemente, da tradução. Chamamos especial atenção para os trabalhos de Hall (2000), Silva (2000) e Bauman (2004) a fim de refletimos sobre o descentramento do sujeito, fato que está ligado ao acontecimento da “modernidade tardia”, bem como à visão fragmentária de sujeito e suas conseqüências para os fenômenos identitários, uma vez que, na virada do século, a identidade passou a ser vista como algo em constante crise. A evidente desestabilização do sujeito implicou uma virada na percepção do sentido do texto, da tradução e de seu destino. Nesse contexto, demos destaque os trabalhos de Arrojo (1986; 1992), de Venuti (1995), de Rodrigues (2000, 2006, 2008) e de Crépon (2004). Discorremos sobre a desconstrução da ideia tradicional de tradução, ideia que entende os textos como detentores de sentidos fixos e homogêneos e, portanto, que pensa a tradução sempre voltada ao “texto original”. Apresentamos os conceitos de tradução estrangeirizadora x domesticadora, propostos por Venuti, e a problemática inerente a tais conceitos, no concerne à questão ética, política e ideológica da tradução. Por fim, percorremos o discurso de Crépon, o qual analisa a relação entre as culturas e a geopolítica dos estados-nação, sob a ótica da tradução.

No segundo capítulo, a partir das reflexões de Charaudeau (2005/2015), buscamos traçar as características linguísticas dos discursos da mídia, evidenciando a influência desses elementos na manipulação dos fatos noticiosos. Ao analisarmos a questão da variedade de discursos midiáticos, retomamos os estudos de Bourdieu (1997), para quem a uniformização das reportagens está relacionada à lógica da concorrência, ou seja, o fato de os jornalistas se submeterem às mesmas fontes e às mesmas pesquisas de opinião faz com que os conteúdos publicados assumam ares de uma “produção coletiva”.

Em seguida, tratamos da importância da internet na (re)produção de conteúdo jornalístico. Essa ferramenta, com características múltiplas, possibilitou a junção do que antes eram meios de comunicação distintos, como, a radiodifusão, o telejornalismo e o jornalismo impresso. Por meio dos estudos de Canavilhas (1999), de Bardoel e Deuze (2000), de Palacios (2003), de Lemos (2000), de Barbosa (2003) e de Moretzsohn (2015), refletimos a respeito das potencialidades oferecidas pela internet para a

elaboração jornalística no cenário atual, já que hoje o jornalismo é feito, vendido e divulgado em ambiente digital.

Logo após, tratamos do objeto de nossa pesquisa: o título jornalístico. A partir da exposição das ideias de Coracini (1989), de Guimarães (1993), de Van Dijk (1992/2010) e de Bertolini (2014), destacamos a importância dos títulos jornalísticos na interpretação e memorização dos conteúdos das reportagens, bem como o seu papel na venda desses textos, uma vez que os títulos são responsáveis por “conquistar” o leitor na internet, fazendo-o acessar uma notícia entre tantas outras à sua disposição. Além disso, apresentamos a tese segundo a qual os títulos são uma forte ferramenta de manipulação, visto que direcionam a maneira como os fatos noticiados serão interpretados, influenciando, assim, a opinião pública que se posicionará a favor ou contra os acontecimentos. No tocante à questão da tradução jornalística, trazemos as pesquisas de Astirbei (2011), de Moreno (2003), Zipser e Polchlopek (2009), de Bielsa e Bassnett (2009), de Kasımoğlu (2014), de Guerrero (2006, 2012, 2016), de Oliveira (2005), de Warrot (2013) e de Stupiello e Simão (2017). A partir desse apanhado teórico, refletimos alguns aspectos da tradução jornalística. Primeiramente, tratamos da falta de consenso que existe entre os estudiosos sobre o que, de fato, consiste a tradução jornalística, pois, para muitos, as “adaptações” que esses textos apresentam não permitem classificá-los como traduções. Em seguida, apresentamos o debate acerca da realidade das agências de tradução no mundo globalizado, em que jornalistas muitas vezes desempenham papel de tradutores, recorrendo a traduções como fonte para a produção de notícia, e não necessariamente para traduzi-las e publicá-las “integralmente”, fato que pode ser observado tanto nas reportagens quanto nos títulos dessas notícias vendidas como tradução.

No terceiro capítulo, apresentamos a contextualização do *corpus* de nossa pesquisa e, em seguida, fizemos a análise das traduções dos títulos jornalísticos do *Le Monde* feitas pelo portal UOL, e de uma reportagem, também do *Le Monde*, traduzida pela Rádio França Internacional. Nesse momento, refletimos sobre como as escolhas tradutórias dos títulos podem induzir o leitor a uma interpretação, ora tendenciosa, ora pré-concebida dos sujeitos envolvidos nos fatos noticiosos, uma vez que trazem nas traduções dados que muitas vezes não constam nos títulos de partida. E, por meio da análise da tradução da reportagem, mostramos como um texto jornalístico, que é vendido como tradução, na verdade se apresenta com características de uma nova reportagem, na medida em que retoma apenas algumas partes da reportagem de partida.

Por fim, nas considerações finais, ponderamos sobre como essas traduções de notícias, que dizem tanto sobre o outro, também podem dizer muito sobre nós mesmos, visto que são produzidas para atender a um público específico. Nesse sentido, acreditamos que, ao invés de incentivar o leitor a clicar na manchete, essas traduções podem passar a falsa ideia de que são um resumo “fiel” do fato noticioso, atendendo assim às demandas do leitor em ambiente digital, leitor esse que busca a leitura de textos cada vez mais curtos e concisos para formação de sua opinião.

1. Tradução, identidade, globalização

1.1 Questões de identidade e de representação: em tempos de globalização

As transformações ocorridas no século XX não só reconfiguram o mundo, mas também a maneira como lidamos com ele (e com nós mesmos). As grandes migrações dos países periféricos para os grandes centros econômicos, a ampla circulação de mercadorias, bem como o acesso à internet — e com ela a troca de informação ao redor do globo — são apenas algumas entre tantas outras mudanças que fizeram com que as nossas velhas crenças, que estabilizavam o mundo social até então, caíssem por terra. Daí decorre o surgimento das dúvidas a respeito das nossas identidades pessoais, dúvidas que desestruturaram a concepção que tínhamos de nós mesmos, da condição de sujeitos integrados e constituídos de razão. Esse seria um dos motivos que levaram o surgimento do que chamamos de “crise de identidade”. Como afirma Hall (1992/2000):

Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento — descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (p. 9)

De acordo com o autor, o sujeito do Iluminismo, baseado na concepção de um ser centrado, “sujeito-da-razão”, de identidade previsível e estável, deu lugar ao sujeito de identidade fragmentada, constituída não mais de uma, mas de várias identidades, como resultado do contato entre os povos, mesmo que este contato, muitas vezes, tenha se dado por imposição e não por opção.

A comunicação também assumiu papel essencial para a nova percepção do sujeito. A troca de ideias abalou as nossas verdades, sinalizando a transição da era moderna para a era pós-moderna. Entende-se por era pós-moderna o período caracterizado pelo abandono da crença científica, da crença religiosa e, sobretudo, pela banalização do ideal de progresso.

Nesse sentido, a pós-modernidade pode ser caracterizada pela rejeição de qualquer discurso totalizante e universalista, na medida em que tais narrativas buscam a homogeneização e o apagamento de nossas diferenças.

O projeto de progresso da modernidade, por exemplo, se mostrou um fracasso ao ser desmistificado pela impossibilidade de acesso aos bens de consumo, bens esses que

seriam para todos. A dinâmica do capitalismo provou o contrário. A desigualdade social desconstruiu as referências tradicionais da modernidade, uma vez que essa relegou, para uns, a miséria e a fome; e, para outros, a riqueza e a concentração de renda. O dismantelamento do ideal moderno causou e ainda causa grande desconforto aos sujeitos pós-modernos, pois estes parecem não entender o mundo em que vivem, a esse respeito, Santos (1986) afirma que:

[...] a condição pós-moderna é precisamente a dificuldade de sentir e representar o mundo onde se vive. A sensação é de irrealidade, com vazio e confusão. Só se fala em desencanto, desordem, descrença, deserto. É como se a lógica e a imaginação humana falhassem ao representar a realidade, e alguma coisa estivesse se esvaziando, zerando. (p. 109)

Na conjuntura pós-moderna, o aceleração do tempo provou a importância do agora, do imediato, do momento presente. Os meios tecnológicos de comunicação deram velocidade não só ao modo como se produz informação, mas também dinamizaram a propagação de conteúdo de toda sorte, de modo que o consumo dessas narrativas desestabilizou a nossa concepção de identidade. Tal abalo também se deve à variedade de representações culturais a que somos expostos constantemente por meio desse sistema. A esse respeito, Hall considera que:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração do móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (Hall, 2000, p. 13)

Como ressalta o autor, nossa identidade é formada e transformada continuamente, ou seja, a ideia de identidade plena, segura e homogênea é uma ideia ultrapassada, pois “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda ‘narrativa do eu’” (Hall, 2000, p. 13).

Nessa perspectiva, a identidade é fruto da linguagem, na medida em que tanto a linguagem, como o que ela representa culturalmente, está em contínua transformação. Para Hall, esse caráter de mudança ininterrupta das identidades está intrinsecamente ligado à concepção de modernidade tardia, o que, posteriormente, ficou conhecido nas

ciências humanas e, em particular, nos estudos sociais, como fenômeno da globalização. Se antigamente a sociedade se apegava a costumes, a ideias e a estilos de vida tradicionais, hoje, o que parece regra é exatamente o contrário; estar aberto ao novo, ao contemporâneo, ao que há de mais recente e inovador, para muitos ganhou ares de um ideal de existência. Nesse sentido, Hall ressalta que:

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma. (2000, p. 17)

Com efeito, esse deslocamento do sujeito dentro da sociedade moderna o liberou e, provavelmente, em muitos casos, o forçou a se desapegar das estruturas e tradições do passado. Acreditava-se que a posição social era divinamente imposta, de modo que não eram aceitas mudanças em sua estrutura. No entanto, na modernidade tardia, o contato entre os povos resultou na “aceitação” da ideia de que temos várias identidades, uma vez que transitamos por elas de acordo com as situações sociais com as quais somos confrontados.

Para além dos deslocamentos do sujeito e suas consequências, no que concerne à concepção de identidade, outra questão que foi fortemente abalada na modernidade tardia ou pela pós-modernidade diz respeito ao conceito de identidade nacional. Para muitos, tal conceito está relacionado único e simplesmente com o local no qual nascemos, assim, o sentimento de pertencimento que experimentamos seria resultado dessa fonte de identidade cultural geográfica. Hall, entretanto, argumenta que o conceito de identidade nacional é muito mais abrangente, não estando relacionado com o local onde nascemos; segundo o autor, tal conceito é formado e transformado de acordo com a representação que cada nação faz dos outros e de si mesma. Dessa forma, ele constata que:

[...] a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. (2000, p. 48)

Assim como Hall, adotamos nesta pesquisa a concepção de que os indivíduos participam da construção da ideia de identidade cultural, uma vez que essa identidade é

construída, também, a partir dos produtos através dos quais são propagadas narrativas e ideias de pertencimento cultural de um povo. Podemos citar como exemplo dessas narrativas, e para inserir a discussão no campo de estudos que nos interessa, a formação de conteúdos jornalísticos publicados dentro e fora de cada país, uma vez que tais publicações contribuem, e muito, para a (trans)formação do conceito de identidade cultural adotada e/ou rejeitada por seus leitores. Acreditamos que a produção e também a tradução jornalísticas servem como ferramentas para a construção, de acordo com o senso comum, do sentimento de pertencimento ou da nossa própria concepção de identidade cultural, uma vez que tais representações chegam até nós por meio da reprodução sistemática de narrativas que falam tanto do outro quanto de nós mesmos. A esse respeito, Hall precisa que:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu passado e imagens que dela são construídas. (2000, p. 51)

Dessa forma, entendemos que o discurso jornalístico tem o poder de despertar em nós tanto o nosso passado, como também nos projetar para a adesão de ideais identitários futuros. Esse mesmo discurso confirma a impossibilidade de haver, no conceito de identidade nacional, algo que nos “unifique” enquanto povo. Tais narrativas só trazem à baila as nossas diferenças constitutivas. Identificarmo-nos como brasileiros, por exemplo, não parece ser suficiente para pertencermos a mesma família nacional; afinal, o que há em comum entre um amazonense, um sulista e um nordestino para que todos reivindiquem a mesma identidade nacional? E quem garante que ao dizermos que somos todos brasileiros estejamos, de fato, a reivindicar tal identidade? Sem mencionar as questões de classe social, gênero, raça, questões que só fazem pontuar cada vez mais as nossas diferenças. Nesse sentido, Hall sugere que:

Ao invés de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. (2000, p. 62)

Assim como Hall, acreditamos que a identidade cultural se materialize no nível da linguagem, pois é por meio dos recursos linguísticos que construímos a nossa realidade, que expressamos a nossa identidade, que assimilamos o outro ou o rejeitamos. Essa é uma das razões pelas quais nos interrogamos a respeito das traduções dos títulos jornalísticos disponível *on-line*, uma vez que essas manchetes, a nosso ver, fazem muito mais do que apenas encabeçar os textos jornalísticos. Além de atribuírem “nomes” aos textos, tais traduções também têm a função de despertar em nós o interesse em saber algo sobre o nosso mundo, sobre o mundo do outro, a tal ponto que têm muito a dizer sobre nós mesmos, visto que as nossas escolhas nos “delatam” a todo momento. O que nos desperta interesse na internet, o que nos faz acreditar que tal notícia merece o nosso *click*, revela um aspecto não só cultural, mas também um aspecto da nossa própria subjetividade.

Entre todos os processos de mudanças que ocorreram no fim do século XX, o que mais marcou os questionamentos acerca dos deslocamentos das identidades nacionais foi a globalização. A reorganização do mundo e de nossas vidas a partir de novos parâmetros de tempo e espaço, bem como a maior integração global, colocaram à prova a nossa percepção de identidade cultural. Segundo Hall, “o impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também coordenadas básicas de todos os sistemas de representação” (p. 70), ou seja, cada povo tem um modo de compreensão da sua própria identidade cultural; porém, essa compreensão traz marcas do tempo e do espaço no qual ela foi concebida. Além disso, vale ressaltar que as nações que detêm o “poder de fala” não só são responsáveis por construírem narrativas a respeito das identidades culturais das nações menos favorecidas, mas muitas vezes tais nações impõem os seus próprios ideias culturais às nações subjugadas.

O que podemos constatar é que as facilidades que os avanços tecnológicos nos proporcionaram estremeceram a nossa percepção de identidade cultural, na medida em que as regras do mercado global, que demandam de nós o consumo de produtos culturais de toda sorte, ditam as regras do que deve ou não ser comercializado como referências culturais. A esse respeito, Hall aponta que:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “*flutuar livremente*”. (2000, p. 75, grifos nossos)

De fato, a interconexão entre vários pontos do globo pode nos dar a impressão de que as identidades não estão intrinsecamente ligadas a histórias e a tradições específicas, já que elas se tornaram mercadoria com o advento da globalização. Entretanto, sabemos que é ilusório acreditar que todos vivem a globalização da mesma forma. Se a globalização é um “fenômeno global”, quem usufrui dos seus “benefícios” continua com localizações pré-determinadas. Isso se deve, por um lado, porque há nações que somente atuam na globalização pela via da exploração de recursos naturais e da força de trabalho de nações subjugadas. Em contrapartida, essas nações exploradas não conhecem o outro lado da globalização, ou seja, não vivem o prazer do consumismo nem a liberdade de ultrapassar as fronteiras globais.

Nesse sentido, Hall demonstra que os meios de comunicação global exercem grande influência na circulação e criação de novas identidades, essa ideia é extremamente relevante no contexto de nosso trabalho, tendo em vista que a circulação e a tradução de notícias na internet reafirmam a tese de que tais identidades parecem “flutuar livremente”. No entanto, vale ressaltar que não consideramos a circulação das identidades tão “livres” quanto parece sê-lo, uma vez que esse deslocamento depende de muitos condicionantes, a saber: a circulação das identidades nos textos jornalísticos (traduzidos ou não) está atrelada primeiramente às instituições de produção de notícias. Nesse sentido, não só quem assume a posição de criador da notícia, mas também quem figura como assunto nos textos jornalísticos é previamente determinado pelos veículos de divulgação dos jornais, o que nos impede de afirmar que as movimentações dos discursos identitários nas traduções desse gênero textual sejam “livres”. As identidades veiculadas pelos textos jornalísticos, muitas vezes, para não dizer sempre, são relatadas por quem detém o poder dos meios de comunicação, isto é, o que sabemos sobre outro, na maioria das vezes, será o olhar de um outro sobre o outro, e não o outro narrando a si mesmo.

Nesse contexto, parece que a identidade pode ser analisada por dois ângulos; por um lado, ela é vista como “essência”, para quem defende que nascemos com ela já formada, visão que é refutada por inúmeros teóricos na contemporaneidade. Por outro lado, a identidade é vista como resultado da intersecção de vários componentes, por exemplo, aspectos culturais, discursos políticos e religiosos, bem como a história particular de cada um. Independentemente da visão adotada, o que parece permear a tentativa de definição do conceito de identidade é a noção de diferença, pois reconhecer-

se ou não no outro, na pós-modernidade, determinará a maneira como as identidades serão aceitas, rejeitadas e /ou (re)-a-presentadas.

Tomaz Tadeu da Silva, em seu livro intitulado *Identidade e Diferença* (2000), propõe uma reflexão acerca da construção da identidade a partir da relação existente entre o próprio conceito de identidade e o de diferença. Para o pesquisador, há uma relação de interdependência entre ambos os termos, na medida em que a compreensão do conceito de identidade se faz a partir do conceito de diferença e vice-versa. Dessa relação, afirma Silva, advém dois problemas; primeiramente, o fato de que a asserção da identidade a partir da diferença justificaria o discurso de negação de similaridades entre os povos, negação essa que dá margem à visão pretensiosa e opressora de algumas nações sobre as outras. Segundo, que a afirmação da identidade X, inevitavelmente, seria a negação da identidade Y, ou seja, nessa perspectiva, para Silva, “a diferença é sustentada pela exclusão” (p.74). O próprio termo “outro” já marcaria o caráter de afastamento e anulação que perpassa tal visão, uma vez que, ao fazermos uso desse termo, já sinalizamos que não nos incluímos no conteúdo da narrativa em que ele aparece.

Num mundo cada vez mais global, no qual somos instigados a consumir produtos de diversas partes do planeta, a aquisição de tais produtos se tornou um elemento frequentemente usado, entre tantos outros, para definir a nossa identidade. Ignorando as condições de produção e levando em conta somente o *status* que as grandes marcas representam, adquirimos produtos de toda sorte, de modo que, atualmente, a construção da nossa identidade está intrinsecamente relacionada ao nosso poder aquisitivo. Mais do que um simples hábito, ser um consumidor no grande mercado global significa ser respeitado como indivíduo ou, mais do que isso; ao fazer parte do mercado global, compramos mais do que produtos, adquirimos a cada compra, ainda que simbolicamente, a nossa própria dignidade, o que, por um momento, parece minimizar as nossas diferenças. Desse modo, Silva (2000) afirma que a “luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais [...]” (p. 10).

Com efeito, as questões materiais e econômicas parecem ser mais determinantes na definição e aceitação de uma identidade do que qualquer outro aspecto constitutivo da mesma, de modo que as diferenças se tornaram também um tipo de “mercadoria indesejada”; para eliminá-la, bastaria consumirmos os mesmos produtos, oriundos dos mesmos locais e isso sustentaria o sonho de fazer parte de uma mesma ideia de identidade. A esse respeito, Silva considera que:

[...] as diferenças entre os homens são maiores que quaisquer similaridades, uma vez que o foco está colocado nas identidades nacionais em conflito. A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos étnicos – são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares. (2000, p. 11)

Nenhum povo está imune à influência do ambiente em que vive. No entanto, na pós-modernidade, muitos povos sofrem a influência estigmatizada da região em que habitam, na medida em que esses locais são fornecedores de matéria prima e mão de obra barata para a fabricação de produtos que, muito provavelmente, seus produtores não poderão consumir; tais aspectos caracterizam, de fato, a chamada “era global”. Esse fenômeno descrito como um movimento de aproximação entre os povos, de quebra de barreiras e fronteiras, mais segrega do que aproxima, mais exclui do que acolhe.

Além das questões econômicas e territoriais que perpassam a discussão sobre a identidade, Silva acredita que tal tema pode ser analisado de maneira mais ampla, levando em consideração a tensão existente entre a perspectiva não-essencialista e a perspectiva essencialista acerca da identidade.

Para o pesquisador, a identidade considerada sob o viés não-essencialista se definiria pelas diferenças existentes não só entre uma determinada identidade, mas também em comparação a muitas outras, observando-se as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Portanto, para definir a identidade, nessa perspectiva, é importante considerar os elementos que sustentem a tese de que a diferença é constitutiva da identidade.

Por outro lado, o viés essencialista sugere a existência de um conjunto de características cristalino, autêntico, algo de que todos compartilham, conjunto esse que não se alteraria no decorrer do tempo. Tendo como base afirmações fundamentadas tanto na história quanto na biologia, os essencialistas buscam suas certezas na afirmação da identidade ao recorrerem à “verdade” fixa em algum momento histórico partilhado ou em “verdades” biológicas. A esse respeito, Silva afirma que:

O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade – por exemplo, para a identidade sexual. É necessário, entretanto, reivindicar uma base biológica para a identidade sexual? (2000, p. 15)

Nesse sentido, as questões de gênero e identidade sexual, tão debatidas atualmente, não teriam razão de existir, pois, qualquer questionamento em torno desses temas se explicaria apenas por um fator biológico, ou seja, a pluralidade sexual se resumiria à heterossexualidade, e tudo fora disso seria considerado desvio de conduta.

No que concerne aos movimentos étnicos, religiosos ou nacionalistas, o pesquisador afirma que é notável o esforço desses movimentos para resgatarem algum aspecto cultural ou histórico para servir de base à fundamentação de suas identidades.

Seja focando nas diferenças, seja focando nas semelhanças, o que parece regra em ambas visões de identidade é a busca por algo que tenha perdurado no decorrer do tempo. No entanto, Silva questiona essa suposta rigidez quando se refere à identidade. Independentemente de evocarmos algo inerente ao ser humano ou a fontes históricas, sabemos que não podemos contar com algo inalterado, mesmo que parcialmente, no decorrer do tempo, pois as mudanças e transformações são uma das únicas “certezas” da pós-modernidade.

A fim de melhor compreender o conceito de identidade, Silva levanta o questionamento acerca da forma como a identidade é vista no circuito da cultura: “aquele em que o foco se desloca dos sistemas de representação para as identidades produzidas por aqueles sistemas” (2000, p. 17). O olhar mais atento aos sistemas de representação se torna necessário, uma vez que os seus significados produzem e determinam as posições de sujeito no interior desses próprios sistemas. Nesse sentido, Silva aponta que:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. (2000, p. 17)

De fato, a produção dos significados e o que eles representam determina a maneira como enxergamos o outro e nós mesmos. Vista pelo viés cultural, a representação, portanto, nos fornece elementos para compreendermos tanto as identidades individuais quanto as identidades coletivas, na medida em que tal representação é construída a partir de um mesmo sistema simbólico. Ao fazer uso desse sistema simbólico, Silva considera que os discursos e os sistemas de representação têm o poder de construir os lugares a partir dos quais os indivíduos não só podem se posicionar, mas também podem ter voz. Isso significa que, na condição de

consumidores desses discursos, os indivíduos podem se apropriar, rejeitar e/ou reconstruir as identidades por eles representadas. Nessa perspectiva, Silva defende a tese segundo a qual:

A mídia nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular – o adolescente “esperto”, o trabalhador em ascensão ou a mãe sensível. Os anúncios só serão “eficazes” no seu objetivo de nos vender coisas se tiverem apelo para os consumidores e se fornecerem imagens com as quais eles possam se identificar. (2000, p. 18)

Nota-se, portanto, uma estreita relação entre a produção de significados e a produção de identidades (re)posicionadas no sistema representacional em que esse evento se realiza, seja ele o cinema, a literatura, as propagandas, o texto jornalístico, entre outros. Além da relação entre a produção de significados e a produção de identidades, outro elemento no “circuito cultural” torna-se extremamente relevante para a “aceitação” das representações das identidades: a identificação. Se os indivíduos realmente detêm o poder de aderir e/ou rejeitar determinadas representações, nada mais coerente do que o questionamento acerca da identificação dos consumidores com essas representações.

De acordo com Silva, o conceito de identificação, o qual descreve o processo pelo qual nos identificamos com os outros, teve sua origem na psicanálise e, posteriormente, foi revisitado pelos Estudos Culturais, mais especificamente pela teoria do cinema, a fim de descrever a relação existente entre “a forte ativação de desejos inconscientes relativamente a pessoas ou a imagens, fazendo com que seja possível nos vermos na imagem ou na personagem apresentada na tela” (p. 18). Isso confirma o fato de que diferentes significados podem ser representados por diversos sistemas simbólicos, porém esses significados não são incontestados e fixos.

Outro questionamento levantado por Silva diz respeito ao poder das representações e como (e por que) alguns significados são aceitos em detrimento de outros. Para o pesquisador, a rejeição ou aceitação de determinadas práticas de significação envolvem relações de poder, relações essas que determinam quem integra ou não “posições privilegiadas” nos discursos culturais. Nesse sentido, os discursos culturais dão contorno às identidades, à medida que atribuem sentido à experiência e ao tornarem possível optar entre as várias identidades representadas no sistema de significação.

A gama de opções de identidade que o “circuito cultural” nos oferece, ou seja, a pluralidade de representações simbólicas com as quais somos confrontados na pós-modernidade, segundo Silva, é a responsável pela experiência de segregação entre os povos e pela forma segundo a qual tal segregação se relaciona diretamente com as desigualdades sociais, essa é a razão pela qual alguns indivíduos são excluídos do sistema e estigmatizados, o que reflete também o aprofundamento da (des)integração econômica, social, cultural e política no mundo.

A esse respeito, Silva considera que “a discussão sobre identidades sugere a emergência de novas posições e de novas identidades, produzidas, por exemplo, em circunstâncias econômicas e sociais cambiantes” (2000, p. 19). Por essa razão, os estudos no âmbito da pós-modernidade afirmam que as identidades não são coerentes e fixas, mas sim contestadas e cambiantes.

Muitos autores sustentam a ideia de que as mudanças ocorridas no final do século XX e início do século XXI, tanto nos níveis global, local, quanto pessoal, podem ser a chave para compreendermos a ideia de “crise de identidade”, ideia essa que tem sido muito usada para definir a vida na era pós-moderna. Silva, por exemplo, argumenta que “a globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas” (p. 20).

Se, por um lado, a convergência cultural e de estilos de vidas produziu diferentes representações de identidade; por outro lado, os padrões de produção e consumo desencadearam uma homogeneização cultural, se considerarmos que o consumo em grande escala dos mesmos produtos culturais leva ao distanciamento da identidade, no que se refere ao aspecto identitário local e comunitário. De acordo com Silva, esse mesmo movimento pode levar a uma resistência, a qual fortalece e reafirma ideais de identidade nacional e local, ou até mesmo pode provocar o surgimento de novas posições de identidade.

Outro aspecto relacionado à noção de “crise de identidade” diz respeito à movimentação de indivíduos ao redor do globo. As mudanças na economia global, aliadas aos avanços dos meios de locomoção, estimularam uma grande dispersão das demandas não só de bens e serviços, mas também da própria oferta de trabalho, de modo que a migração teve grande impacto na forma segundo as quais a identidade passou a ser concebida. Segundo Silva, a migração não é algo novo, porém a globalização está estreitamente relacionada à aceleração da migração, quer seja por

razões econômicas, quer seja por conflitos territoriais. Assim, é inegável que as pessoas têm se espalhado pelo globo e esse deslocamento está, inevitavelmente, associado à contestação das identidades ao mesmo tempo em que produz o surgimento de outras. A esse respeito, Silva sinaliza que:

A migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades. A migração é um processo característico da desigualdade em termos de desenvolvimento. Nesse processo, o fator de “expulsão” dos países pobres é mais forte do que o fator de “atração” das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas. (2000, p. 21)

De fato, a movimentação das pessoas de regiões periféricas do globo rumo às regiões mais desenvolvidas é muito maior. Isso se deve ao fato de que a globalização acentuou as diferenças existentes entre os povos, causando, dessa forma, o confronto entre as identidades; pois, tal movimentação colocou em evidência as diferenças econômicas, culturais e identitárias.

Outro fato também inegável é que os países que desfrutaram dos avanços da revolução industrial exerceram um forte fator de atração para as populações de países subdesenvolvidos, determinando, assim, o fluxo do movimento migratório, de modo que as identidades, ao serem confrontadas, sofreram mudanças significativas. O de fora, o outro, o diferente, ou seja, o estrangeiro, não raramente se vê obrigado a “se adaptar” aos costumes do país que o “acolhe”; em contrapartida, tal exigência não é cobrada dos nativos das grandes potências, ricas e fortemente consolidadas. Embora haja uma maior movimentação de pessoas devido à globalização, Silva afirma que “o movimento global do capital é geralmente muito mais livre que a mobilidade do trabalho” (p. 21).

De acordo com o autor, essa intensa movimentação de pessoas ao redor do globo é a causa do surgimento de identidades que não podem ser definidas geograficamente, na medida em que essas são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Por essa razão, Silva afirma que essas novas identidades são não só desestabilizadas, mas também desestabilizadoras.

O autor recorre ao conceito de diáspora, o qual se refere ao deslocamento voluntário ou forçado de um grande número de pessoas por todo o mundo em virtude de perseguição política, religiosa ou étnica, para desenvolver essa nova abordagem acerca da identidade. Baseando-se nesse conceito, a noção de “crise de identidade” também

pode ser usada para explicar a contestação de identidades tanto em um contexto religioso quanto cultural. Na Europa pós-colonial e nos Estados Unidos, por exemplo, os povos colonizados e os colonizadores têm reagido de forma enérgica à diversidade multicultural, recorrendo a certezas de natureza étnica. A esse respeito, Silva menciona que:

No Reino Unido, os movimentos nacionalistas têm lutado para afirmar sua identidade por meio da reivindicação de sua própria língua, como, por exemplo, no caso do Plaid Cymru, no País de Gales. Ao mesmo tempo que há a reafirmação de uma nova “identidade europeia”, por meio do pertencimento à União Europeia, travam-se lutas pelo reconhecimento de identidades étnicas no interior dos antigos estados-nação, tais como a antiga Iugoslávia. (2000, p. 23)

Ao lidar com a fragmentação causada pela diáspora, algumas comunidades procuram reconstituir suas identidades nacionais retomando lendas, mitologias e fronteiras do passado, como se ao coletar todas as peças, fosse possível restabelecer a identidade “perdida”.

Zygmunt Bauman (2004/2005), quando questionado sobre a possibilidade de resgatar tal identidade faz uso da alegoria do quebra-cabeça, tecendo a seguinte reflexão:

O ajustamento mútuo das peças e a completude do conjunto estão assegurados desde o início. No caso da identidade, não funciona nem um pouco assim: o trabalho total *é direcionado para os meios*. Não se começa pela imagem final, mas por uma série de peças já obtidas ou que pareçam valer a pena ter, e então se tenta descobrir como é possível agrupá-las e reagrupá-las para montar imagens (quantas?) agradáveis. (p. 55)

De acordo com a analogia feita pelo sociólogo, somos capazes de apreender os movimentos primeiros de nossa identidade, mas nunca a maneira como ela se constituirá, visto que, de toda forma, ela jamais se consolidará de maneira uniforme ou unívoca, pois sua mudança é inevitavelmente fluida, contínua e inapreensível.

Os atuais conflitos geopolíticos estão, frequentemente, localizados nas fronteiras, local em que a identidade é incessantemente questionada e confrontada. O anseio por uma cultura unificada e homogênea leva à idealização de uma identidade nacional que corresponda a um território visto como “terra natal”, e os indivíduos

envolvidos nesse processo almejam, em última análise, à recomposição da “comunidade imaginada”.

De acordo com Silva, tal expressão foi utilizada por Benedict Anderson (1983) para justificar a tese de que o conceito de identidade nacional é diretamente dependente da ideia que fazemos dela, ou seja, como não é possível conhecermos todos os indivíduos que fazem parte da nossa identidade nacional, temos de ter uma ideia partilhada daquilo em que consiste tal conceito. Nesse sentido, Silva conclui que “a diferença entre as diversas identidades nacionais reside, portanto, nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas” (p. 24).

As transformações nas estruturas econômicas e políticas no mundo contemporâneo colocaram em evidência as questões de identidade e as lutas para a (con) — (a) — afirmação das identidades nacionais e étnicas, e esse jogo de interesses econômicos e políticos faz com que essas comunidades imaginadas sejam a todo o momento contestadas e reconstituídas. A título de exemplificação, Silva menciona o caso da ideia de identidade europeia defendida por partidos políticos de extrema direita que surgiram nas últimas décadas como uma reação à suposta ameaça do “outro”. Nessa perspectiva, o autor aponta que:

Esse “Outro” muito frequentemente se refere a trabalhadores da África do Norte (Marrocos, Tunísia e Argélia), os quais são representados como uma ameaça cuja origem estaria no seu suposto fundamentalismo islâmico. (2000, p. 24)

Tal atitude, atualmente retratada no noticiário mundial, é fato constante em diversas partes da Europa com os fluxos migratórios oriundos do Norte da África rumo à Itália, Inglaterra e Alemanha, por exemplo.

De acordo com Silva, essa tendência da cultura ocidental de produzir um conjunto de representações sobre o Oriente, o que Edward Said (1987) chamou de “orientalismo”, constrói uma ponte entre o encanto e o perigo, o exótico e o hostil.

Nesse sentido, as visões construídas em torno do Oriente e da África do Norte pelos ocidentais dizem muito mais sobre estes do que sobre aqueles, uma vez que essas representações relevam os medos e as ansiedades ocidentais sobre a vida no Oriente e na África do Norte. Tendo como base um suposto fundamentalismo islâmico, o atual conceito do que seria o Oriente, o qual é construído, ou melhor, “demonizado”, segundo as palavras do próprio pesquisador, é a principal e nova ameaça às tradições liberais.

A globalização causou muitas mudanças em vários aspectos de nossas vidas, sobretudo no que concerne às estruturas sociais, de tal forma que a busca pela “unicidade” da identidade se tornou um dos aspectos mais marcantes da era pós-moderna, o que tende a reforçar o argumento segundo o qual o mundo contemporâneo vive uma crise de identidade. A esse respeito, Silva argumenta que:

As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuíram. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares no mundo contemporâneo – num mundo que se pode chamar de pós-colonial. (2000, p. 25)

Essa visada histórica a respeito dos conflitos entre diferentes identidades é prova de que essa questão pode ser estudada em diferentes contextos e sob perspectivas diversas. Analisada à luz da história, a identidade pode ser sempre questionada, se levarmos em consideração quem recupera, organiza e (re)conta os fatos históricos. A controvérsia, portanto, se dá devido à vantagem que recai sobre aqueles que estão sempre em posição de construir as suas próprias narrativas históricas. Muito semelhante à noção das “comunidades imaginadas”, o recurso histórico se baseia em elementos de um passado que representa a “unicidade” de um povo que imagina compartilhar os mesmos aspectos e ideais culturais.

Como expusemos até aqui, as visões segundo as quais a identidade pode ser considerada são diversas e mesmo contraditórias, de acordo com a concepção pós-moderna, assim nos parece pouco produtivo recorrermos a teorias e a narrativas fundadoras, bem como defendermos a ideia de que somos indivíduos autônomos e originais. Vivemos na era de inúmeras possibilidades, perspectivas e poucas certezas, de modo que para (re)começar o debate acerca da identidade, devemos ter em mente que precisamos conviver com as nossas diferenças. Isso implica assumir que seremos, inevitavelmente, confrontados com vários discursos, isto é, que a nossa “verdade” é apenas uma entre tantas outras possíveis.

1.2 Questões de identidade e de tradução: efeitos da linguagem

À primeira vista, pode parecer uma empreitada simples definir a noção de identidade. Poderíamos dizer que a identidade é simplesmente aquilo que se é. Nesse

sentido, o indivíduo que disser “sou brasileiro”, “sou estudante” e “sou homossexual” estaria pura e simplesmente a descrever sua própria identidade. Ao esboçar tal descrição, notamos que há um espectro bastante positivista nessa visão, uma vez que ela tem como principal referência o si mesmo. De maneira similar, porém em direção oposta, a diferença também poderia ser definida de maneira simples, isto é, a diferença seria aquilo que não se é, ela seria, portanto, aquilo que o outro é, por exemplo, poderíamos dizer de um sujeito que: “ela é japonesa, ela é divorciada e ela é homossexual”. Nesse sentido, tanto a identidade quanto a diferença, devido ao seu caráter autorreferente, são o que são e não dependem de nada para existir. Se considerarmos, no entanto, que tais definições só são criadas por meio da linguagem, concluiremos que tanto a identidade quanto a diferença são resultados de atos de criação linguística. Consequentemente, elas só existem de acordo com as regras do sistema linguístico em que são criadas. (Cf. Silva, 2000, p. 75)

Essa visada que analisa a criação de significados como sujeita a determinadas propriedades da língua foi estudada primeiramente pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure, na obra intitulada *Curso de Linguística Geral* (1916/2012). Cabe ressaltar que o livro não foi escrito por Saussure, mas sim organizado postumamente por Charles Bally e Albert Sechehaye, com base em anotações feitas ao longo de cursos oferecidos pelo linguista na Universidade de Genebra, representando, assim, o marco inaugural da fase estruturalista dos estudos da linguagem.

Segundo Saussure, a linguagem é fundamentalmente um sistema de diferenças. Nessa linha de raciocínio, os elementos linguísticos – os signos – não têm um valor absoluto, isto é, não significam se forem considerados isoladamente. Essa afirmação nos ajuda a compreender a tentativa de definir a identidade e a diferença exposta anteriormente. Se os signos linguísticos não significam isoladamente, podemos concluir que as afirmações “sou brasileiro”, “sou estudante” e “sou homossexual” só poderiam representar a nossa identidade a partir da negação, ou seja, dizer que “sou brasileiro”, anuncia, também, que não sou argentino, chinês e assim por diante. Esse recurso linguístico teria por finalidade facilitar a comunicação, uma vez que dizer o que não somos, nos tomaria muito mais tempo; porém, é inegável que tal recurso enunciativo “diz” ao mesmo tempo em que diz algo de nós mesmos, parece “esconder” muitos outros sentidos (Cf. Silva, 2000).

Dizer escondendo, esconder ao dizer: mecanismos linguísticos que provam que tanto a diferença quanto a identidade não são princípios da natureza, essenciais, pelo

contrário, elas são produzidas linguisticamente. Como frutos da linguagem, podemos dizer, em última análise, que a identidade e a diferença são constantemente produzidas no contexto de relações culturais e sociais, de modo que não podem ser compreendidas fora dos sistemas de significações nos quais ganham forma. Entretanto, isso não significa dizer que a identidade e a diferença já estão, definitivamente, determinada pelos sistemas linguísticos, pois a linguagem também é instável.

Segundo Deângeli (2012), a partir da leitura do signo desconstruído de Saussure, o filósofo franco-argelino Jacques Derrida mostrou como essa ideia de instabilidade e incompletude do sujeito abalou os princípios já estabelecidos, e estabilizados, de nossa visão de mundo. Trata-se agora de dizer, por meio da língua, os desarranjos identitários derivados de nossa própria ideia de representação e, conseqüentemente, de linguagem. É toda questão da “presença” e da maneira como esta se (re)-(a)-presenta que traz à baila Derrida, com os questionamentos em torno da ideia do originalmente próprio e do acidentalmente derivado (Cf. Deângeli, 2012, p. 42), logo, da “realidade” e de sua representação; questões que afetam nossa concepção de linguagem.

No ensaio intitulado “A produção social da identidade e da diferença” (2002), Tomaz Tadeu da Silva retoma as leituras efetuadas por Derrida, enfatizando a questão da ilusão necessária da presença para o funcionamento do signo linguístico. Segundo o autor:

Mas a natureza da linguagem é tal que não podemos deixar de ter a ilusão de ver o signo como uma presença, isto é, de ver no signo a presença do referente (a "coisa") ou do conceito. É a isso que Derrida chama de "metafísica da presença". Essa "ilusão" é necessária para que o signo funcione como tal: afinal, o signo está no lugar de alguma outra coisa. Embora nunca plenamente realizada, a promessa da presença é parte integrante da ideia de signo. Em outras palavras, podemos dizer, com Derrida, que a plena presença (da "coisa", do conceito) no signo é indefinidamente adiada. É também a impossibilidade dessa presença que obriga o signo a depender de um processo de diferenciação, de diferença [...]. Derrida acrescenta a isso, entretanto, à ideia de traço: o signo carrega sempre não apenas o traço daquilo que ele substitui, mas também o traço daquilo que ele não é, ou seja, precisamente da diferença. Isso significa que nenhum signo pode ser simplesmente reduzido a si mesmo, ou seja, à identidade. (Silva, 2002, p. 78)

A ideia do traço trabalhada por Derrida pode ser aplicada à nossa reflexão acerca da identidade e da diferença. Ao retomar o exemplo “sou brasileiro”, notamos que tal afirmação carrega “o traço” da diferença, o traço do outro, ou seja, que “não sou

argentino”, “não sou chinês” etc. Nas palavras de Silva, “a mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)” (p. 79).

Para melhor ilustrar a questão da ausência e da presença em Derrida, Silva toma como exemplo a consulta ao dicionário. Segundo o autor:

Quando consultamos uma palavra no dicionário, o dicionário nos fornece uma definição ou um sinônimo daquela palavra. Em nenhum dos casos, o dicionário nos apresenta a “coisa” mesma ou o “conceito” mesmo. A definição do dicionário simplesmente nos remete para outras palavras, ou seja, para outros signos. A presença da “coisa” mesma ou do conceito “mesmo” é indefinidamente adiada: ela só existe como traço de uma presença que nunca se concretiza. Além disso, na impossibilidade da presença, um determinado signo só é o que é porque ele não é um outro, nem aquele outro etc. (2000, p. 79)

A perspectiva explorada por Silva vai ao encontro do que expusemos até aqui, que a existência dos significados só é possível através da diferença. Dito de outro modo, a diferença é marcada em cada signo linguístico como um traço, ela se faz presente; porém, não é facilmente notada, não se pode observá-la de antemão, mas também não podemos negar a sua presença.

Se a desconstrução da noção de “identidade” do signo traz novos posicionamentos em relação aos estudos da linguagem, no campo dos estudos da tradução, de maneira específica, as interpretações decorrentes de tal empreitada darão também um novo rumo ao que até então era comumente tomado como “certo” e tido como verdade em/de tradução.

Traduzir, no imaginário popular, é uma atividade que se dá por meio da passagem de determinado conteúdo linguístico de uma cultura para outra, na qual o tradutor, conhecedor de ambas as línguas, é capaz de trazer o outro até nós em sua integridade, baseando-se no texto “original” e, principalmente, na concepção de fidelidade ao autor do mesmo. Nessa perspectiva, a tarefa do tradutor se resume a traduzir palavra por palavra, como se a língua fosse o local de certeza e de transparência. O tradutor seria o responsável por estabelecer esse diálogo entre culturas, executando a sua tarefa sem jamais se colocar no texto que traduz. Entretanto, essa visão de tradução passou a ser questionada no final do século passado e continua sendo na contemporaneidade.

À luz dos estudos pós-estruturalistas da linguagem, Rosemary Arrojo, em seu livro *Oficina de Tradução* (1986), refuta as ideias dos teóricos que sustentam a atividade tradutória como transferência ou substituição.

Segundo Arrojo (1986, p. 20), o linguista Catford considera a tradução como a substituição do material textual de uma língua pelo material equivalente em outra. Na mesma perspectiva, Nida defende a ideia de que algumas palavras “carregam” vários conceitos, enquanto outras têm que se unir para conter apenas um, e compara as palavras de uma sentença a uma fileira de vagões de carga. Nesse sentido, como observa Arrojo (p. 12), para Nida o que importa “não é quais vagões carregam quais cargas”, nem tampouco a sequência dos vagões; o que lhe interessa é a certeza de que toda a carga chegue ao seu destino.

Notamos que essa visão tradicional sustenta a ideia de que o “texto original” apresenta sentidos fixos, completos e homogêneos, ao descrever o ato de traduzir como um simples transporte de significados de uma língua para a outra. De acordo com Arrojo:

A imagem exemplar do texto “original” deixa de ser, portanto, a de uma sequência de vagões que contêm uma carga determinável e totalmente resgatável. Ao invés de considerarmos o texto, ou o signo, como receptáculo em que algum “conteúdo” passa a ser depositado e mantido sob controle, proponho que sua imagem exemplar passe a ser a de um palimpsesto. (1986, p. 23)

Ao trazer para a cena imagem do palimpsesto, a autora contesta a ideia amplamente disseminada de que o texto é o local em que “se depositam” e “se preservam” os significados, sugerindo que, à maneira de um palimpsesto, o texto é apagado e refeito a cada tradução. Para Arrojo, esse processo de reescritura se deve por duas razões. Primeiramente, porque a tradução apresenta marcas do tempo em que foi produzida; o que sustenta a tese de que cada época tem sua maneira de interpretar o mundo. Segundo, porque a tradução é destinada a uma comunidade interpretativa específica, devendo ser pensada de acordo com os aspectos culturais para onde será destinada. Por essa razão, os textos contêm características e efeitos de sentidos irreproduzíveis.

Para exemplificar os princípios de tradução defendidos nessa visão tradicionalista, cujo teórico pioneiro é Alexander Fraser Tytler, Arrojo menciona a obra de Pierre Menard, personagem fictício criado pelo escritor argentino Jorge Luis

Borges. De acordo com Arrojo, Tyler lista três princípios básicos para uma boa tradução: “1) a tradução deve produzir em sua totalidade a ideia do original; 2) O estilo da tradução deve ser o mesmo do original; e, 3) a tradução deve ter a fluência e a naturalidade do texto original” (p. 20). No entanto, a autora questiona esses princípios e os desmistifica, ao analisar a obra de Borges.

De maneira similar a Catford e Nida, Menard tem uma visão tradicional de tradução, a qual considera o significado das palavras independentemente do contexto em que estão introduzidas. Tal concepção entende o ato tradutório como forma de reprodução de ideias, de estilos e efeitos de sentido do texto da língua de partida para a língua de chegada.

As questões de “texto fonte”, bem como a de “equivalência” entre as línguas também foram repensadas à luz das reflexões de Derrida, de sua “desconstrução” do signo saussuriano, da noção de fala e de escrita, presença e ausência e de outros operadores textuais que ele nomeia de “indecidíveis” (Cf. Deângeli, 2012).

Rodrigues, em sua obra *Tradução e diferença* (2000), a partir de suas leituras de Derrida, tece algumas reflexões a respeito do termo “texto original” e do seu suposto sinônimo “texto-fonte”. Segundo a autora:

Os dois termos pressupõem a existência de uma fonte, ou origem, mais ou menos transparente que carregaria, em si, a plenitude de um sentido intencional. No entanto, se analisarmos a ligação entre os termos, como o faz Derrida (1972/1991), concluiremos que nossa relação com os textos não pode ser de regresso à fonte, ou à origem, pois a fonte, “na pureza de sua água, está sempre disseminada longe de si própria e não tem relação consigo enquanto fonte”. (p. 203)

Nessa perspectiva, o texto aparece como puro movimento, fonte heterogênea na qual é impossível retomar significados prontos, ou seja, o tradutor já não mais é o responsável pelo transporte de significados sem a alteração de sentidos, pois, traduzir, aqui, é interpretar, e a cada interpretação feita entra em jogo a subjetividade de quem executa o ato tradutório. Dito de outro modo, é por meio da interpretação que o ato tradutório se realiza, logo, a cada leitura cria-se um novo texto e esse movimento, segundo Rodrigues, nunca é de regressão, de “retorno à fonte”, de forma que se torna irrealizável, por meio da tradução, (re)construir os sentidos dados pelo autor. Assim, a cada leitura/tradução algo se altera, resultando sempre em um texto novo, e a leitura

deste, por sua vez, se desdobrará em outras transformações, de modo que ao lermos/traduzirmos damos continuidade a essa cadeia infinita de ressignificação.

Quanto às questões atinentes à equivalência entre as línguas, Rodrigues (2000) também afirma:

Não há termos plenos, fechados em uma estrutura estática, taxonômica ou a-histórica; “cada elemento se constitui a partir do rastro dos outros elementos da cadeia ou do sistema”, do que decorre que haja apenas, “por toda parte, diferenças e rastros de rastros”. (p. 198)

De tal afirmação, depreendemos que a tão sonhada lista de palavras com seus respectivos “equivalentes”, muito utilizada para agilizar o fazer tradutório e assim desvendar os sentidos do texto de partida, não passa de uma ilusão, já que, nessa linha de raciocínio, quando buscamos o significado de uma palavra, sempre nos deparamos com outro significado. Segundo essa concepção de tradução, o processo de significação se dá por remissões, isto é, o sentido da palavra nunca está exclusivamente em si mesma, de forma que o que consideramos como tal nada mais é do que o rastro deixado na relação estabelecida entre os signos, em virtude da diferença existente entre eles. Nesse sentido, ainda de acordo com Rodrigues, “ao definirmos algo, estamos ao mesmo tempo construindo e destruindo tudo o que designamos por meio da linguagem” (RODRIGUES, 2000, p. 199).

Outra questão muito presente nos estudos da tradução diz respeito à oposição entre os termos “domesticação” e “estrangeirização” propostos pelo teórico norte-americano Lawrence Venuti. Nessa abordagem, a tradução domesticadora seria aquela na qual as práticas tradutórias buscariam ocultar as diferenças culturais, adaptando tudo à cultura de chegada, e a tradução estrangeirizadora, por sua vez, seria aquela que mantém a estranheza do texto original e da cultura de partida, deixando transparecer a origem estrangeira do texto traduzido. Embora o pesquisador aponte que toda tradução envolve uma interpretação e, portanto, algum grau de domesticação (2002, p. 17), Venuti critica a tradição de valorização da tradução fluente, muito presente na cultura anglo-americana, que, segundo o autor, é extremamente domesticadora (1995, 2002).

De acordo com Venuti (1995), o uso do discurso fluente, da ilusão de transparência da tradução, camufla a diferença do texto e da cultura estrangeira, ao mesmo tempo em que mascara a violência etnocêntrica da tradução, na medida em que inscreve no texto traduzido uma interpretação parcial baseada em valores da cultura-

alvo. A subversão do discurso fluente, isto é, a adoção de uma prática de tradução estrangeirizante, poderia, segundo o autor, conter essa violência, com importantes implicações culturais e geopolíticas.

A não valorização do trabalho do tradutor, para Venuti, também é resultado em parte da prática da tradução domesticadora, na medida em que a produção de traduções fluentes envolve recursos discursivos que normalizam a língua de chegada, provocando a ilusão de que o leitor está diante de um texto “original”, não traduzido. (Cf. Venuti, 1995, p.1)

Interpretações mais radicais das ideias do Venuti podem nos levar a pensar a tradução somente nessa dicotomia estrangeirização x domesticação; entretanto, assim como as dicotomias mais antigas (literal x livre, equivalência formal x dinâmica, etc.), a oposição entre estrangeirização e domesticação também é problemática. Devido à complexidade envolvida em cada situação tradutória, torna-se impossível classificar uma tradução apenas como estrangeirizante ou domesticadora. Semelhante a outras dicotomias, essas não são duas categorias estanques, de modo que a tradução de um mesmo texto pode apresentar ambas características, ou até mesmo apresentar escolhas tradutórias que não representam nem uma nem outra posição, o que nos obriga a pensar na questão ética envolvida no ato tradutório.

A problemática da ética no campo de estudos da tradução levanta questões relevantes tanto sobre o contexto em que se traduz e se teoriza, quanto questões vinculadas a políticas e ideologias. Em seu texto “A ética da apropriação” (2008), Rodrigues chama a atenção para a dificuldade em lidar com a oposição binária “doméstico” e “estrangeiro”, pois, segundo a autora: “as estratégias de domesticação ou de estrangeirização podem ser analisadas por diferentes ângulos, cada um deles oferecendo implicações políticas e ideológicas, muitas vezes conflitantes” (p. 17).

Tais preocupações afloram de maneira explícita no campo da tradução jornalística, em que o processo de escrita parece responder, num primeiro momento, a questões que estão bem distantes do cuidado com o estilo.

Partindo de uma análise preliminar da tradução de títulos jornalísticos, a estranheza ou a familiaridade com que se apresenta a “chamada” de uma determinada notícia não está relacionada somente ao fato de conhecermos ou não um país ou uma língua, mas, parece-nos que as “estratégias” de tradução em jogo refletem, efetivamente, uma ressignificação política do outro, quer a tradução se enverede pelos

caminhos da “domesticação”, quer ela se apresente sob uma perspectiva “estrangeirizadora”.

Se, por um lado, as estratégias de domesticação podem ser vistas como um esforço do tradutor em valorizar a sua língua materna e seu modo de expressão, tornando a leitura do texto mais fluida e transparente; por outro, segundo Rodrigues (2008), esse procedimento promove o apagamento do tradutor no texto, uma vez que ele se apropria do outro, no sentido de torná-lo doméstico, próprio, ou seja, fazendo com que a tradução seja “fluente” e “transparente”, ao eliminar qualquer estranhamento no texto traduzido. A autora ressalta também em seu texto que a teoria e a prática de Venuti são originadas pela posição de onde ele fala, isto é, do polo hegemônico dos Estados Unidos. Assim, a autora considera a prática tradutória sugerida por Venuti “inconveniente” por duas razões: primeiro, porque o Brasil não ocupa a mesma posição política e econômica que os Estados Unidos; segundo, porque, como nos consideramos culturalmente subordinados a eles, já lhes damos bastante voz. Nesse sentido, para a autora, a prática domesticadora é uma maneira de resistir à hegemonia do outro e marcar uma posição política de resistência ao estrangeiro.

Assim, a tradução considerada não ética, por reduzir o Outro e tirar-lhe a voz, pode ser analisada como uma maneira de valorizar a cultura e a tradição nacional, contrariando o velho hábito de prestigiar o que vem de fora. No entanto, esse tema é complexo por inúmeras razões, mas especialmente porque, se analisado pelo lado hegemônico, a domesticação seria redutora; ao passo que, se visto pela ótica do “subordinado”, não o é, tornando-se somente uma forma de resistência.

Com essa análise, Rodrigues coloca em evidência a responsabilidade do tradutor quanto à construção de identidades. Uma simples escolha de notação pode ser analisada como forma de resistência, de não se deixar apropriar pelo estrangeiro, ou seja, na escolha de um vocábulo ou expressão, por exemplo, pode ser atribuído um valor que ultrapassa as questões semânticas e de equivalências, na medida em que tal escolha é (in)voluntariamente comprometida ideologicamente com o meio em que o ato tradutório se concretiza.

Essa é uma das razões pelas quais a questão ética no processo tradutório é considerada complexa. Para Rodrigues, não se deve analisar se uma tradução está mais próxima do polo da adequação, seguindo o texto de partida, ou do polo da aceitabilidade, de acordo com a cultura para a qual o texto traduzido se destina. Tal análise é insuficiente, uma vez que não leva em conta as implicações das escolhas do

tradutor, bem como as relações de poder ou resistência envolvidas no processo tradutório. Da mesma forma que avalia redutora a análise de forma dicotômica, considerando positivo o acolhimento do outro e negativo o etnocentrismo e a domesticação.

Para a pesquisadora, a dificuldade em lidar com a questão ética no texto traduzido consiste não na oposição binária entre o “doméstico” e o “estrangeiro”, mas sim na intrínseca relação estabelecida entre eles, o que pode gerar consequências imprevisíveis. No entanto, Rodrigues aponta que é possível tanto ouvir o outro pela apropriação de um texto quanto por uma tentativa de recriação do seu modo de significar, o que, conseqüentemente, nos impossibilita afirmar, à priori, qual das duas maneiras seria ética.

Ainda no campo dos estudos da tradução, os estudos do filósofo francês Marc Crépon também constituem um aporte significativo para nossas reflexões. Crépon analisa a relação entre as culturas, a geopolítica dos estados-nação, sob a ótica da tradução.

De acordo com o autor, a tradução entre culturas pode ser considerada sob duas perspectivas: num horizonte cosmopolita e num horizonte crítico. No primeiro caso, a tradução é vista como uma relação de trocas mútuas, na qual tanto a cultura traduzida quanto a que traduz se enriquecem através da descoberta e do intercâmbio de conhecimentos e costumes, o que, conseqüentemente, faz com que ambas reconheçam não somente suas respectivas identidades, como também suas características em comum.

Crépon, entretanto, assinala que o problema dessa visão residiria no fato de que essa interculturalidade seria pensada, na maioria das vezes, como o resultado de uma visão harmônica e hegemônica do outro, da língua e da cultura, e concebida num horizonte teleológico. Segundo o autor, devemos considerar que, por razões históricas, há culturas que se encontram em posição favorável para imporem a necessidade de ser traduzidas, ao passo que outras dificilmente serão reconhecidas e conhecerão o caminho da tradução.

De acordo com o autor, pensar a relação entre culturas como tradução nos impede de falar das diferenças culturais como “entidades” puras, isto é, a partir da ideia de cultura homogênea, uma vez que os “deslizes” presentes na tradução resultariam na impossibilidade de a cultura traduzida ser idêntica a ela mesma. Por essa razão, a cultura

traduzida seria, progressivamente, o espelho de todas as outras, levando-nos a pensar a tradução num horizonte cosmopolita.

Partindo desse ponto de vista, Crépon desenvolve algumas considerações, a saber: primeiramente, que a tradução se apresenta como um trabalho, como uma obra que conduz o homem a certa direção; segundo, que tanto traduzir quanto ler traduções é uma experiência que torna impossível o isolamento do sujeito em relação à outra cultura, desmistificando assim o ideal de pertencimento pelo viés linguístico, uma vez que o que vem até nós, na “nossa língua”, através da tradução, vem de uma língua outra, de fora e, supostamente, “pertencente” ao outro. A esse respeito, Crépon aponta que:

Isso que chega à língua, isso que me chega pela língua me vem de alhures. Basta dizer que a tradução opera uma verdadeira desapropriação da minha (nossa) língua – *ela a deporta em direção a uma comunidade que não é mais somente aquela dos seus co-locutores*. Ela me aproxima daqueles que falam outras línguas (as línguas traduzidas), da mesma forma que o que se traduz da língua deles na minha língua os aproxima de mim e faz com que essa língua não seja mais de modo algum, ou pelo menos não mais exclusivamente, a minha. (2004, p. 257, grifos nossos)

De acordo com Crépon, portanto, a tradução seria a responsável por nos aproximar não somente de outra comunidade linguístico-cultural, mas também de uma nova língua - a língua traduzida -, que, de certo modo, não podemos dizer que seja exclusivamente nossa nem do outro. Para o autor é todo sentimento de pertencimento e de apropriação linguística que são abalados pelo movimento da tradução. Ainda, segundo Crépon, a tradução é o exercício que desestabiliza, por excelência, “o mapa do meu e do seu” (p. 257).

Quando pensamos em produção e tradução jornalística, a ideia segundo a qual a tradução impõe certa “desapropriação” da língua se torna mais evidente, na medida em que o resultado final de uma notícia, quer ela seja traduzida ou não, decorre muitas vezes não só de quem assina a manchete, mas também de toda uma equipe que participa da coleta de informações e da produção do texto. Esse percurso para a construção de notícias, especialmente por meio da tradução, reforça a tese de que a tradução nos leva sempre na direção oposta à de seus co-locutores, ou seja, que a tradução de notícias é pensada de acordo com a comunidade interpretativa¹ que a consome. Nesse sentido, as

¹ O conceito de comunidade interpretativa que adotamos nesta pesquisa é o mesmo apresentado pelo pesquisador Staley Fish, no artigo *Is there a text in this class?* (1980). Em linha gerais, com esse conceito

trocas, os enxertos e as passagens tão presentes e necessárias na tradução de notícias são o que permitem a perpetuação e, paradoxalmente, a desconstrução das identidades. É sob essa perspectiva que podemos compreender o pensamento de Crépon de acordo com o qual a tradução é um mecanismo que permite (re)inventar a identidade (Cf. Crépon, 2004, p. 272).

Consideramos que essas reflexões são relevantes para nosso trabalho, uma vez que elas nos levam a pensar o horizonte cultural em que os textos são produzidos, ou, para dizer como Crépon, simplesmente “traduzidos”.

2. Mecanismo de produção e de tradução jornalística

2.1 A arquitetura do texto jornalístico: discursos (d)e dominação

A sociedade contemporânea é marcada por uma série de mudanças em todas as esferas. O dinamismo dos meios de produção e comunicação, bem como o fácil acesso à informação na era da tecnologia são os principais responsáveis pelas novas formas de relações sociais e, sobretudo, pelo processo de construção das identidades.

O consumo dos discursos que circulam na mídia assume um papel crucial na construção de nossas identidades, na medida em que tais discursos são majoritariamente construídos e disponibilizados em ambiente digital. Tal afirmação significaria dizer que as mídias nos manipulam com mais facilidade do que faziam antigamente? Muitos dizem que sim. Para esses, as mídias continuam sensacionalistas e muito inclinadas a visões políticas tendenciosas. Em contrapartida, os detentores dos meios de produção midiática sustentam a ideia de que trabalham em defesa do direito democrático de todos terem acesso à informação.

Essa é uma das questões tratadas por Patrick Charaudeau em *Discurso das Mídias* (2005/2015). Nessa obra, Charaudeau enumera as três principais lógicas que regem as mídias, a saber: a econômica, a tecnológica e a simbólica. A primeira, se justifica porque os veículos de comunicação são empresas que visam ao lucro. A segunda, por ser um elemento decisivo para o alcance e a disseminação da informação. A última, porque a mídia se vende como meio democrático de informação com objetivo de satisfazer às necessidades e aos anseios da população. Mais especificamente, a respeito da lógica simbólica, Charaudeau (2005/2015) afirma que:

Trata-se da maneira pela qual os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem as representações dos valores que subjazem a suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido. Não deixa de ser paradoxal, no final das contas, que seja essa lógica que governe as demais. (p. 16)

A fim de melhor compreender os discursos midiáticos, o autor propõe que alguns conceitos preconcebidos em relação às mídias sejam revistos. O primeiro conceito é o que considera as mídias como uma instância de poder, uma vez que elas não têm autoridade para impor regras e sanções à população, ao contrário da justiça, do exército e da igreja, por exemplo. O segundo conceito diz respeito à afirmação segundo

a qual as mídias manipulam os indivíduos, o que, de acordo com o autor, não seria verdade, pois, os discursos midiáticos devem atender à lógica do mercado, ou seja, antes mesmo de manipularem os seus consumidores, as mídias são automanipuladas mesmo sem se darem conta disso. Por essa razão, Charaudeau afirma que “as mídias manipulam tanto quanto manipulam a si mesmas” (p. 18). Enfim, o terceiro conceito refere-se à ideia muito disseminada de que as mídias retratam a realidade social.

Na verdade, as mídias, ao relatarem um acontecimento, constroem uma representação que assume lugar de realidade. A respeito da representação do real, o autor atesta que:

A ideologia do “mostrar a qualquer preço”, do “tornar visível o invisível” e do “selecionar o que é o mais surpreendente” (as notícias ruins) faz com que se construa uma imagem fragmentada do espaço público, uma visão adequada aos objetivos das mídias, mas bem afastada de um reflexo fiel. Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo. (p. 20)

Com isso, pode-se dizer que as mídias, em suas diversas formas e linguagens, interferem umas nas outras, sem que seja possível determinar qual delas domina e quais são dominadas. Considerando essa lógica, pode-se afirmar que a mídia tem o poder de construir a “representação” do que seria a realidade, ou seja, ela impõe aquilo que fabrica, vendendo sempre o seu próprio ponto de vista, ao produzir reportagens que são apenas fragmentos de fatos e/ou acontecimentos vistos pelos olhos do outro. Acontecimentos esses que são organizados cultural e linguisticamente com direção e alvo predeterminados. Daí a relevância de analisarmos o tratamento linguístico dado à notícia. A esse respeito, Charaudeau explicita que:

A informação é pura enunciação. Ela constrói saber e, como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento. (p. 36)

Dessa forma, é possível afirmar que a construção do sentido só é possível por meio da utilização da linguagem em situação de interação social, pois o sentido não é algo dado de antemão ele é fruto de um cont(r)ato social. Por essa razão, Charaudeau traz à baila em sua obra a questão da alteridade, já que de acordo com a filosofia da

linguagem é a partir da percepção do outro que o homem produz o discurso. Assim, o discurso antes de ser uma representação do mundo é uma representação da interação social. E, em última análise, o discurso pode ser entendido como o lugar no qual o saber e o poder se articulam.

A partir dessa perspectiva, é possível interpretar como os veículos midiáticos produzem os enunciados em suas chamadas, como se dá a escolha das palavras que vão compor os títulos etc. O tratamento dado à produção das manchetes depende dos efeitos de sentidos que o informador deseja produzir, dos fatos selecionados e dos veículos em que serão divulgados. Além disso, nesse processo de produção entra em jogo a inteligibilidade do conteúdo informativo, fato que está diretamente relacionado às escolhas discursivas do jornalista. A esse respeito, Charaudeau ressalta que:

Ora, toda escolha se caracteriza por aquilo que retém ou despreza; a escolha põe em evidência certos fatos deixando outros à sombra. A cada momento, o informador deve perguntar-se não se é fiel, objetivo ou transparente, mas que efeito lhe parece produzir tal maneira de tratar a informação e, concomitantemente, que efeito produziria uma outra maneira, e ainda uma outra, antes de proceder a uma escolha definitiva. (p. 38)

Isso prova que as palavras e os sentidos não são transparentes em si mesmos, pois a linguagem é opaca e cheia de armadilhas. Os recursos para a produção de sentidos são numerosos, entre eles, Charaudeau explica que uma palavra pode ter mais de um sentido (polissemia), ou que a relação de sentidos pode se dar por aproximação (sinonímia), ou ainda por meio de um valor referencial (aquele que descreve um estado do mundo). Isso para mencionar apenas três recursos linguísticos (Cf. Charaudeau, 2015, p. 38).

Diante disso, os analistas de discurso, como Charaudeau, questionam os efeitos interpretativos que levam um veículo a escolher determinada manchete em detrimento de outras. Tanto a escolha dos conteúdos quanto a forma como transmiti-los não atendem apenas a normas linguísticas de clareza e precisão, mas também aos possíveis efeitos de sentidos que se queiram provocar no leitor, com a finalidade de influenciar a opinião pública.

Embora não seja possível controlar o modo como determinada informação será recebida, os jornalistas devem levar em conta os efeitos imprevistos que o conteúdo informativo pode vir a produzir.

Reflexão semelhante foi feita pelo pesquisador francês Pierre Bourdieu. O sociólogo, que abalou a televisão num discurso que virou *best seller*, em 1997, afirma que os jornalistas buscam, ou acreditam buscar, o extraordinário, o extracotidiano no jornal televisivo. Embora em sua obra *Sobre a televisão* (1997) Bourdieu se refira ao telejornalismo, acreditamos que suas ideias abarcam o discurso midiático em todas as suas formas, sejam elas apresentadas na televisão, no jornalismo impresso ou, ainda, disponibilizados em ambiente digital.

Segundo Bourdieu, o jornalismo televisivo é construído de maneira paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que mostra, omite, tornando difícil para o sujeito avaliar o que, supostamente, o telejornalismo faz: informar.

Assim, os jornalistas são levados a retratar a realidade em função não só de suas próprias categorizações da realidade, mas também são guiados pela lógica de sua profissão, selecionando material jornalístico que seja do interesse da instituição para a qual trabalham. Dessa forma, os jornalistas, em seu microcosmo socioprofissional, enxergam o mundo através de "óculos" que revelam uma realidade imposta em forma de objetividade, buscando sempre o sensacional, o espetacular.

A despeito de o telejornalismo ter como principal ferramenta o uso das imagens, essas imagens não teriam o mesmo efeito se não fossem acompanhadas de palavras. Como diz o próprio pesquisador: “Com palavras comuns, não se ‘faz cair o queixo do burguês, nem do ‘povo’” (p. 26). Com efeito, imagens e palavras fazem parte de um universo indissociável. A esse respeito, Bourdieu afirma que:

De fato, paradoxalmente, o mundo da imagem é dominado pelas palavras. A foto não é nada sem a legenda que diz o que é preciso ler – *legendum* -, isto é, com muita frequência, lendas, que fazem ver qualquer coisa. Nomear, como se sabe, é fazer ver, é criar, levar à existência. E as palavras podem causar estragos: islã, islâmico, islamita – o véu é islâmico ou islamita? E se porventura se tratasse simplesmente de um xale, *sem mais*? Acontece-me ter vontade de retomar *cada palavra* dos apresentadores que falam muitas vezes levianamente, sem ter a menor ideia da dificuldade e da gravidade do que evocam e das responsabilidades em que incorrem ao evocá-las diante de milhares de telespectadores, sem as compreender e sem compreender que não as compreendem. Porque essas palavras fazem coisas, criam fantasias, medos fobias ou, simplesmente, representações falsas. (1997, p. 26)

A busca pelo que não é ordinário, em meio ao mais do mesmo, do discurso midiático pode ser uma das razões pelas quais os jornalistas usem termos muitas vezes

apelativos na construção de suas reportagens. Ao tentar dar ares de extraordinariedade a fatos considerados desinteressantes, numa era em que a notícia se propaga com muita facilidade na rede, o trabalho do jornalista tem se tornado cada vez mais complexo.

Os jornais e os jornalistas se submetem às restrições impostas pelas fontes, pelas mesmas pesquisas de opinião e por toda uma série de mecanismos dos quais o mais relevante é a lógica da concorrência.

A eterna perseguição pelo furo de reportagem acaba com a variedade de conteúdo informativo. Como consequência, Bourdieu aponta a uniformização e a banalização dos conteúdos disseminados, o que torna os produtos jornalísticos homogêneos. Na verdade, o que temos é uma produção coletiva. Isso se deve em parte pelo fato de que, embora as notícias sejam assinadas por um jornalista em específico, o resultado final de uma reportagem não se reduz a um único jornalista, mas sim ao conjunto de jornalistas que constituem a redação de um jornal. Por essa razão, Bourdieu afirma que nunca sabemos quem é o “verdadeiro” sujeito de um discurso.

No discurso jornalístico, a originalidade é regularmente questionada devido às restrições coletivas que são impostas aos jornalistas e, sobretudo, devido às restrições da concorrência, uma vez que um determinado jornal passa a ser obrigado a publicar manchetes que os seus concorrentes estão publicando, mesmo que as julguem pouco interessantes. A esse respeito, Bourdieu salienta que:

Ninguém lê tantos jornais quanto os jornalistas, que, de resto, tendem a pensar que todo mundo lê todos os jornais. (Eles esquecem que, em primeiro lugar, muita gente não os lê e, em seguida, que aqueles que os leem leem um só. Não é frequente que se leia no mesmo dia *Le Monde*, *Le Figaro* e *Libération*, a menos que se trate de um profissional.) Para os jornalistas, a leitura dos jornais é uma atividade indispensável e o clipping um instrumento de trabalho: para saber o que se vai dizer é preciso saber o que os outros disseram. Esse é um dos mecanismos pelos quais se gera a homogeneidade dos produtos propostos. Se o *Libération* faz sua primeira página sobre tal acontecimento, o *Le Monde* não pode ficar-lhe indiferente, mesmo que pronto a se demarcar (*a fortiori* se é da TF1 que se trata) para marcar a distância e conservar sua reputação de altivez e de seriedade. (1997, p. 32)

Assim, para não frustrar seus públicos, os jornalistas não podem deixar de noticiar o que foi comentado “com sucesso” por seus pares nas outras emissoras.

Para além das questões mercadológicas que forçam o noticiário X oferecer ao seu público produto semelhante ao do noticiário Y, Bourdieu coloca uma questão

importante, porém pouco debatida: a que diz respeito à maneira como são informadas as pessoas encarregadas de nos informar.

Em linhas gerais, pode-se dizer que elas são informadas por outros informantes. Evidentemente, há agências e fontes oficiais de informações, como, ministérios, polícia etc; com as quais os jornalistas mantêm contato para tratar de assuntos específicos. No entanto, as informações de fatos do cotidiano são trocadas entre as próprias redações, o que também contribui para a homogeneização das notícias, na medida em que isso nivela o que é noticiado, de acordo com os interesses comerciais.

O uso inconsequente de certas palavras nos noticiários pode desencadear sentimentos fortes, frequentemente negativos, para quem assume o papel de agente nas ações descritas nas reportagens. O simples fato de relatar um caso implica sempre numa construção de sentido da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização tanto para o bem quanto para o mal.

De acordo com Charaudeau, a construção de sentido é um processo duplo que se dá a partir da troca social, definida pelo autor como processo de transformação e transação.

A transformação, segundo o autor, consiste em tornar um “mundo a significar” num “mundo significado”. Para que esse duplo processo de troca aconteça, é necessária a estruturação de categorias que vão permitir *a nomeação*, a qual abarca as especificidades de identificação dos seres do mundo; *a qualificação*, que emprega a esses seres propriedades; *a narração*, que descreve em que esses seres estão envolvidos; *a argumentação*, que oferece os motivos de determinada ação e *a modalização*, que avalia os seres, as propriedades, as ações e os motivos pelos quais tais ações se realizam. O autor ainda ressalta que o ato de informar deve, em essência, descrever, contar e explicar (Cf. Charaudeau, 2015, p. 41).

Por sua vez, a transação consiste em dar, para o sujeito que produz o ato de linguagem, a possibilidade de atribuir um significado psicossocial ao seu ato por meio dos seguintes parâmetros: a hipótese sobre a identidade do outro, o efeito que se almeja produzir, o tipo de relação que se ambiciona manter com esse outro e o tipo de regulação que se presume em função dos parâmetros anteriores. Para o autor, o ato de informar faz parte do processo de transação, uma vez que, em princípio, entre os envolvidos no ato de comunicação, supõe-se que um detém o objeto de saber e o outro não, tal fato estimula a troca de dados de um para outro, sendo que o que recebe a

informação é encarregado de compreender e interpretar a mensagem, ao mesmo tempo em que modifica o seu estado inicial de conhecimento.

Nesse sentido, o discurso da informação se concretiza não só em função dos dados, mas principalmente de acordo com a interpretação dada a eles na situação de troca. A esse respeito, Charaudeau observa que:

É, pois, inútil colocar o problema da informação em termos de fidelidade aos fatos ou a uma fonte de informação. Nenhuma informação pode pretender, por definição, à transparência, à neutralidade ou à factualidade. Sendo um ato de transação, depende do tipo de alvo que o informador escolhe e da coincidência ou não coincidência deste com o tipo de receptor que interpretará a informação dada. A interpretação se processará segundo os parâmetros que são próprios ao receptor, e que não foram necessariamente postulados pelo sujeito informador. Toda informação depende do tratamento que lhe é imposto neste quadro de transação. (2015, p. 42)

Com efeito, é sempre em relação ao outro que o discurso de informação se concretiza, já que todo ato discursivo depende da consciência da existência do outro, da assimilação e, ao mesmo tempo, da diferenciação em relação ao outro. Por esse motivo, o autor considera que a construção do saber depende do modo e da direção em que é orientado o olhar do homem. Quando o olhar é voltado para o mundo, tem-se a descrição de categorias que consistem em conhecimento. Mas, se voltado para si mesmo, tal olhar tende a construir categorias de crença (Cf. Charaudeau, 2015, p. 46). Independentemente do posicionamento tomado, a construção do saber está relacionada à atividade discursiva adotada para a compreensão do mundo. Assim, descrever, contar, explicar, bem como aderir ou distanciar-se do fato noticiado faz parte do conjunto de práticas discursivas que dão vida ao sistema de interpretação.

Segundo Charaudeau, os saberes relativos ao conhecimento tentam tornar o mundo inteligível. Trata-se de caracterizar as representações dos fenômenos do mundo de acordo com o que é percebido e como o que é percebido é descrito. Os saberes do conhecimento tendem a ser considerados mais objetivos e realistas, ainda que eles dependam da experiência social, cultural e civilizacional dos sujeitos, o que resulta numa certa estabilidade da visão estruturada do mundo, em oposição aos saberes de crença, que são essencialmente subjetivos.

Nessa perspectiva, os saberes do conhecimento podem ser estruturados em três categorias: *existencial*, que descreve a existência do objeto noticiado, apresentando-se

sob a forma discursiva de definição e de indicações factuais, por exemplo. *Evenemencial*, que descreve o que ocorre ou o que ocorreu. Essa categoria nos ajuda a ver ou imaginar o acontecimento, na medida em que chama a atenção ora para o processo de ação do evento, como, um acidente ou bombardeio, ora para uma declaração, que pode ser uma entrevista, ou, ainda, para a identificação dos agentes implicados no evento, como as vítimas, os aliados e/ou os oponentes de um acontecimento. Há, também, de acordo com o autor, a categoria *explicativa*, que descreve o porquê dos fatos. Ela oferece aos receptores os argumentos até então desconhecidos, com a finalidade de tornar inteligíveis os acontecimentos do mundo.

Quanto aos saberes de crença, Charaudeau sustenta a ideia de que eles resultam da atividade humana ao comentar o mundo por meio de uma visão mais subjetiva, ou seja, esses saberes consistem no olhar subjetivo que o sujeito lança sobre o mundo. Nesse sentido, a crença é responsável pela regulação das práticas sociais, na medida em que opera como instrumento de criação de normas efetivas de comportamentos e ideais, que ditam o que devemos ou não fazer, que definem o que é do “bem” ou do “mal”. Assim, quando explícita numa informação, a crença permite que os julgamentos sejam compartilhados. Nesse sentido, Charaudeau sustenta que:

Quando essas crenças se inscrevem numa enunciação informativa, servem para fazer com que o outro compartilhe os julgamentos sobre o mundo, criando assim uma relação de cumplicidade. Ou seja, toda a informação a respeito de uma crença funciona ao mesmo tempo como interpelação do outro, pois o obriga a tomar posição com relação à avaliação que lhe é proposta, colocando-o em posição reativa – o que não é necessariamente o caso da informação que se refere aos conhecimentos. Ao se dizer “Nova York é uma cidade estranha”, interpela-se duplamente o interlocutor: não só sobre o fato de ele conhecer ou não Nova York, mas também sobre a adesão ou rejeição à apreciação proposta. (2015, p. 46)

Dessa forma, pode-se dizer que o conhecimento de crença tem um grande valor de influência na mídia, na medida em que ele direciona diversos pontos de vista que circulam em nossa sociedade. Presentes nos títulos jornalísticos, tais crenças propagam representações, que nos levam a apreciar os fatos noticiosos segundo um julgamento positivo ou negativo e disseminam afirmações que (des)constroem identidades muitas vezes estereotipadas de grupos que ora são aceitos, ora são rejeitados na sociedade.

De acordo com Charaudeau, os saberes de conhecimento e os saberes de crença apresentam uma problemática que diz respeito à relação de percepção-construção

daquilo que o sujeito considera real. Trata-se, portanto, do conceito de representação. A esse respeito, o autor explica que:

As representações, ao construírem uma organização do real através de imagens mentais transpostas em discurso ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade, estão incluídas no real, ou mesmo dadas como se fossem o próprio real. Elas se baseiam na observação empírica das trocas sociais e fabricam um discurso de justificativa dessas trocas, produzindo-se um sistema de valores que se erige em norma de referência. (2015, p. 47)

Dessa forma, as representações revelam não só a elaboração de certa categorização social do real, mas também deixam transparecer o posicionamento de quem as criou. Essas categorizações, quando (re)apresentadas nos títulos jornalísticos, buscam atender a um desejo social, produzindo normas e revelando sistemas de valores tanto do veículo que as vende quanto do público que as consome.

Para Charaudeau, os saberes de conhecimento e de crenças surgem no interior do processo de representações. Daí a importância de analisarmos os títulos jornalísticos, pois estes, cuja função aparente é apenas a de “nomear” as reportagens, podem indagar efeitos interpretativos que ora se inclinam para os saberes de conhecimento, ora podem se enveredar para os saberes de crenças, propagando representações de toda sorte.

Os questionamentos acerca da credibilidade que se pode dar a uma informação também são uma preocupação presente nos estudos dos discursos da mídia. O interesse em saber qual o posicionamento político do veículo no qual a notícia será divulgada e o papel social desempenhado tanto pelo veículo quanto pelo jornalista são pontos cruciais para avaliar quem informa.

De acordo com Charaudeau, para verificar qual o grau de engajamento que o veículo e/ou jornalista manifesta em relação à informação transmitida, devem-se levar em conta quatro elementos. O primeiro elemento: *se o informador tem notoriedade*, pois, embora toda pessoa pública a tenha, essa posição não basta para que tudo o que vier dessa fonte seja digno de fé. Por conta da notoriedade, podem ser atribuídas às informações intenções manipuladoras. No entanto, se a notoriedade estiver ligada a certas profissões, por exemplo, médico, magistrados, a credibilidade da informação é legitimada culturalmente.

O segundo elemento: *se o informador é uma testemunha*, confirmada essa posição, sua fala não tem outra intenção a não ser de dizer o que viu e ouviu. Por ser

considerado “ingênuo”, não é suspeito de ser manipulador ou articulador de nenhuma estratégia de ocultamento, sendo o mais solicitado pelas mídias.

O terceiro elemento: *o informador é plural*, ou seja, refere-se à condição em que a informação tem várias fontes e/ou informadores. Nesse contexto, as informações podem desempenhar papel de reforço e confirmação, quando há convergência de ideias e dados, ou divergirem, ao promoverem o confronto de opiniões e testemunhos, permitindo ao sujeito que se informa construir sua própria verdade.

O quarto e último elemento: *o informador é um organismo especializado*. Trata-se do caso em que a fonte de informação deriva de centros institucionais responsáveis por recolher e armazenar informações. Isso lhe confere maior credibilidade perante a mídia e a sociedade, uma vez que tais centros objetivam se estabelecer na qualidade de lugar patrimonial, como, por exemplo, museus e arquivos. Por colocarem a informação à disposição de todos, tais estabelecimentos são menos suspeitos de manipulação, apresentando-se como dignos de fé.

Para além dos diferentes *status* apresentados, Charaudeau também reflete a respeito dos mecanismos existentes para a verificação do grau de engajamento do informador. Para o autor, por meios das marcas discursivas utilizadas nas reportagens, é possível revelar qual o interesse do informador em defender ou criticar uma informação. Tal situação pode se apresentar em dois momentos: quando o informador não explicita o seu posicionamento, tratando a informação de maneira “evidente”, ou seja, considerando-a como já dada e autossustentável. Nesse caso, a neutralidade e o apagamento do informador sugerem objetivação e autenticação à reportagem. Esses aspectos são verificados, sobretudo, nos discursos populistas.

Outro momento em que o grau de engajamento do informador é possível de verificação ocorre quando este explicita o seu posicionamento sob o tom de convicção, demonstrando a confiança que deposita em sua fonte. Segundo Charaudeau, as marcas discursivas mais frequentes nesse caso são “Estou certo de que...”, “Estou convencido de que...”. Assim, ao manifestar adesão ao que informa, o informador aponta para uma convicção que lhe é própria, o que coloca em risco a credibilidade do que diz, uma vez que pode ser taxado como um discurso do senso comum. Há, também, a possibilidade de explicitar engajamento, porém de maneira menos direta, fazendo uso de estruturas que expressem condição e/ou hipótese. Nesses casos, embora o valor de verdade da informação e o posicionamento do informador fiquem atenuados, ainda assim a

informação permanece com *status* temporário de verdadeira e o informador, com crédito.

Com isso, pode-se dizer que a notícia é construída por meio de diversas estruturas e formas textuais. No que se refere mais especificamente às formas textuais, Charaudeau aponta que as formas mais frequentes são de anúncios, de notificações e de artigos. Os acontecimentos relatados no discurso das mídias são constituídos por *fatos e ditos*. Nessa perspectiva, há momentos em que os fatos têm relação com os comportamentos dos indivíduos e com as ações que estes realizam. Em outros momentos, os fatos estão relacionados aos acontecimentos decorrentes das “forças da natureza”, como, por exemplo, as catástrofes naturais.

O autor parte da ideia de que para que um fato se torne notícia, este tem de ser objeto de descrição, de explicação e de reações. Assim, pode-se dizer que a construção de uma notícia por meio de um fato relatado depende da encenação discursiva operada pelo jornalista. Dessa forma, constrói-se uma história segundo um esquema narrativo intencional, no qual podem ser identificados os atores e as consequências de suas ações. Em outras palavras, para que um fato relatado seja validado como notícia na mídia, este deve ser capaz de responder às seguintes perguntas: O que aconteceu? Quais os atores envolvidos? Onde? E quando a ação se desenrolou?

No entanto, Charaudeau chama atenção para o fato de que o problema que se coloca na instância midiática diz respeito à verossimilhança e/ou autenticidade daquilo que se descreve. E tal impasse, obviamente, só pode ser resolvido mediante apresentação de provas. Além disso, ao tentar explicar um fato, espera-se que na construção da notícia sejam usados elementos que nos permitam saber o que motivou o acontecimento em tela, quais as intenções de seus atores e as consequências que podem daí decorrer. A esse respeito, o pesquisador aponta que:

Isso porque toda narrativa se fundamenta não na simples lógica dos fatos, mas na conceitualização intencional construída em torno de diferentes questões: a da origem (“por que as coisas são assim?”), a da finalidade (“para onde vão as coisas?”) e a do lugar do homem no universo (“por que eu sou assim no meio dessas coisas?”) (2015, p.154).

Dessa forma, pode-se concluir que as respostas, ou tentativas de respostas, a essas questões fazem do acontecimento uma notícia.

As palavras do outro sempre estão presentes em nosso ato de enunciação, constituindo uma forma de diálogo entre o discurso do outro e o nosso, prova que todo discurso é heterogêneo, por definição. No entanto, é importante reconhecer que o discurso do outro pode aparecer em nosso discurso de diferentes modos, ora de maneira explícita, ora de maneira atenuada. É esse tipo de enunciado que Charaudeau nomeia de discurso relatado.

De acordo com autor, o discurso relatado é fruto de uma dupla operação: de reconstrução e de desconstrução. De reconstrução, pois o discurso relatado executa uma mudança enunciativa do já dito por meio da apropriação ou rejeição deste último pelo relator final. De desconstrução, porque o discurso relatado indica que foi retirado de outro ato de enunciação, diferenciando o dito relatado do dito de origem. Teoricamente, é essa diferenciação entre o discurso relatado e o discurso de origem que legitima o texto jornalístico.

A maneira como é feita a citação do discurso de origem no discurso relatado tem objetivos específicos, porém pode produzir efeitos diversos. Nesse sentido, a fidelidade com que é relatada a palavra do outro no discurso midiático pode revelar o posicionamento do locutor-relator, quer seja de modo intencional ou não.

Segundo Charaudeau, ainda não há estudos sobre a maneira pela qual os organismos de informação utilizam os modos de citação. No entanto, o autor explica que a citação direta é usada quando se deseja um efeito de objetivação da informação; já o modo de citação integrada se aproxima da não identificação do locutor de origem, uma vez que a palavra não lhe é dada de maneira autônoma; o modo de citação narrativizada, por sua vez, tende a um efeito que Charaudeau nomeia actancialização.

Nesse caso, o locutor de origem passa a figurar como agente de um fazer que, posteriormente, seria descrito como um fato relatado. Portanto, pode-se dizer que na citação narrativizada o locutor de origem é praticamente tragado pela instância midiática.

A reflexão feita por Charaudeau a respeito do discurso das mídias nos ajuda a enxergar a arquitetura sobre a qual o fazer jornalístico se sustenta. De certo modo, tais elementos descritos pelo autor parecem estar presentes em todas as formas de jornalismo, seja ele radiofônico, impresso ou digital. Se os jornalistas sempre buscaram atender às necessidades e aos interesses das instituições para as quais trabalham, com os avanços tecnológicos, tais exigências apenas se multiplicaram, principalmente devido à migração do jornalismo impresso para as plataformas digitais.

2.2 O texto jornalístico: do papel às plataformas digitais

O advento da internet revolucionou todas as etapas de produção jornalística, na medida em que, na atualidade, a produção é feita na internet, para a internet e com o auxílio da internet. Essa ferramenta, com características múltiplas, possibilitou a junção do que antes eram meios de produção e divulgação de notícia distintos, tais como: radiodifusão, telejornalismo e jornalismo impresso.

Atualmente, os portais de notícias vendem informações num formato, diríamos, “mais completo”, em virtude dos inúmeros recursos que a internet nos proporciona. Textos digitalizados, vídeos e áudios passaram a compor o conteúdo dos materiais informativos na web, caracterizando, assim, uma nova forma de fazer jornalismo na contemporaneidade.

A partir dos estudos de Bardoel e Deuze (2000), Palacios aponta a existência de quatro elementos específicos do webjornalismo, a saber: interatividade, customização de conteúdo, hipertextualidade e multimidialidade. Na mesma perspectiva, Palacios (2003) apresenta outros cinco elementos constituintes dessa mesma rede: multimidialidade/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização e memória. Há ainda, segundo o autor, a instantaneidade do acesso, o que, de fato, é uma das características mais marcantes do fazer jornalístico na contemporaneidade, na medida em que temos, ou pelo menos imaginamos ter, acesso a materiais informativos atualizados de maneira contínua na internet.

Segundo Bardoel e Deuze (2000, apud PALACIOS, 2003, p. 18), a interatividade consiste na participação do usuário/leitor no processo de criação do material jornalístico *on-line*, por meio das trocas de e-mails entre leitor e jornalistas, bem como através da disponibilização de opinião acerca dos temas noticiosos em fóruns de discussões, chats, etc.

Nos dias de hoje, não é incomum vermos quem está no comando das grandes mídias convidar a audiência a participar das edições contribuindo com vídeos, áudios e fotos; para, uma vez verificada a relevância e a qualidade do material, este ser utilizado na montagem da matéria.

A customização do conteúdo/personalização, de acordo com Palacios (2003), nada mais é do que a possibilidade oferecida ao usuário de personalizar o conteúdo que irá ler, ou seja, trata-se da configuração dos produtos jornalísticos de acordo com as necessidades do usuário, o qual pré-seleciona e hierarquiza os assuntos ao mesmo

tempo em que determina o formato de apresentação do conteúdo. Dessa forma, ao acessar a plataforma, o banco de dados atenderá ao padrão pré-estabelecido pelo leitor, segundo as suas preferências.

De acordo com Canavilhas (1999) e Bardoel e Deuze (2000), a hipertextualidade consiste na interconexão de textos através de *links* (hiperligações) que podem, a partir do texto inicial, nos guiar para “várias pirâmides invertidas da notícia”, assim como para outros materiais complementares, como fotos, vídeos e animações. Além de nos direcionar a outros websites relacionados ao assunto, o que pode ou não gerar polêmica em torno do assunto noticiado.

A multimídia/convergência, segundo Palacios (2003), refere-se à junção dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na construção narrativa do fato jornalístico. Isso se deve ao processo de digitalização e posterior circulação do material informativo em diversas plataformas suportes, criando, dessa forma, um ambiente de complementariedade.

Quanto à memória, Palacios (1999) afirma que o armazenamento de informação na internet é mais viável por duas razões: o custo e a técnica. Comparado a outras mídias, esse armazenamento é menos custoso. Em relação à técnica, Palacios observa que a memória, uma vez armazenada na web, torna-se coletiva, devido ao processo de hiperligação entre as plataformas e bancos de dados que a compõe. Essa é uma das razões para que o volume de informações disponíveis na internet cresça exponencialmente e esteja ao alcance de um número cada vez maior de pessoas.

Palacios sustenta ainda que a instantaneidade/atualização contínua viabiliza a atualização do material jornalístico na web em curto espaço de tempo devido à digitalização da informação e às tecnologias telemáticas, o que, consequentemente, possibilita o acompanhamento de assuntos jornalísticos de maior interesse do leitor.

Os elementos brevemente descritos acima representam as potencialidades oferecidas pela internet para o fazer jornalístico no cenário atual. No entanto, Palacios também ressalta que, embora tais elementos estejam disponíveis para a construção do fato noticioso na web, isso não significa que todos eles sejam utilizados, uma vez que não há uma regra pré-determinada para a construção do webjornalismo, o que pode ser comprovado na maneira e frequência com que tais elementos são usados em diversos *sites*. Dessa forma, o uso de mais ou menos elementos não se traduz, necessariamente, em qualidade ou relevância do conteúdo informativo veiculado pela internet.

Para além dos elementos característicos da construção de material informativo na/para a web, que reconfiguraram a maneira como se faz notícia atualmente, a internet passou a ser um espaço de venda de produtos não só de material jornalístico, mas também de cultura, turismo, saúde, educação; enfim, nada ficou fora do maior centro comercial do mundo.

Em virtude da grande procura por diferentes conteúdos na internet, não tardou para que surgissem os conglomerados “empresariais” na rede, mais conhecidos como portais. Estes, como afirma Barbosa (2003):

[...] centraram os respectivos negócios *no provimento de acesso e de conteúdos*, ou só de conteúdos, serviços e entretenimento diversificado *dando ao internauta motivo para ele demorar mais tempo nos respectivos sítios*. (p. 164, grifos nossos)

É inquestionável que os portais oferecem praticidade ao leitor, na medida em que neles é possível encontrar uma grande variedade de material informativo, evitando assim que se “perca tempo” procurando informação em outros *sites*. No entanto, a despeito das facilidades oferecidas pelos portais, faz-se necessário refletir sobre as consequências de deixarmos sob a responsabilidade de outrem a pré-seleção do material que consumimos na internet. Essa inquietação tem dividido a opinião de pesquisadores e teóricos.

De acordo com Paulo Vaz (2002), os portais têm a filtragem como característica de intermediação ao excesso de informação disponível em rede, tal filtragem sendo, para muitos, considerada um ponto positivo (p. 175). Em outras palavras, diante do excesso de informações disponíveis em rede, os portais teriam a função não só de auxiliar os leitores na busca de informações, mas também de pré-selecionar o material informativo de credibilidade e relevância de outros conteúdos divulgados em rede.

Por outro lado, Lemos (2000) entende que:

O limite da emissão sempre foi o que deu poder às mídias clássicas e agora os Portais, sob a balela de nos ajudar a não nos perdermos nesse mar de dados, nos aprisionam e limitam nossa visão da rede (do mundo?), fazendo fortuna de novos jovens nasdaqianos. Dizem que tudo existe num Portal, e que não precisamos nos cansar em buscar coisas lá fora. Mas quem define o que é tudo? Voltaremos à edição clássica dos conteúdos que fez o quarto poder dos *mass media*? (p. 1)

Dito de outro modo, os “portais-currais”, para usar uma expressão cunhada pelo próprio pesquisador, nos iludem na medida em que nos vendem a ideia de que é

possível acessar todo tipo de informação em um único portal, dispensando, dessa forma, a necessidade de navegarmos por outros *sites* em busca de material informativo. Nessa perspectiva, parece que os portais rompem com o objetivo primeiro da internet que é o de disseminação de uma grande variedade de conhecimento, uma vez que nos tiram “a possibilidade de cruzar com o inusitado que poderia balançar nossas certezas e nos fazer um pouco mais ricos e complexos” (LEMOS, 2000, p. 1).

A despeito da pré-seleção dos conteúdos vinculados nos portais, e dos interesses implicados por trás de tal seleção, não podemos negar que ainda assim eles colocam à nossa disposição uma grande diversidade de material informativo oriundo de diversas fontes. Como indaga Barbosa (2003):

[...] de que maneira o público em geral teria acesso tão facilmente às edições traduzidas de jornais internacionais, como o The New York Times, Wall Street Journal, Le Monde, entre outros, encontraria uma variedade de revistas de temáticas específicas senão através dos portais? (p. 176)

Com efeito, tanto a produção e a venda de material informativo, bem como a tradução desse material são grandes atrativos dos portais, na medida em que oferecem meios para que os leitores ultrapassem as barreiras linguísticas, permitindo-lhes assim o contato entre as culturas, ao mesmo tempo em que consolidam a perspectiva de que vivemos em um mundo cada vez mais global.

É inegável que o jornalismo, tanto impresso quanto o digital, sempre teve o título como principal recurso para atrair os seus leitores. No entanto, embora o ambiente digital exija dos jornalistas uma nova visada na elaboração das manchetes, há quem considere as novas estratégias de redação para atender as demandas do jornalismo digital como algo nocivo à própria manutenção da qualidade do jornalismo. Como aponta Moretzsohn (2015):

As grandes empresas, no Brasil e no exterior, não parecem ter clareza do que devem fazer diante do campo aberto pela internet e, em vez de priorizarem o jornalismo, que exige distanciamento e rigor, cedem progressivamente ao imediatismo e à cacofonia das redes. [...] Ocorre que *a caça ao clique é a morte anunciada do jornalismo*, porque o que costuma excitar o público é a surpresa, o escândalo, o bizarro, o curioso, o grotesco. (MORETZSOHN, p. 1, 2015, grifos nossos)

Para Moretzsohn, o ambiente digital não deveria ser usado como justificativa para o abandono das normas e diretrizes que sempre nortearam a produção jornalística.

Nesse sentido, podemos dizer que o objetivo de conquistar o maior número possível de leitores na rede não deve colocar em xeque a qualidade do conteúdo informativo em si. Embora as plataformas digitais exijam determinadas adaptações na produção jornalística, tais demandas não deveriam ser mais relevantes do que o papel principal do jornalista, isto é, o de informar. Conforme observa Moretzsohn:

Mudam as tecnologias, não os fundamentos. O jornalismo não precisa se reinventar: precisa corresponder ao ideal que o justifica e o legitima socialmente. Já disse inúmeras vezes que o imediatismo e a cacofonia das redes tornam o jornalismo ainda mais necessário para filtrar, em meio à profusão das banalidades, boatos, falsidades e incorreções, o que é informação confiável e relevante. (MORETZSOHN, p. 3, 2015, grifos nossos)

A migração do jornalismo do papel às plataformas digitais pode ser considerada recente e justamente por isso não há uma regra definida do que pode ou não pode ser feito na produção das redações. Como o *feedback* dos leitores é facilitado na rede, resta aos jornalistas e tradutores desse gênero textual ficarem atentos às reações dos consumidores para descobrirem, de fato, o que realmente funciona nas plataformas digitais.

2.3 O título jornalístico na rede: funções e objetivos

O texto jornalístico, enquanto produto a ser vendido na internet, deve atender não só a normas mercadológicas, mas também ao formato editorial no qual ele será veiculado. Isso significa que a escolha dos vocábulos a serem utilizados nos títulos, bem como a maneira como eles são expostos nas plataformas digitais é extremamente importante. Tal importância se justifica por duas razões; primeiramente, porque os títulos são responsáveis por “conquistar” o leitor na internet, fazendo-o acessar uma notícia entre tantas outras à sua disposição. Em segundo lugar, porque as unidades lexicais que constituem os títulos direcionam a maneira como os fatos noticiados serão interpretados, influenciando, assim, a opinião pública que se posicionará a favor ou contra os acontecimentos.

Nesse sentido, pode-se dizer que o título jornalístico deve apresentar uma síntese precisa da reportagem, cuja função é estratégica como anúncio de uma informação em

ambiente digital, uma vez que é a partir do título que se inicia a suposta compreensão do texto jornalístico e a conquista de seus leitores.

Recorremos aos estudos de Teun Van Dijk, especialmente às suas pesquisas em análise do texto, para ressaltar a importância dos títulos jornalísticos no processo de interpretação da notícia.

De acordo com o autor, os títulos jornalísticos fazem muito mais do que nomear o texto. Na verdade, eles são a peça-chave para compreensão da notícia, já que exigem do redator a habilidade de simplificar informações em tópicos frasais, os quais facilitam a interpretação e memorização do seu conteúdo.

Segundo Van Dijk (1992/2010), todo texto é organizado em superestruturas (ideia geral do texto) e macroestruturas (a organização do conteúdo). O autor apresenta os títulos no que chama de estrutura de relevância, estruturas essas que dão origem aos tópicos (ideias) afins. Assim, os processos de produção, de compreensão e de memorização cognitiva da notícia dependem de um formato acordado entre jornalista e leitor. A esse respeito Van Dijk aponta que:

Assumimos que há uma relação sistemática entre texto noticioso e contexto. Assim, parece plausível que as formas estruturais e os sentidos globais de um texto de notícia não são arbitrários, mas o resultado de hábitos sociais e profissionais de jornalistas em ambientes institucionais, de um lado, e uma condição importante para o processamento cognitivo eficaz de um texto noticioso, tanto por jornalistas como por leitores, de outro. (2010, p. 123)

Além disso, o autor ressalta que a mente dos ocidentais está programada para fazer leituras lineares, isto é, da esquerda para a direita e de cima para baixo, devido ao processo de organização da escrita que se nota desde a Grécia Antiga. Por essa razão, os jornalistas expõem, a partir dos títulos, as informações mais relevantes. Nesse sentido, o autor atesta que:

Cognitivamente falando, o objetivo da leitura de um artigo de jornal é construir um modelo particular da situação ou evento de que trata o texto, e, por meio de um retrato particular da situação atual, atualizar modelos mais gerais. Estes, por fim, podem ser usados para formar ou modificar scripts ou frames mais abstratos, por exemplo, sobre guerras civis ou política internacional. (2010, p. 138)

Com isso, pode-se dizer que, a partir do título, o leitor ativa os seus conhecimentos de mundo, decide quais assuntos são interessantes e, sobretudo, confirma e avalia, no decorrer da leitura, o que lhe foi proposto no título.

Na mesma perspectiva, Guimarães (1993), na obra intitulada *A articulação do texto*, aponta que “o título é parte componente e importante da mensagem, além de um fator estratégico para a articulação do texto, podendo desempenhar tanto função factual e de chamada como função poética e expressiva” (p. 50). Nesse contexto, o título assume tais funções sempre que resumir as ideias centrais de um conteúdo, ou seja, o título aqui pode encabeçar não só textos, mas também revistas, livros, dicionários etc.

No que se refere mais especificamente aos títulos jornalísticos, a autora ressalta que:

[...] em se tratando de notícias, os títulos, o cabeçalho e o ordenamento do texto não são cronológicos nem lógicos, mas determinados por um princípio da primazia - os aspectos mais importantes figurando em primeiro lugar. (p. 51)

Dessa forma, pode-se dizer que Guimarães partilha da mesma ideia de Van Dijk ao considerar que existe uma ordem padronizada de exposição da notícia, o que a leva ainda a afirmar:

Os títulos expressam a macroestrutura (tema central da notícia). Lidos em primeiro plano, orientam a compreensão para a estrutura da relevância na apresentação das notícias. Não são, por conseguinte, meros artifícios publicitários, mas chaves para a decodificação da mensagem, se convenientemente propostos. Enunciados sucintos de qualquer mensagem, sua interpretação deve ser integrada numa leitura global. (p. 50)

É bem verdade que a compreensão do título está relacionada à estrutura usada em sua apresentação. Dela depende a eficácia do convite à leitura. Um título atraente deve evidenciar a relevância do assunto, suscitando interrogações, dúvidas e/ou curiosidades no leitor. No entanto, todo esse processo é subjetivo, na medida em que dependerá da comunidade interpretativa para qual o texto será direcionado. Afinal, o que interessa a uns pode não interessar a outros. A esse respeito, Coracini (1989) argumenta que:

O título é o lugar privilegiado da manifestação dessa subjetividade do autor. Redigido depois do texto, portanto, anafórico do ponto de vista

da produção, o título desempenha no processo da leitura uma função catafórica, e, assim, ao mesmo tempo em que camufla o percurso discursivo, exerce grande influência sobre o leitor, na medida em que funciona como estímulo e desestímulo à leitura. (p. 235)

As reflexões aqui apresentadas provam que redigir títulos não é uma tarefa fácil. Informativos, precisos e sedutores, as adjetivações apontam para o mesmo alvo: a conquista do leitor. Mas, se produzir títulos jornalísticos nunca foi uma tarefa fácil, o que dizer dessa criação que migrou do papel para o ambiente digital? O veículo de publicação de notícias mudou e trouxe com ele grandes desafios. O ambiente digital reconfigurou a maneira como nos informamos. Nele, somos expostos a todo tipo de texto, e os títulos ganharam uma nova função, na medida em que são fundamentais para a divulgação das reportagens nos sistemas de busca na internet. A esse respeito, Bertolini (2014) observa que:

O título é ponto determinante para a notícia ser encontrada pelos buscadores. Em uma escala de zero a 10, tem peso oito para robôs como o do Google. Por isso, deve ter palavras-chave referentes ao tema tratado no texto. Nota-se aqui que, além das amarrações cognitivas vistas no tópico anterior, o título tem mais razões para ser fiel ao texto da notícia. Assim, em caso de enchente em Santa Catarina, o título deve trazer palavras como “enchente” e “Santa Catarina” porque presume-se que, na busca de tal conteúdo, o internauta digitará essas expressões no site de busca, não algo genérico como “água”, “destruição” e “cidades”, que poderia levar a qualquer outro conteúdo de chuva. (p. 66)

A repetição de palavras, que é malvista na redação do texto jornalístico, agora em ambiente digital se tornou necessária, já que os sistemas de buscas fazem usos desses algoritmos repetidos para aumentar a visibilidade do conteúdo na rede (Cf. Bertolini, 2014).

A busca por maior audiência na internet é a responsável pela nova onda de cursos especializados no aprimoramento da redação de títulos em ambiente digital. Como o fluxo de notícia na rede é constante, um título bem redigido passou a ser primordial para dar destaque à notícia, induzindo o leitor não só a dar o “click” no título, mas também a compartilhá-lo.

2.4 Tradução jornalística: alguns desafios

O texto jornalístico é um gênero textual que foi, tradicionalmente, difundido por meio impresso. Entretanto, a velocidade com que esse material é produzido hoje em dia pode apresentar dificuldade para quem se dedica ao estudo da tradução, devido ao caráter efêmero que se atribui as traduções produzidas na/ para o ambiente digital. Ao contrário do jornalismo impresso, que permanecia o mesmo depois de publicado, as traduções publicadas na internet gozam da vantagem de poderem ser corrigidas, alteradas e até mesmo apagadas das plataformas digitais.

Hernández Guerrero chama a atenção para um aspecto interessante no contexto dos estudos da tradução; segundo a autora, a maioria dos trabalhos existentes sobre o gênero jornalístico aborda, de modo geral, a questão didática da tradução, ou seja, procura mostrar em que medida este tipo de texto auxilia no ensino da tradução, deixando de lado a questão da tradução em si, tal como podemos notar na seguinte afirmação:

No entanto, uma coisa é a utilização didática dos textos jornalísticos, traduzidos ou não, e outra muito diferente a tradução jornalística que, como afirmávamos anteriormente, é uma prática profissional concreta, ligada a gêneros textuais bem definidos, como são os jornalísticos, que fazem dela um tipo de tradução com características e procedimentos próprios. (2006, p. 126)²

“Com características e procedimentos próprios”, a tradução de textos jornalísticos oferece vasto campo à investigação científica tanto no plano dos recursos propriamente linguísticos a serem explorados e em jogo no processo tradutório quanto no campo das representações culturais transmitidas pela especificidade deste tipo de escrita e pela multiplicidade de informações compartilhadas sobre o outro.

Outro problema, que se coloca ainda para alguns estudiosos, é que não há um consenso sobre o que compreende, de fato, a tradução jornalística propriamente dita, pois, para muitos, as “adaptações” com as quais nos deparamos na imprensa escrita não são consideradas traduções (Astirbei, 2011).

² *Pero una cosa es la utilización didáctica de los textos periodísticos, traducidos o no, y otra muy distinta la traducción periodística que, como afirmávamos anteriormente, es una práctica profesional concreta, ligada a unos géneros textuales bien definidos, como son los periodísticos, que hacen de ella un tipo de traducción con rasgos y procedimientos propios.*

Para Valdeón (2018), as dúvidas a respeito do que seriam as traduções jornalísticas se devem ao fato de que não há um diálogo entre os estudantes de tradução e os estudantes de jornalismo. Na verdade, a tradução nem é tópico propriamente estudado nos cursos de jornalismo. Como argumenta a pesquisador:

O primeiro problema que surge para a colaboração acadêmica entre estudantes de tradução e de jornalismo parece ser a própria definição de 'tradução'. Enquanto para os primeiros, o conceito engloba uma ampla gama de mudanças inter e intralinguísticas (independentemente de alguns usarem 'tradução' e outros preferirem 'transediting' para sugerir notícias ou tradução jornalística), pesquisadores de jornalismo parecem ver 'tradução' como a literal interpretação interlinguística de um texto estrangeiro, um processo que tende a ser raro na produção de notícias envolvendo tradução. (2018, p. 257)³

Na realidade, quando falamos de textos jornalísticos nos referimos a uma grande quantidade de gêneros ou tipologias textuais diversificadas, embora majoritariamente a função de todos eles possa ser restrita a uma só: “informar”. Daí os manuais de redação e estilo enfocarem as recomendações de clareza, concisão, precisão, fluência e simplicidade, recomendações essas que também são dirigidas ao tradutor quando se depara em sua tarefa com essa tipologia textual (Guerrero, 2006).

Reconhecemos, no entanto, o quão inapreensíveis podem ser as questões que giram em torno da “clareza” e da “precisão” da língua, o que torna ainda mais instigante a questão da tradução no campo jornalístico.

Os gêneros textuais jornalísticos se hibridizam, se misturam e se fundem num processo de intertextualidade contínuo dificultando qualquer tipo de tarefa classificatória, como aponta Kasimoğlu (2014):

Qualquer efeito criado nos leitores pelo jornal, só pode ser feito pela função de chamada. À primeira vista, *podem-se distinguir três tipos principais de textos, tais como artigos ou ensaios, comunicados de imprensa e textos publicitários. Mas por trás dessa simplicidade, há uma estrutura complexa*, a saber: primeiro, um artigo é o que requer uma composição individual, o que significa que outros tipos de funções podem ser incorporados em sua escrita; segundo, um

³ *the first problem that arises for academic collaboration between translation and journalism scholars seems to be the very definition of 'translation'. While for the former the concept encompasses a wide range of inter- and intralinguistic changes (irrespective of whether some used 'translation' and others prefer 'transediting' to imply news or journalistic translation), journalism researchers seem to view 'translation' as the literal interlinguistic rendition of a foreign text, a process that tends to be rare in news production involving translation.*

comunicado, uma vez que seu único objetivo é informar os leitores, só pode ser produzido pela função informativa, e, terceiro, os textos publicitários exigem uma habilidade muito mais especial que requer treinamento independente. (p. 112, grifos nossos)⁴

Para além da categorização da tipologia textual, não podemos pensar na atividade jornalística, tampouco na atividade tradutória, como processos neutros de conteúdo ideológico.

Embora a atividade jornalística não seja uma profissão regulamentada no Brasil, essa prática é assegurada pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Nesse código, estão estabelecidos os critérios que norteiam a atividade jornalística, entre eles, vale ressaltar os critérios de objetividade, imparcialidade, verdade e precisão dos fatos relatados. Essas diretrizes também são importantes para os tradutores, se levarmos em conta que, ao traduzir, jornalistas e tradutores buscam atender às expectativas do mesmo público leitor.

Embora não haja um código que regule as questões éticas que envolvam diretamente as traduções, sejam elas jornalísticas ou não, essa problemática se faz presente em vários estudos da área. No artigo intitulado “*Ética em Tradução, Frutos de Posturas Estéticas e Políticas*” (2005), Oliveira amplia o debate a respeito da ética a partir dos discursos de Venuti e Antoine Bernam.

De acordo com a pesquisadora, ambos teóricos discutem a ética a partir da ótica da diferença, ou seja, a prática tradutória nessa visão tentaria subverter a ideia segundo a qual as traduções devem produzir textos fluentes, transparentes e domesticantes, eliminando qualquer estranhamento que possam causar no leitor. Segundo a pesquisadora:

A tradução que se orienta por uma ética da diferença, como postulada pelos dois estudiosos, não apaga as marcas da sua origem e coloca em xeque a estabilidade da crença na existência da superioridade de um texto sobre outro, de uma língua sobre outra, de uma literatura sobre outra, de uma cultura sobre outra. (2005, p. 1)

⁴ *Tout effet créé sur les lecteurs par le journal, ne peut être fait que par la fonction appellative. A première vue, on peut y distinguer trois principaux types de textes, tels que les articles ou les essais, les communiqués de presse et les textes publicitaires. Mais derrière cette simplicité, il existe une structure complexe, à savoir : premièrement un article est ce dont il exige une composition individuelle, ce qui veut dire que d'autres sortes de fonctions peuvent être mêlées dans leur rédaction, deuxièmement, un communiqué, puisque son seul but est de s'informer les lecteurs, ne peut être produit que par la fonction informative, et troisièmement, les textes publicitaires exigent une compétence beaucoup plus spéciale qui mérite une formation autonome.*

Embora as ideias defendidas por Venuti e Berman tenham base epistemológica semelhante, Oliveira ressalta que tais ideias se diferem, pois, enquanto Berman sustenta sua tese a partir de estudos sobre a tradução como praticada e teorizada no contexto romântico germânico, Venuti a sustenta em função dessa atividade no contexto contemporâneo norte-americano, etnocêntrico por excelência (Cf. Oliveira, p. 1). O ponto de afastamento entre as ideias dos teóricos reside no fato de que, no contexto norte americano, a prática tradutória é “invisível”, na medida em que os textos traduzidos buscam a fluência por meio do apagamento de qualquer barreira linguística que possa causar certo estranhamento ao leitor americano, o que permite classificarmos tais traduções como domesticadoras. Em contrapartida, no contexto romântico germânico, o ato tradutório é guiado pela preservação da letra, ou seja, mantêm-se os aspectos linguísticos que revelam ao leitor que o texto é uma tradução, de tal forma que essas traduções são classificadas como estrangeirizadoras.

Independentemente de direção adotada pelo tradutor, Oliveira ressalta que a construção do conceito ético em tradução está relacionada a fatores espaciais, temporais e institucionais. De acordo com a pesquisadora:

A avaliação de um projeto tradutório, portanto, além de levar em conta os objetivos de seus idealizadores e realizadores, que podem ser ou não representados por uma só figura, a do tradutor, deve investigar os relacionamentos mantidos entre a cultura do original e a da tradução no momento em que tal projeto foi desencadeado. (2005, p. 2)

Além disso, vale ressaltar que essa discussão parte da análise de traduções literárias. No caso das traduções de notícias, a problemática da ética antecede a tradução, na medida em que se espera que o texto de origem tenha sido redigido a partir das diretrizes do Código de Ética dos Jornalistas e do compromisso perante a veracidade dos fatos noticiosos. Caso contrário, preservar aspectos estilísticos do texto de partida, nas traduções, em especial na era digital, pode não ser garantia de credibilidade, uma vez que tal conteúdo pode enveredar para o campo das famosas “*Fake News*”.

É lugar comum dizer que o ato tradutório exige na maioria das vezes especialização dos tradutores. No que concerne à tradução de notícia, essa empreitada coloca jornalistas e tradutores na mesma condição de comunicadores.

Na verdade, para traduzir textos jornalísticos, o tradutor deve se adequar à realidade profissional do jornalista. A esse respeito, Guerrero (2012) aponta que:

[...] na tradução jornalística convergem práticas profissionais específicas, as mesmas que governam o jornalismo. *O tradutor de textos jornalísticos é condicionado em sua maneira de traduzir como se trabalha no jornalismo*, uma vez que a prática profissional lhe impõe formas de tradução (limitações de tempo e espaço, trabalho de síntese, transmissão de informação). O tradutor jornalístico, do mesmo modo, tem que conhecer as convenções textuais e ter a competência textual necessária para que seus textos funcionem em um novo contexto linguístico e cultural; além disso, ele deve trabalhar como jornalista: condicionado pelo meio que publica seus textos. (p. 71, grifos nossos)⁵

Os textos jornalísticos, que já são fruto de uma transformação inicial, a do fato para a notícia (Zipser; Polchlopek, 2009), passam também por transformações ao serem traduzidos de uma cultura para outra, transformações motivadas por fatores não só estilísticos, mas também e, principalmente, sociais, culturais, políticos e econômicos, sobre os quais o tradutor, na maioria das vezes, para não dizer quase sempre, não tem nenhum controle.

A realidade na qual ato tradutório se realiza tem colaborado, e muito, para que os tradutores de notícias não exerçam sua função com maestria. Na obra intitulada *Translation in Global News* (2009), as pesquisadoras Esperanza Bielsa e Susan Bassnett jogam luz sobre essa realidade que recebe pouca atenção dos consumidores de webjornalismo: as agências de notícias.

Com o objetivo de recolher e distribuir notícias de maneira rápida e eficaz, as agências de notícias contam com jornalistas/correspondentes internacionais e jornalistas locais. Estes são contratados pelos escritórios e departamentos que as agências mantêm nos diferentes continentes, porém não estão ligados à sede da agência. Aqueles representam as suas respectivas sedes nacionais, produzindo notícias sobre o país em que estão e enviando-as para o seu país de origem, além de traduzirem notícias de outras fontes para a agência que os emprega.

É de conhecimento geral que o ato tradutório nem sempre é executado por profissionais com formação em tradução e, no que concerne à tradução realizada em

⁵ [...] en la traducción periodística confluyen unas prácticas profesionales concretas, las mismas que rigen el periodismo. El traductor de textos periodísticos está condicionado en su forma de traducir por cómo se trabaja en el periodismo, ya que la práctica profesional le impone formas de traducción (limitaciones de tiempo y espacio, labor de síntesis, transmisión de información.) El traductor periodístico, igualmente, ha de conocer las convenciones textuales y poseer la competencia textual necesaria para que sus textos funcionen en un nuevo contexto lingüístico y cultural; además, ha de trabajar como lo haría un periodista: condicionado por el medio que publica sus textos.

agências de tradução de notícias, tal realidade não é diferente, como destacam Bielsa e Bassnett (2009):

*[...] as agências não têm a intenção de contratar tradutores como tal. Isto ocorre porque a tradução não é pensada separadamente de outras funções jornalísticas, como, redigir e editar, e principalmente porque é executada pelo editor de notícias, que geralmente trabalha como parte da equipe, na qual os noticiários são editados, traduzidos e enviados para um serviço eletrônico de notícias específico. (p. 57, grifos nossos)*⁶

Essa busca pelo profissional que exerça múltiplas funções no menor espaço de tempo possível, frequentemente compromete o resultado final do texto. Tal questão foi colocada em debate pela pesquisadora Warrot, no artigo intitulado “*Tradução jornalística na sala de aula: relações entre a tradução e os media*” (2013). Para a pesquisadora:

Este fenómeno recente insere-se no contexto da mundialização: informação quase imediata nos médias audiovisuais, muitas vezes traduzida na urgência, depois retomada nos médias escritos. A informação presente em linha permite além disso aos jornalistas apoiarem-se em artigos estrangeiros não traduzidos, sem que pensem sistematicamente em fazer as verificações linguísticas necessárias. O resultado são, por vezes, formulações que podem surpreender certos leitores que exprimem regularmente críticas nos fóruns de comentários existentes no seguimento de artigos disponíveis na internet. Os tradutores profissionais deploram frequentemente a existência de imprecisões nas afirmações relatadas por jornalistas a partir de fontes estrangeiras. (p. 253, grifos nossos)

De fato, a tradução é indispensável para a produção de conteúdo jornalístico internacional, porém o que parece regra nas agências de tradução é que o texto jornalístico em língua estrangeira seja usado como fonte para a produção de uma nova notícia, e não necessariamente como um texto jornalístico a ser traduzido. Como aponta Guerrero (2016):

A tradução desempenha um papel cada vez mais importante na produção de novas informações e não apenas em textos traduzidos que desfrutam desse status, mas também em um número infinito de textos informativos nos quais a atividade do tradutor é usada como fonte de informação; o produto resultante, entremeado ou não com

⁶ But news agencies do not tend to employ translators as such. This is because translation is not conceived as separate from other journalistic tasks of writing up and editing, and is mainly assumed by the news editor, who usually works as part of a desk, where news reports are edited and translated and sent to a specific newswire.

outros textos ou fragmentos de textos, dá origem a novas informações integradas à produção da cultura receptora. Esses tipos de reescrita, variados e complexos, chegam a cobrir as necessidades de informação das agências jornalísticas e servem ao seu propósito final: a transmissão de informações. (p. 72, grifos nossos)⁷

Nesse sentido, valorizam-se os conhecimentos de produção de notícias, ou seja, os jornalistas de formação, relegando a um segundo plano os tradutores, os quais efetivamente dispõem dos conhecimentos linguístico-culturais necessários para a realização do ato tradutório. Como observa Bielsa e Bassnett (2009):

Agências de notícias empregam mais jornalistas que tradutores, porque apenas o jornalista de formação tem as habilidades específicas necessárias para o trabalho: uma experiência de trabalho jornalístico e um preciso conhecimento de gêneros e estilo jornalístico. Mesmo que não sejam jornalistas, tradutores de notícia devem trabalhar como se eles fossem. (p. 57)⁸

Para além da formação acadêmica dos profissionais responsáveis pelas traduções, há uma outra questão determinante pela preferência de contratação de jornalistas e não de tradutores nas agências de notícias. No ambiente da tradução jornalística, de acordo com Zipser:

Não é raro um jornalista assumir a posição de tradutor, considerando-se que *uma eventual contratação de profissionais tradutores geralmente onera o custo final do trabalho* e demanda treinamento destes na prática de redação [...]. Na grande maioria das vezes, é o próprio jornalista quem exerce essa “função”, bastando para isso conhecer o idioma estrangeiro em questão. (2009, p. 2, grifos nossos)

Entretanto, essa linha tênue que separa a função dos jornalistas daqueles dos tradutores pode ser mais demarcada, em função dos aspectos linguístico-culturais e políticos do país no qual as traduções são feitas. Como ressalta Warrot:

⁷ *La traducción desempeña un papel cada vez más importante en la producción de nueva información y no sólo en textos traducidos que gozan de dicho estatus, sino también en una infinidad de textos informativos en los que se recurre a la actividad traductora como fuente generadora de información; el producto resultante, entremezclado o no con otros textos o fragmentos de textos, da lugar a nueva información que se integra en la producción propia de la cultura receptora. Estos tipos de reescritura, variados y complejos, vienen a cubrir las necesidades informativas de las empresas periodísticas y sirven a su fin último: la transmisión de la información.*

⁸ *News organizations employ journalists rather than translators because only the former have the specific skills needed for the job: an experience of journalistic work and a precise knowledge of journalistic genres and style. Even if they are not journalists, news translators must work as if they were.*

Existem tradutores que são igualmente jornalistas, em especial nos países onde a investigação e o acesso à informação só pode existir graças a uma actividade bilingue ou plurilingue, como por exemplo no Médio Oriente. *Em França e em Portugal, países predominantemente monolíngues, as duas profissões são, geralmente, distintas.* (2013, p. 250)

Sem questionarmos as implicações de tal constatação, o que parece ser regra nesse meio é que cada país tem suas políticas editoriais e maneiras de representar sua cultura, guiando-se por seus próprios conceitos éticos e institucionais, como nos lembra Zipser:

Ao “traduzir” o fato noticioso, o jornalista tende a considerar quais as informações e detalhes do fato devem ser ressaltados, minimizados ou até mesmo omitidos tendo em vista o perfil noticioso que deverá ser atribuído ao fato numa determinada reportagem e, visando determinado grupo cultural como público alvo. (2009, p. 4)

Há ainda outra questão que cabe ser mencionada: o fato de que os leitores de tais textos buscam na quase totalidade dos casos uma tradução *ipsis litteris* das reportagens.

A esse respeito, partindo de uma perspectiva funcionalista, mas que merece atenção em nosso trabalho, Zipser e Polchlopek (2009) questionam a noção de “tradução literal” no âmbito jornalístico. Segundo as autoras, a tradução literal, tal qual veiculada pelo senso comum, é compreendida como transcodificação isenta de modificação, isto é, uma tradução que se propõe objetiva, imparcial e neutra no relato do fato. Zipser e Polchlopek afirmam que tal proposta inexiste na prática tradutória, pois não se deve esquecer de que o fato noticiado se destina à venda e ao consumo e está vinculado a pautas e a normas dos veículos da imprensa, tais como: a origem dos fatos, cujas características traduzidas podem ou não virar notícia; o tratamento dado ao fato, isto é, localização na página, qualidade de fotografia, apuração do conteúdo, e a visão dos fatos, sua angulação e foco para a construção do discurso jornalístico (2009, p. 2).

Dessa forma, tanto a escolha do fato a ser noticiado, bem como a contextualização dada a ele não deixam de ter certo caráter tendencioso. Consequentemente, as leituras que recebemos dos acontecimentos são, assim como as diversas traduções de um mesmo texto, apenas uma visão do acontecimento dentre muitas outras possíveis.

Outro fator relevante a respeito do viés “tendencioso” que tanto os textos jornalísticos quanto as suas respectivas traduções podem conter diz respeito à autoria

das reportagens, pois a produção jornalística geralmente envolve mais de um sujeito. Como afirma Guerrero (2006):

Os textos jornalísticos são o trabalho de diferentes coautores, alguns com maior responsabilidade que outros no resultado que é dado aos destinatários e isso também afeta os textos jornalísticos traduzidos. [...] embora trabalhem com a hipótese da tradução até chegarmos aos leitores como a conhecemos. Consequentemente, por mais que consideremos o responsável final pelo produto, nunca saberemos com certeza qual foi a verdadeira função do tradutor. (p. 366)⁹

Daí o perigo de tomarmos a imagem que formamos do outro, imagem veiculada nos e pelos textos jornalísticos traduzidos (ou não), como retrato de uma verdade, pois essa imagem muitas vezes é resultado de inúmeras releituras do outro.

Ainda sobre a representatividade do outro oferecida pelo texto jornalístico, Zipser e Polchlopek ressaltam que esse gênero textual tem a função não só de informar, mas também de formar opinião, estabelecendo, de certa forma, o que o leitor fala, discute e comenta. Assim, o texto jornalístico atua como organizador e tradutor de perfis sociais, uma vez que é peça-chave nas relações que envolvem o “afastamento” ou “aproximação” do outro (2009, p. 4).

Daí nosso interesse em buscar entender melhor qual o enfoque dado aos fatos já noticiados, por meio da análise dos elementos priorizados ou não nas traduções dos títulos jornalísticos, uma vez que traduzidos são direcionados a um outro público leitor.

No que concerne, mais especificamente, à tradução dos títulos jornalísticos, cabe destacar o trabalho de Andújar Moreno (2003). De acordo com a autora, o interesse pelo estudo da tradução de títulos de textos jornalísticos reside, sobretudo, no fato de que tais textos combinam marcas visuais (no nível tipográfico e na segmentação do texto) e organizações discursivas que são “difícilmente” traduzíveis de uma língua para outra. Assim, a autora afirma que:

Os títulos jornalísticos, muito marcados pelo gênero discursivo e pela tradição jornalística nos quais se inscrevem, constituem segmentos

⁹ *Los textos periodísticos son obra de diferentes coautores, unos con mayor responsabilidad que otros en el resultado que se brinda a los receptores y esto también afecta a los textos periodísticos traducidos. [...] aunque trabajamos con la hipótesis de traducción hasta llegar a los lectores tal y como la conocemos. En consecuencia, por más que consideremos responsable final del producto, nunca sabremos con certeza cuál ha sido la verdadera función del traductor.*

curtos e polifuncionais que exigem uma construção de sentidos complexa e retroativa por parte do tradutor. (MORENO, 2003, p. 3)¹⁰

O processo de tradução em jogo nesse tipo de texto, segundo Andújar Moreno, revela uma “tensão” textual contínua entre as estratégias linguísticas e discursivas próprias a cada cultura (de partida e de chegada); o que torna a atividade tradutória ainda mais complexa.

Outra questão pontuada pela pesquisadora é a da intervenção do tradutor no processo tradutório, a qual parece oscilar entre uma “postura de adequação” e uma “estratégia de aceitabilidade” (2003, p. 9) numa tentativa de “dar conta” das divergências encontradas, tanto no nível cultural quanto linguístico-discursivo.

Guerrero (2006), por sua vez, observa que uma das razões pelas quais não só os títulos, mas também todo o corpo do texto jornalístico sofre alteração, está diretamente relacionada ao fluxo constante com que as agências de notícias têm que (re)produzir e publicar novas manchetes. Como coloca a autora:

Um fluxo informativo constante chega às redações dos jornais, que é atualizado com o andamento dos eventos. Quando notícias são traduzidas de outras mídias ou agências, às vezes é necessário atualizá-las, ou completá-las com dados de outras fontes, para poder transmitir as notícias. Um novo texto é então produzido, o qual, ao compilar fragmentos de outros, recebe uma nova orientação (que é freqüentemente refletida na mudança do autor), o que dificulta a identificação com o original a partir do qual ele inicia. (p. 74, grifos nossos)¹¹

Seja para arcar com o fluxo intenso de publicação, seja devido às políticas editoriais de cada país, o que parece certo é que: “[...] toda escolha envolve seleção: a informação que é divulgada não é livre, só se transmite aquilo que interessa. As reescritas sempre são feitas a serviço de um determinado discurso” (2006, p. 76).¹²

¹⁰ *Les titres de presse, très marqués par le genre discursif et par la tradition journalistique dans lesquels ils s'inscrivent, constituent des segments courts et polyfonctionnels qui exigent une construction de sens complexe et rétroactive de la part du traducteur.*

¹¹ *A las redacciones de los periódicos llega un flujo informativo constante que se va actualizando con el discurrir de los acontecimientos. Cuando se traduce una noticia procedente de otros medios o de agencias, en ocasiones se hace necesario actualizarla, o completarla con datos de otras fuentes, para poder transmitir la actualidad informativa. Se produce entonces un nuevo texto que, al compilar fragmentos de otros, recibe una nueva orientación (lo que muchas veces queda reflejado en el cambio del titular) que lo hace difícilmente identificable con el original del que arranca.*

¹² *y es que toda elección implica selección: La información que se difunde no es gratuita, solo se transmite lo que interesa. Las reescrituras siempre se realizan al servicio de un determinado discurso.*

A “suposta” liberdade de tradução dos textos jornalísticos deixa sua marca sobretudo nos títulos. Afinal, se é comum a adição, a supressão e até mesmo a eliminação de partes do texto jornalístico no processo tradutório, não é de se estranhar que os títulos também sejam traduzidos sem a preocupação de retomar aspectos do título de partida. A esse respeito, Guerrero ainda atesta que:

O mais comum é que o título original não influencie no que é escolhido para tradução. Além disso, as "normas" para atribuir títulos não são as mesmas em diferentes áreas linguísticas e culturais, no nosso caso francês e espanhol. O que realmente determinará a escolha do título será a nova situação comunicativa em que o texto traduzido deve funcionar (e, portanto, seus títulos) e, especialmente, as indicações que são seguidas nos diferentes meios de comunicação, reunidas em seus manuais de estilo. (p. 370)¹³

Na mesma perspectiva, Stupiello e Simão (2017, xi) ressaltam que “as manchetes contribuem para que o leitor possa formar uma imagem da identidade do jornal ou de sua linha de informação”, o que nos permite dizer que as manchetes são, de fato, polifuncionais.

Nesse sentido, parece-nos relevante efetuar um estudo sobre a tradução de títulos jornalísticos, principalmente daqueles disponibilizados em ambiente digital, já que o fluxo de informações por este veículo é intenso, e os títulos, a nosso ver, funcionam como a vitrine do texto. Se consideramos, então, que o título tem o papel de vender a notícia a qualquer custo, cabe-nos refletir sobre o “custo” das implicações ocorridas no processo tradutório, objetivo a que se destina a análise de nosso *corpus*.

¹³ *Lo más habitual es que el título original no influya en el que se elija para su traducción. Además, las “normas” para titular no son las mismas en ámbitos lingüísticos y culturales distintos, en nuestro caso el francés y el español. Lo que en verdad determina la elección del titular será la nueva situación comunicativa en la que debe funcionar el texto traducido (y, por tanto, sus títulos) y, especialmente, las indicaciones que al respecto se siguen en los diferentes medios, recogidas en sus libros de estilo.*

3. O contexto do *corpus* e a análise

3.1 Sobre o *corpus*

O *Le Monde* é um jornal francês de grande prestígio internacional, fundado em 1944 por Hubert Beuve-Méry. Com uma extensa variedade de informações publicadas, periodicamente, sobre atualidades da Europa, da América Latina e do Mundo Árabe, sua estrutura interna apresenta características bem diferentes quando comparada a outros jornais de grande circulação, visto que seus redatores possuem 40% do seu capital. Inicialmente, seu formato tinha um aspecto peculiar, com textos extensos e analíticos, no entanto, em decorrência dos avanços tecnológicos e da migração dos textos, anteriormente impressos, para o ambiente digital, tais características foram adaptadas às demandas e exigências da contemporaneidade. Isto é, os textos analíticos e extensos deram lugar à inserção de logotipos, fotos e textos menos extensos.

No que diz respeito ao UOL, trata-se de uma plataforma *on-line* brasileira lançada em 28 de abril de 1996, UOL – Universo Online, conglomerado do Grupo Folha. Atualmente, segundo a Alexa Internet Inc, empresa que mede quantos usuários de Internet visitam um *site* da web, a plataforma UOL encontra-se no 5º lugar no ranking referente ao Brasil e em 96º lugar no ranking mundial, sendo considerado um dos maiores portais do Brasil.

O jornal *Le Monde* publica, assim como todos os grandes jornais, notícias sobre diversos assuntos, como, esporte, saúde, economia, turismo, cultura, ciência; de modo que cada assunto representa um ícone no *layout* do *site* que nos leva às respectivas reportagens.

Por outro lado, o portal UOL não faz a mesma distinção quando reapresenta em seu portal a tradução dos títulos jornalísticos. Como a plataforma oferece traduções de diversos jornais, a apresentação das reportagens é feita por meio de uma lista corrida de títulos. Dessa forma, o leitor do portal UOL não sabe de antemão o subgênero em que as reportagens se enquadravam anteriormente, quando publicadas no *Le Monde*.

No que concerne mais especificamente à coleta dos dados, tal processo teve início em 2015, período no qual eu estava concluindo a minha iniciação científica e ingressando no programa de mestrado em Estudos Linguísticos da UNESP.

Num primeiro momento, não havia um critério previamente estabelecido para a seleção do *corpus*, de modo que coletamos todos os títulos que eram publicados pelo

portal UOL, semanalmente. No entanto, o número de traduções publicadas pelo portal, que, inicialmente, alcançava cerca de 4 traduções semanais, durante o período de coleta, foi reduzido para 4 traduções mensais. E, em dezembro de 2016, o portal UOL parou de fornecer traduções do jornal *Le Monde*. Assim, encerramos a coleta de dados desta pesquisa com o total de cem títulos traduzidos.

Num segundo momento, iniciamos a seleção dos títulos priorizando aqueles que, ao serem traduzidos, apresentaram uma nova abordagem do fato noticioso. Em boa parte dos cem títulos coletados, encontramos os mesmos vocábulos e as mesmas estruturas sintáticas utilizados nos títulos do jornal *Le Monde*, o que nos levou a não os incluir no *corpus* desta pesquisa. Por essa razão, foram analisados dezessete títulos e suas respectivas traduções.

3.2 A análise

Por meio da análise comparativa das traduções dos títulos do jornal *Le Monde* feitas pelo portal UOL, buscamos demonstrar em que medida e como essas traduções podem redirecionar as interpretações das reportagens que encabeçam, bem como podem propagar representações “enviesadas” sobre o outro, ao reforçar estereótipos e pré-julgamentos dos envolvidos nos fatos noticiados.

Baseando-se nos discursos de Van Dijk (1992/2010), evidenciamos em nossa análise a importância dos títulos jornalísticos para a interpretação e memorização da reportagem. Quanto aos elementos constitutivos do discurso midiático, retomamos as ideias de Charaudeau (2005), com as quais foi possível demonstrar como tais elementos foram traduzidos e, muitas vezes, adicionados à tradução, a fim de atender tanto às políticas de redação do portal UOL, como também redirecionar tais títulos de acordo com o perfil do leitor brasileiro, apresentando uma nova abordagem aos acontecimentos noticiados.

Por fim, constatamos que o lugar de onde “fala” ou emerge a tradução diz tanto do outro quanto de nós mesmos e, nesse sentido, pensar a tradução é pensar a identidade e a diferença inerentes a todos os processos de comunicação dos sujeitos envolvidos nessa empreitada.

1

<i>L’Egypte tout voile dehors</i> (17/06/2015)
Escritor faz apelo contra uso de véu no Egito e causa polêmica (18/06/2015)

A reportagem que esse título encabeça diz respeito à postagem feita no facebook pelo escritor e ex-jornalista do diário “*al-ahram*” Chérif Choubachy. Nesse *post*, o escritor expôs a saudade que sente do Egito “moral e sem véu” de sua juventude, o que provocou polêmica entre os religiosos e as feministas, reacendendo o debate sobre o uso do véu no Egito.

O título do *Le Monde* apresenta um grande desafio ao tradutor. Embora ele não seja formado por palavras pouco recorrentes, o seu significado na tradução não decorre de uma leitura direta, pois em francês foi construída uma imagem que, se traduzida literalmente, poderia não chamar a atenção do leitor brasileiro para o fato em tela. Se traduzirmos o título por “O Egito todo véu ao léu”, este causará estranhamento e será pouco efetivo, uma vez que não seria possível depreender o tópico central da reportagem por meio dessa tradução. Por outro lado, poderíamos lançar mão da poeticidade presente no título em francês e traduzi-lo também de forma mais poética: “Egito: véus ao vento”.

Segundo Van dijk (2010), os títulos são formados por estruturas de relevância, estruturas essas que dão origem aos tópicos (ideias) centrais do fato noticioso. Nesse sentido, podemos dizer que as palavras “apelo” e “polêmica” são os tópicos colocados em evidência no título traduzido pelo portal UOL.

Essa tradução possibilita que o leitor brasileiro entre em contato com o fato noticioso de maneira mais “apelativa”, uma vez que por meio do título em francês não é possível saber que houve uma polêmica envolvendo o uso do véu no Egito.

Por meio da leitura da tradução, pode-se inferir um aspecto cultural já bastante disseminado no Ocidente a respeito do uso do véu no Egito, de modo que a representação do outro nessa escrita traduzida apenas reforça a ideia que temos acerca do modo como as mulheres são tratadas não só no Egito, mas também em boa parte dos países do Oriente Médio.

<i>Onze jours après leur première expulsion, les migrants s'installent près du jardin d'Eole</i> (13/06/2015)

Sem perspectivas, imigrantes africanos se instalam em parque de Paris (16/06/2015)
--

Nessa reportagem foi retratado o caso dos imigrantes africanos, em sua maioria, jovens originários do Sudão e da Eritreia, rumo à França. Com fome, sede e sem documentos, os jovens narram as dificuldades durante a travessia do mar mediterrâneo até a Itália e posterior “viagem” até a França, onde enfrentaram agressões policiais e ameaças de deportação.

Na tradução do título em questão, houve a supressão do complemento circunstancial de tempo e causa “*onze jours après leur première expulsion*” para o qual sugerimos a tradução “onze dias após sua primeira expulsão”, e foi adicionado um dado avaliativo a respeito do estado emotivo dos envolvidos no fato noticiado “Sem perspectivas”. Além disso, a tradução ainda traz um dado reformulado, a saber: “*Jardin d'Eole*” por “parque de Paris”.

Para Charaudeau (2015), a cada momento, o informador deve perguntar-se não se é fiel, objetivo ou transparente, mas que efeito lhe parece produzir tal maneira de tratar a informação e, concomitantemente, que efeito produziria uma outra maneira, e ainda uma outra, antes de proceder a uma escolha definitiva (p. 38).

Nesse sentido, considerando que tradutor de textos jornalístico também é um “informador”, podemos dizer que as escolhas tradutórias do título em tela podem criar no imaginário do leitor brasileiro a ideia de que os imigrantes estão, de certa forma, agindo passionalmente diante do problema que vivem, pois, ao suprimir a palavra “expulsos”, apaga-se não somente um elemento relevante da informação, mas também o que ele representa, ou seja, o caráter de resistência que tal palavra representa.

Ao traduzir “*Jardin d'Eole*” por “parque de Paris” não houve prejuízo à interpretação do título, uma vez que tal informação muito provavelmente nada acionaria no imaginário da comunidade interpretativa para qual o texto foi direcionado. Além disso, o título em francês traz um elemento de imprecisão quanto ao local onde o fato noticioso se realizou, “*près du*” que, em português, poderia ser traduzido por “próximo de” sinaliza uma imprecisão de informação. No entanto, a supressão do dado “*onze jours après leur première expulsion*”, para o qual sugerimos a tradução “Onze dias após

a sua primeira expulsão” não nos pareceu uma boa escolha, na medida em que dados numéricos são comumente usados para garantir maior precisão e credibilidade à notícia.

3

<i>En Afrique du Sud, une xénophobie largement banalisée</i> (17/04/2015)

África do Sul tem xenofobia corriqueira, alimentada pela violência (18/04/2015)

Nessa reportagem somos informados que carros foram incendiados em Johannesburg, no Sul da África, em protestos contra estrangeiros. De acordo com a reportagem, as duas semanas de confrontos com os estrangeiros na cidade portuária e em seus subúrbios pobres resultou no balanço de cinco mortos. Segundo as associações locais de imigrantes, mais de 1.500 africanos, entre eles, moçambicanos, malauís, somalis, zimbabuanos, tiveram de fugir de suas casas ou de suas lojas saqueadas e se refugiarem em acampamentos montados às pressas.

O fato noticioso foi representado de maneira aparentemente semelhante em ambos os títulos. No que concerne à estrutura linguística, porém, o adjunto adverbial “*En Afrique du Sud*” foi traduzido por “África do sul”, figurando no título traduzido na posição de sujeito. Por sua vez, “*une xénophobie largement banalisée*”, para qual sugerimos a tradução “uma xenofobia amplamente banalizada”, foi traduzida por “xenofobia corriqueira” figurando na oração como complemento do verbo ter. Além disso, a tradução traz um novo elemento: “alimentada pela violência”.

No título em português, tem-se uma afirmação, o que nos permite dizer que o leitor brasileiro é levado a formar sua opinião de maneira mais explícita por meio do saberes de crença do informador, isto é, por meio da visão subjetiva do jornalista/tradutor.

Essa noção que Charaudeau (2015) entende como instrumento regulador das práticas sociais, na medida em que, explícita na informação, permite que julgamentos sejam compartilhados. Nesse sentido, ao afirmar que a “África do sul tem xenofobia corriqueira”, interpela-se duplamente o leitor: não só sobre o fato de ele conhecer ou não a África do Sul, mas também sobre a adesão ou rejeição à apreciação proposta. (Cf. Charaudeau, 2015).

<i>Le japon relance le nucléaire, malgré l'hostilité de sa population</i> (11/08/2015)
Japão reativa reator nuclear quatro anos depois da tragédia de Fukushima (13/08/2015)

O fato noticioso da reportagem em questão diz respeito à Companhia de Eletricidade de Kyushu (Kyuden), proprietária da usina que teve um de seus reatores reativado, a primeira no Japão desde que o parque nuclear foi totalmente suspenso em 2013, após a catástrofe ocorrida na usina de Fukushima, em março de 2011. De acordo com a reportagem, grupos de opositores organizaram manifestações em frente à usina, onde discursou Naoto Kan, primeiro-ministro de centro-esquerda na época do desastre de Fukushima, e hoje ativista contra o uso da energia nuclear.

O título do *Le Monde* mostra para o leitor francês o fato noticioso por meio de uma oração afirmativa e um adjunto adverbial de concessão, para o qual sugerimos a tradução “O Japão relança base nuclear, apesar da hostilidade de sua população”. Esse título representa a população japonesa de maneira engajada e consciente, uma vez que reagiram de maneira hostil à reativação da base nuclear de Fukushima.

Para Charaudeau (2015), tanto a escolha dos conteúdos quanto a forma como transmiti-los na mídia não atendem apenas a normas linguísticas de clareza e precisão, mas também aos possíveis efeitos de sentidos que se queiram provocar no leitor, com a finalidade de influenciar a opinião pública.

Nesse sentido, podemos dizer que na tradução do título foi priorizado outro aspecto do fato noticioso, a saber: “a tragédia de Fukushima”. Essa escolha tradutória faz apelo ao desastre nuclear, muito divulgado nos noticiários brasileiros, que aconteceu na usina após um tsunami em 2011. Se a tradução do título deixou de representar a população japonesa como no título do *Le Monde*, não podemos negar que a estratégia tradutória foi bem sucedida, na medida em que o acidente na base nuclear faz parte da memória de muitos leitores, devido à ampla divulgação que essa catástrofe teve em nosso território e no mundo de modo geral.

<i>La Chine fait un geste envers le vatican</i> (06/08/2015)
--

Ordenação do primeiro bispo em três anos é aceno da China ao vaticano (07/08/2015)
--

A reportagem em questão diz respeito ao gesto de conciliação que a Igreja oficial chinesa realizou para o Vaticano, a primeira ordenação de um bispo em três anos. Apesar de uma fortíssima presença policial e da proibição da entrada de curiosos na catedral de Anyang (província de Henan, centro-leste do país), segundo a agência católica UCA News, as autoridades chinesas deram um passo diplomático ao nomear Zhang Yinlin coadjutor desse bispo, pois ele também recebeu anteriormente a aprovação de Roma.

No título do *Le Monde*, para o qual sugerimos a seguinte tradução “A China faz um gesto para o Vaticano”, o leitor francês é informado sobre um gesto da China para o Vaticano, porém somente com a leitura da reportagem é possível saber, de fato, o que significa esse “gesto”. Essa estratégia de redação apresenta o tópico principal da reportagem, ao mesmo tempo em que mantém certo suspense quanto ao desfecho do fato noticioso.

Novamente na tradução do portal UOL, pode-se notar que a redação do título trouxe novos elementos ao leitor brasileiro. O suspense em torno da palavra “*geste*” foi substituído por “ordenação do primeiro bispo”. Essa escolha tradutória, que se enquadra na estrutura de categoria de *nomeação*, noção que Charaudeau (2015) entende como uma estrutura que abarca as especificidades de identificação dos seres do mundo, quebra o efeito de suspense do título do *Le Monde* e entrega ao leitor brasileiro uma explicação, na medida em que afirma que “a ordenação do primeiro bispo é um gesto da China para o vaticano”. Além disso, a tradução traz o adjunto adverbial de tempo “em três anos”, completando o tópico da reportagem.

6

<i>Sexisme dans l'usine à rêves</i> (04/11/2015)
Atrizes se rebelam contra sexismo na "fábrica de sonhos" (30/11/2015)

A reportagem em tela diz respeito ao protesto feito pelas atrizes de Hollywood. Entre elas estão personalidades, como, Cate Blanchette, Gwyneth Paltrow, Meryl Streep, Robin Wright, Kristen Stewart, Jessica Chastain, Patricia Arquette, Sandra Bullock, Jennifer Lawrence, entre outras. Todas reivindicam equidade salarial e melhores papéis nos roteiros dos filmes, pois alegam que em muitas tramas figuram como “*candy eye*”, ou seja, são escaladas apenas para enfeitar as telas de cinema.

No título do *Le Monde* temos novamente uma frase nominal, de modo que podemos dizer que a estratégia de redação do jornal mais uma vez prezou pela impessoalidade na construção do título.

Quanto à tradução do portal UOL, notamos a presença de novos elementos em sua composição. Tais acréscimos, no entanto, não nos parecem ter sido motivados por uma dificuldade linguística, senão para tornar o título mais claro ao leitor brasileiro.

Essas escolhas tradutórias trouxeram elementos relevantes para a composição do título, a saber: “Atrizes se rebelam contra”. O acréscimo desses elementos completa a informação, reduzindo a imprecisão encontrada no título em francês, uma vez que só conseguimos supor o que seja “*l'usine à rêves*” ou “fábrica de sonhos” por meio da palavra “Atrizes”, que sugere que “fábrica de sonhos” seja uma empresa de audiovisual.

Como podemos perceber, a tradução do título apresenta ao leitor brasileiro um tópico que tem sido bastante discutido atualmente: o sexismo. Porém, por meio da tradução pode-se inferir um dado relevante ao fato noticioso com a adição da oração “attrizes se rebelam contra”. Esse dado nos coloca em contato não só com a gravidade do fato noticioso, mas também com a representação das atrizes dessa indústria, ao dizer que “Atrizes se rebelam contra o sexismo”, sabemos que elas estão engajadas por situações melhores no ambiente de trabalho, o que não é possível inferir no título do *Le Monde*.

<i>Internet, l'autre champ de bataille israélo-palestinien</i> (03/11/2015)
A guerra dos vídeos por trás das fachadas (05/11/2015)

A reportagem em questão diz respeito ao papel crucial da divulgação de vídeos e fotos no conflito entre Israel e Palestina. De acordo com o que foi noticiado, nas redes sociais é possível ver dezenas de fotos de crianças segurando facas de cozinha nas mãos, posando para seus pais. No entanto, muitas dessas imagens são montagens realizadas com retratos de *shahid* ("mártires"), de quando estavam vivos e depois mortos. A produção e divulgação dessas montagens têm aumentado a intensidade do conflito entre Israel e Palestina, pois a manipulação das imagens é muito sofisticada, embora a grande maioria dos vídeos e dos textos postados seja obra de pessoas comuns.

De acordo com Charaudeau (2015), a ideologia do “mostrar a qualquer preço”, do “tornar visível o invisível” e do “selecionar o que é o mais surpreendente” foi utilizada como estratégia de tradução do portal UOL. Nota-se a priorização da tragédia e do caráter apelativo da notícia como mecanismo de ativação da memória do leitor.

No título em francês, o que foi nomeado como “Internet”, na tradução foi substituído por “vídeos”, substituição que remete à internet de qualquer forma, uma vez que a troca de vídeos, fotos, músicas, entre outros documentos, é feita facilmente por meio desse veículo. O substantivo “*L'autre champ de Bataille israélo-palestinien*” foi substituído por “guerra”, tal escolha tradutória suprimiu dois elementos relevantes para a chamada da notícia, a saber: “*l'autre*”, o que indica que há outro(s) campo(s) de batalha israelo-palestino além da internet, ou melhor, que o campo de batalha em questão alcançou tamanha proporção e se estendeu aos ambientes digitais.

Além de tais alterações, o título traduzido menciona troca de “fachadas” na guerra, o que também não consta no título do *Le Monde* e, de certa forma, torna o anúncio do fato noticioso mais instigante, uma vez que se espera troca de bombas e tiros numa guerra, e não necessariamente fachadas. Houve, ainda, a supressão da palavra “*israélo-palestinien*” (israelo-palestino). Tal supressão omite do título um dado importante para situar a comunidade interpretativa quanto ao que está sendo noticiado, pois, sem ele, não sabemos quem são os envolvidos na guerra à qual o título faz referência.

De acordo com Van Dijk (2010), para redigir um título, deve-se simplificar as informações em tópicos frasais, os quais facilitam a interpretação do seu conteúdo. Nesse sentido, podemos dizer que os tópicos frasais do título do *Le Monde* são “internet” e “batalha israelo-palestina”, ao passo que no título traduzido o tópico é “A guerra dos vídeos”. Essa estratégia de tradução não apresenta claramente o tópico da reportagem, de modo que somente pelo título o leitor brasileiro pode ser levado a uma interpretação unilateral do fato noticioso. De qualquer forma, nota-se o caráter hermético e trágico reconstruído na tradução do título, dramaticidade que faz forte apelo emocional.

8

<i>Les entreprises françaises à l'heure de l'allongement du temps de travail</i> (05/11/2015)
Na França, empresas dão “jeitinho” para escapar da jornada semanal de 35h (07/11/2015)

Essa reportagem diz respeito à reforma da legislação trabalhista. De acordo com a matéria, o ministro Manuel Valls anunciou uma reforma da legislação trabalhista ao longo de dois anos, que começará com aumento do tempo de trabalho, sendo que a lei continua a garantir a duração legal de 35 horas, e o pagamento de horas extras. O primeiro-ministro também confiou uma missão a Robert Badinter sobre os princípios gerais desse novo código.

No título do *Le Monde*, mais uma vez notamos a impessoalidade como estratégia usada na redação da chamada, para qual sugerimos a tradução “As empresas francesas e o prolongamento das horas de trabalho”. Esse título traz ao leitor francês o assunto da reportagem por meio de uma frase sem julgamento de valor a respeito do fato noticioso, de modo que somente após a leitura da matéria é possível, de fato, formar uma opinião a respeito do assunto da reportagem.

Como podemos notar, a tradução do título aproxima o leitor do fato noticioso com uma expressão bastante usada para representar a identidade do povo brasileiro, ao afirmar que as empresas francesas dão um “jeitinho”, o leitor certamente lembrará da expressão “jeitinho brasileiro”, a qual diz respeito às ilegalidades e às infrações que as pessoas cometem a fim de se darem bem em diversas situações.

De acordo com Van Dijk (2010), além de apresentar as ideias-chave da matéria, o título é o lugar privilegiado no qual o redator pode expressar a sua subjetividade.

Nesse sentido, podemos dizer que a tradução do portal UOL não só expressa um julgamento de valor não presente no título do *Le Monde*, mas também leva o leitor brasileiro a inferir que as empresas francesas são corruptas, conclusão que dispensa a leitura integral da matéria.

9

<i>L'armée française veut dissuader le pape François de visiter la Centrafrique</i> (11/11/2015)

Visita de Francisco a Bangui é considerada de alto risco e preocupa Paris (14/11/2015)
--

Na reportagem em questão, foi noticiado que a visita do Papa Francisco à mesquita Central de Bangui, um dos países da África Central, causou grande inquietação na França, pois a visita foi marcada próximo ao período de eleição. Bangui é um país dilacerado pela violência entre as milícias muçulmanas do antigo Séléka, que estão no poder. Houve insegurança quanto à visita do Papa Francisco na região, pois a população, que é majoritariamente cristã, poderia se rebelar contra as milícias na presença do Papa Francisco.

O título do *Le Monde*, para o qual sugerimos a seguinte tradução “O exército francês quer desencorajar o Papa Francisco de visitar a África Central”, apresenta ao leitor o fato noticioso com uma grande dramaticidade, ao colocar como tópico da manchete a preocupação do “exército francês” para com o “Papa Francisco”. Por meio da leitura desse título, pode-se inferir que a integridade física do Papa Francisco está em risco caso viaje para a África Central.

De acordo com Charaudeau (2015), o discurso da mídia tem o poder de construir uma representação da realidade de acordo com o seu próprio ponto de vista. Fato que pode ser verificado na tradução do portal UOL, com a qual o leitor brasileiro entra em contato com o fato noticioso de uma maneira menos trágica, na medida em que foi suprimido o substantivo “*L'armée française*” e a locução verbal “*veut dissuader*”, ou seja, dizer que o exército francês se preocupa com o Papa Francisco parece muito mais alarmante do que dizer que a viagem do Papa preocupa Paris.

Além disso, o vocábulo Papa foi suprimido e “*Le pape François*” foi traduzido por “Francisco”. Embora o Papa Francisco seja uma pessoa mundialmente conhecida, a supressão da palavra Papa tem implicações pragmáticas, uma vez que Francisco é

apenas um nome próprio que pode não remeter à sua pessoa, ao passo que manter somente o vocábulo “Papa” na tradução asseguraria a referência à sua solenidade.

O complemento circunstancial, em francês, “*La Centrafrique*” foi traduzido por “Bangui”, especificando, assim, o local em que a visita do Papa ocorreria. Houve, também, o acréscimo de um dado no título traduzido, a saber: “considerada de alto risco e preocupa Paris”, dado que modifica, significativamente, a interpretação do título traduzido, uma vez que não há menção no título do *Le Monde* do motivo pelo qual o exército francês quer convencer o Papa a não viajar.

10

Le Liban rattrapé par la guerre en Syrie (13/11/2015)

Pressionado em seus domínios, Estado Islâmico ataca Hezbollah no Líbano (17/11/2015)

Os títulos acima encabeçam a reportagem que noticia o duplo atentado suicida que causou a morte de 43 pessoas, no subúrbio de Beirute. Segundo a reportagem, o primeiro atentado foi em uma rua comercial lotada do bairro de Burj el-Barajne onde o primeiro homem-bomba, circulando em uma moto, detonou sua carga explosiva. Poucos minutos depois da primeira explosão, que ocorreu em frente a um centro comunitário xiita, um segundo homem-bomba se detonou um pouco adiante, no meio da multidão que corria. Além dos 43 mortos, foram contabilizados mais de 240 feridos. O balanço poderia ter sido ainda pior, pois um terceiro homem-bomba morreu em um dos dois ataques antes de conseguir detonar sua própria carga.

No título em francês, para qual sugerimos a tradução “O Líbano reocupado pela guerra na Síria”, o leitor entra em contato com o fato noticioso por uma afirmativa expressa de maneira “neutra”, ou seja, sem uma avaliação aparente por parte do jornal *Le Monde*.

Por meio da leitura do título em francês, somos informados sobre a difícil realidade enfrentada pelos libaneses perante os constantes ataques sofridos por parte da presença militar síria em território libanês. Podemos pressupor que ocorreu mais de um ataque sírio devido ao uso do prefixo “r”, que é usado para designar repetição de alguma ação. Tal prefixo acompanha o verbo “attraper” que nesse contexto pode ser traduzido por “ocupar” ou “tomar”, por isso é possível afirmar que o Líbano foi ocupado mais de uma vez.

Por outro lado, a tradução do título nos oferece uma nova abordagem do fato noticioso. Assim, podemos dizer de que toda escolha se caracteriza por aquilo que retém ou despreza; a escolha põe em evidência certos fatos deixando outros à sobra, dependendo do efeito de sentido que se deseja produzir (Cf. Charaudeau, 2015)

Nessa nova perspectiva, observa-se a relação de causa e efeito construída no título pelos elementos “Pressionado em seus domínios” e pelo verbo de ação “ataca”. O uso dessa construção atribui uma forte expressividade ao fato noticioso, principalmente pelo uso do verbo “atacar”, que designa uma ação ofensiva. Ao usar esse verbo, recupera-se no imaginário popular a tensão da guerra no Oriente Médio, ao mesmo tempo em que, sutilmente, se justifica o ataque, uma vez que foi colocado em destaque no título que o Estado Islâmico estava “pressionado em seus domínios”.

Outro fato interessante na tradução do título é o uso dos substantivos “Estado Islâmico” e “Hezbollah”, pois ambos atribuem maior grau de precisão à notícia, na medida em que esses termos especificam quem são os participantes do evento em questão. Cabe também observarmos a função sintática do termo “Líbano” que, no título em francês, figura na posição de agente da passiva, enquanto na tradução foi usado como adjunto adverbial de lugar, especificando o local no qual o evento noticiado ocorreu.

11

<i>La tentation du radicalisme islamiste gagne le Kosovo</i> (08/12/2015)

Kosovo tenta conter o avanço do radicalismo islâmico (10/12/2015)

A matéria em questão relata o futuro de A.B., um kosovar albanês que sonhava com aventuras e uma guerra santa na Síria. Há meses que seu universo se limita à modesta casa de sua família em um antigo prédio do Exército iugoslavo, situado em um vilarejo próximo da fronteira com a Macedônia. De acordo com o que foi reportado, a polícia local lançou uma grande operação contra os círculos islamitas desse pequeno país que conquistou sua independência da Sérvia em 2008, graças aos aviões da Otan e ao apoio político da União Europeia.

O título em francês, para qual sugerimos a seguinte tradução “A tentação do radicalismo islâmico ganha Kosovo”, informa ao leitor que o radicalismo islâmico continua se espalhando pelo sudeste Europeu. Da maneira como o título do *Le Monde* foi redigido, o leitor francês é levado a acreditar que Kosovo foi dominado pelo

radicalismo islâmico, induzindo-o, portanto, a uma interpretação imparcial do fato noticioso.

Por outro lado, a tradução do portal UOL apresenta ao leitor brasileiro o acontecimento por um outro ângulo. Ao afirmar que Kosovo “tenta conter” o avanço do islamismo, constrói-se a imagem de luta e resistência dos kosovares contra o islamismo, o que de fato pode ser comprovado no interior d reportagem, tornando, assim, o título mais coerente com o conteúdo expresso no corpo do texto.

Esse tratamento diferente observado na construção de ambos os títulos, confirma a tese de que tanto os elementos selecionados, quanto a maneira como eles são expostos nos discursos da mídia estão intrinsecamente relacionados aos efeitos de sentido que se busca produzir nos leitores (Cf. Charaudeau, 2015). Assim, podemos dizer que o título do *Le Monde* dá maior evidência ao avanço do estado islâmico, e o título do portal UOL prioriza a luta de Kosovo para conter o avanço do islamismo em seu território.

12

<i>En Libye, le jeu des Occidentaux contesté</i> (09/12/2015)
Jogo dos ocidentais e da ONU é visto com ceticismo na Líbia (11/12/2015)

A reportagem em tela se refere à conferência internacional sobre a Líbia. Tal evento tem por objetivo por fim a impaciência dos europeus e dos americanos em atacar o mais rápido possível o acesso do EI na Líbia, uma vez que se acredita que essa região apresenta uma possível futura base regional da organização jihadista, sob pressão militar em seu bastião histórico iraquiano-sírio. No entanto, de acordo com a reportagem, a invasão da região tem sido dificultada devido ao crescente ceticismo na Líbia em relação ao jogo dos ocidentais.

De acordo com Guerrero (2016), quando pensamos em tradução de títulos jornalísticos, o mais comum é que o título do original não influencie no que é escolhido para a tradução. Fato que podemos verificar no exemplo em tela. O verbo em francês, “contesté”, para qual sugerimos a tradução “contestado”, foi traduzido de modo a tornar o título mais extenso, tal estratégia tradutória também confere ao título um efeito de sentido que não é explicitado no título do *Le Monde*. A tradução apresenta outro ponto de vista sobre o fato noticioso, uma vez que contestar algo não significa obrigatoriamente enxergá-lo com “ceticismo”. O cético tende a não acreditar em nada,

ao passo que o indivíduo que contesta algo pode fazê-lo de maneira pontual, ou seja, ele não necessariamente o rejeita por completo.

Além disso, o título traduzido trouxe um novo elemento: “da ONU”. Ou seja, no título em francês foi noticiado que o jogo dos ocidentais foi contestado, mas nada se fala da participação da ONU no evento. Esse acréscimo muda, significativamente, a maneira como lemos o fato noticiado. Afinal, destacar no título que o envolvimento da ONU nos jogos ocidentais é visto com “ceticismo” na Líbia, parece-nos muito mais inquietante do que dizer que somente o jogo dos ocidentais é contestado, já que a ONU supostamente é uma organização de grande influência e contestá-la pode supor um abalo das relações diplomáticas entre os envolvidos.

13

<i>Des petits boulots au djihad en Syrie, le parcours de Foued Mohamed-Aggad</i> (10/12/2015)
--

'Só volto para explodir tudo', disse 3º terrorista do Bataclan quando estava na Síria (12/12/2015)

Nessa reportagem, é narrada a trajetória do *Foued Mohamed-Aggad*, um entre os dez rapazes de Estrasburgo que foram para a Síria para fazer a jihad. No entanto, ele foi o único que permaneceu lá, por mais de um ano e meio, antes de voltar à França para atacar o Bataclan, no dia 13 de novembro.

Na tradução do título, pouco restou do título de partida. Enquanto o título em francês é estritamente nominal, temos, na tradução, um título composto por uma citação e duas frases verbais. A citação feita no título em português não consta no título de partida, assim como a indicação de quem proferiu tal enunciado, que, em francês, foi identificado pelo nome próprio “*Foued Mohamed-Aggad*” e, em português, foi traduzido por “terrorista do Bataclan”. Num primeiro momento, tal mudança se justificaria, uma vez que a menção ao nome “*Mohamed-Aggad*” no título em português não acionaria nada no imaginário da comunidade interpretativa em questão. No entanto, o teor sensacionalista e alarmante dessa escolha tradutória é inegável.

Para Charaudeau (2015), tanto os elementos selecionados quanto a maneira com que é relatada a palavra do outro no discurso midiático pode revelar o posicionamento do locutor/relator, quer seja de modo intencional ou não.

No caso da tradução do portal UOL, podemos dizer que ela induz o leitor brasileiro a uma interpretação depreciativa e pré-concebida dos fatos, na medida em que designar alguém como “o terrorista do Bataclan” não só expressa um juízo de valor, como também induz a opinião pública a assimilar o ponto de vista de quem redigiu a notícia. A afirmação retirada do corpo da notícia: “Só volto para explodir tudo”, que também não consta no título do *Le Monde*, foi usada estrategicamente para confirmar, de fato, que “*Mohamed-Aggad*” é um terrorista.

14

<i>Conte de Noël à Liverpool</i> (13/12/2015)
Conto de Natal em Liverpool: coletivo ganha prêmio após revitalizar bairro (15/12/2015)

Essa reportagem refere-se ao Turner Prize, o prêmio de arte contemporânea mais importante do mundo, criado em 1984 pelo Tate Britain, tradicional museu londrino à beira do Tâmesa. De acordo com a notícia, o prêmio foi atribuído, no dia 7 de dezembro, não a um pintor, escultor, fotógrafo, videomaker ou performer, mas sim a um arquiteto, algo inédito. Quem assistiu à premiação descobriu um grupo de rapazes e moças radiantes. Ganhar o prêmio foi algo tão inesperado que para o coletivo foi como se o Turner Prize tivesse premiado um conto de Natal.

No título em francês temos uma frase que não permite ao leitor saber, de antemão, do que se trata a matéria. Isso coloca um desafio ao tradutor, não porque seja difícil traduzir o título, que poderia ser simplesmente traduzido por “Conto de Natal em Liverpool”, mas porque apenas essa frase não possibilitaria ao leitor brasileiro entrar em contato, pelo título, com o assunto retratado na reportagem. Lidos em primeiro plano, os títulos devem orientar a compreensão das notícias. (Cf. Guimarães, 1993). Mas não é o que retrata o exemplo em questão. Para a nossa comunidade interpretativa, “Conto de Natal em Liverpool” remete à festa celebrada no final do mês de dezembro, mas não é a isso que o título faz referência.

Como podemos perceber, a estratégia do portal UOL foi adicionar, após os dois pontos, uma frase oracional para explicar o que seria o “Conto de Natal em Liverpool”. De acordo com Zipser (2009), ao traduzir o fato noticioso, o jornalista tende a considerar quais informações e detalhes do fato devem ser ressaltados, minimizados ou até mesmo omitidos (p.4). Nesse sentido, uma possível tradução para título seria a

seguinte: “Coletivo ganha prêmio após revitalizar bairro em Liverpool”. Com ele se retomaria o tópico principal da reportagem e não se deixaria margem para interpretações tendenciosas sobre o fato noticioso.

15

<i>Marine Le Pen et le vaudou</i> (17/12/2015)
Opinião: Marine Le Pen leva adiante seu "vodu" contra a Europa (19/12/2015)

O fato noticioso dessa reportagem diz respeito aos rumores de a França ter a intenção de seguir os passos da Inglaterra e sair da União Europeia. O “vodu” mencionado em ambos os títulos faz referência às dificuldades enfrentadas pela França, entre elas, é mencionado o índice recorde de gastos públicos (57% do PIB), a dívida pública que se encaminha para 100% do PIB, um mercado de trabalho em grande parte fechado para os jovens, a política de créditos que prejudica os pequenos empresários, a política tributária que assusta a classe média e a subprodutividade do dinheiro público. Sem falar das dificuldades de integração das minorias.

Dessa forma, Marine Le Pen tenta mostrar uma espécie de “vodu” quando bate na "Europa", na tentativa de justificar os problemas estruturais enfrentados pelo país.

Para Guimarães (1993), os títulos não são meros artifícios publicitários, mas chaves para a decodificação da mensagem [...]. Enunciados sucintos de qualquer mensagem, sua interpretação deve ser integrada numa leitura global (p. 50). Fato que pode ser comprovado no exemplo em questão.

No que concerne ao assunto tratado na reportagem, depreende-se muito pouco a respeito do fato noticioso a partir do título em francês, de modo que a sua simples tradução por “Marine Le Pen e o Vodou” dificilmente despertaria o interesse do leitor a ler essa notícia entre tantas outras disponíveis na internet. Essa pode ser uma das razões pelas quais as traduções dos títulos do portal UOL trazem, com frequência, novos elementos em sua composição. No caso em tela, o leitor brasileiro pode inferir que o “vodu” de Marine Le Pen é um plano contra a Europa, o que não poderíamos afirmar a partir do título do *Le Monde*. Além disso, o assunto do título é mostrado ao leitor brasileiro como uma “opinião”. Essa estratégia tradutória não só expressa a subjetividade do autor do texto, como também interpela o leitor a concordar ou não com a posição do redator. Tal experiência não seria possível por meio da leitura do título do *Le Monde*.

<i>Frederik de Klerk critique le déboulonnage d'une statue de Cecil Rhodes à Oxford</i> (28/12/2015)

Nobel da Paz defende estátua de líder racista da África do Sul em Oxford (30/12/2015)

Essa reportagem noticia o caso da estátua do Cecil Rhodes. De acordo com o que foi relatado, depois de ter sido desmontada da Universidade da Cidade do Cabo, a estátua do magnata da mineração e colonizador britânico poderá tombar de seu pedestal em Oxford, no Reino Unido. A Oriel College, onde fica a polêmica escultura, declarou que as opiniões de Rhodes batiam de frente com a atual ética do programa de bolsas e da universidade. Entretanto, tal declaração não agradou ao último presidente branco da África do Sul, Frederik W. de Klerk.

Como podemos perceber novamente na tradução do portal UOL, o tratamento dado ao tópico da manchete traz ao leitor brasileiro a representação dos sujeitos envolvidos no fato notício de maneira apelativa, uma vez que a substituição do nome próprio “*Frederik de Klerk*” para “Nobel da Paz” e “*statue de Cecil Rhodes*” para “estátua de líder racista da África do Sul”, inevitavelmente causa maior impacto no leitor. Afinal, identificar alguém como Nobel da Paz é algo extremamente bem visto no Brasil e no mundo, de modo que a substituição do nome próprio “*Frederik de Klerk*” para “Nobel da Paz” é justificável, uma vez que o nome “*Frederik de Klerk*” não é conhecido no Brasil. A mesma estratégia foi usada na substituição de “*une statue de Cecil Rhodes*” por “estátua de líder racista da África do Sul”. No entanto, ao contrário do primeiro caso, essa escolha tradutória deixa transparecer certo julgamento de valor, visto que designar alguém como “racista” é bastante depreciativo. A supressão do termo “*le déboulonnage*”, para o qual sugerimos a tradução “a remoção”, é responsável por um efeito de sentido completamente diferente do que podemos depreender do título em português, na medida em que pela tradução não podemos saber por qual razão o Nobel da Paz saiu em defesa da estátua.

Se nenhuma informação pode pretender, por definição, à transparência, à neutralidade ou à factualidade, como afirma Charaudeau (2015), então podemos dizer que os dados expostos na tradução desse título nos mostram um novo olhar ao fato noticiado, olhar que está carregado de posicionamento político e julgamento de valor que podem (ou não) serem assimilados pelos leitores da reportagem.

<i>Primaire à droite : « Le désir de revanche est mauvais conseiller » (16/02/2016)</i>

Análise: Primárias presidenciais ou lutas de boxe? (18/02/2016)

O assunto dessa reportagem se refere ao nível inédito de agressividade nas discussões entre os concorrentes das primárias que devem apontar o candidato dos republicanos à próxima eleição presidencial na França. De acordo com o que foi noticiado, os assuntos mais discutidos no debate foram sobre a política de imigração, a crise síria e as escolhas econômicas.

Como podemos perceber, mais uma vez os títulos em tela foram apresentados ao leitor de maneira distinta, de modo que construíram diferentes representações do que seria a “realidade” do fato noticiado, de acordo com o próprio ponto de vista dos veículos nos quais as manchetes foram divulgadas.

Na tradução do portal UOL, a identificação do conteúdo do título foi colocada como uma análise. Dessa identificação resulta uma pergunta, e tal estrutura não consta no título do *Le Monde*. Ao contrário da afirmativa presente no título de partida para o qual sugerimos a seguinte tradução: “O desejo de revanche é mau conselheiro”, a tradução apresenta a seguinte questão: Primárias presidenciais ou lutas de boxe?

Tal questão parece assinalar que as primarias presidenciais, no título traduzido, apresentam um aspecto mais agressivo, uma vez que foram comparadas às “lutas de boxe”. Com isso, podemos dizer que a tradução do UOL leva o leitor brasileiro a inferir que as relações políticas no território francês, no período de eleição, são violentas não só no nível político, mas também físico. Um recurso semelhante é apresentado pelo substantivo “*revanche*”, em francês, porém de forma mais amenizada, já que figura como complemento nominal de “*Le désir*” “o desejo”, ou seja, a ânsia por vingança expressa no título de partida é dada na tradução como praticamente certa, mesmo que a estrutura do título em português seja uma pergunta.

Por meio da leitura de ambos os títulos, confirmamos a tese segundo a qual, em tradução jornalística, tem-se como referência não o título original da reportagem, mas sim as características linguísticas e culturais da comunidade interpretativa para qual o texto traduzido será direcionado (Guerrero, 2006).

3.3 Suplemento

Se voltarmos o nosso olhar para a tradução jornalística em 2018, nos deparamos com um cenário diferente daquele de 2016, momento no qual o portal UOL parou de traduzir notícias do jornal *Le Monde*. Encontramos, agora, em ambiente digital, traduções do jornal *Le Monde* feitas pelo portal de notícias da RFI – Rádio França Internacional.

Embora não seja o foco central de nossa pesquisa, incluímos, a seguir, uma dessas traduções feitas pelo site da RFI. A reportagem em tela diz respeito ao cenário atual da política brasileira, em que somos informados sobre o período de pré-campanha presidencial de 2018. A partir do cotejo entre os textos, procuramos demonstrar em que medida e como as traduções jornalísticas são usadas para a produção de novos textos jornalísticos disponíveis na internet.

18

Le Brésil face au risque du pire Analyse. Dans un pays où la violence politique est endémique, une partie de la population est désormais tentée par l'autoritarisme et l'extrême droite, à quelques mois de l'élection présidentielle, <u>explique la correspondante du « Monde » au Brésil, Claire Gatinois.</u> LE MONDE 06.06.2018 à 09h00 • Mis à jour le 06.06.2018 à 10h40 Par Analyse. Jefferson Lima Menezes, 39 ans, a quitté les soins intensifs et repris sa vie d'avant, celle d'un syndicaliste anonyme de la banlieue de Sao Paulo. La balle de calibre 9 mm qui a atteint son cou dans la nuit du samedi 28 avril n'a touché ni la carotide ni la moelle épinière. Cette nuit-là, il se trouvait au campement de Curitiba, capitale de l'Etat du Parana (sud du pays), en soutien à l'ancien président Luiz Inacio Lula da Silva, emprisonné à quelques centaines de mètres de là.	<u>"O Brasil frente ao risco do pior", diz artigo do Le Monde</u> O Jornal francês Le Monde publica nesta quarta-feira (6) uma análise com o título: "o Brasil frente ao risco do pior". <u>O texto da correspondente em São Paulo, Claire Gatinois, reúne a opinião de simpatizantes do Partido dos Trabalhadores acampados em Curitiba, em apoio ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, preso por corrupção.</u>
---	--

Como podemos observar, a “tradução” da RFI sinaliza ao leitor brasileiro que o texto em tela não se refere a uma criação do próprio site, visto que foi adicionada ao título a seguinte informação: “diz artigo do Le Monde”. Na verdade, o site RFI não

destaca em nenhuma parte do texto que se trata de uma tradução, colocando em destaque no corpo da reportagem apenas o nome da correspondente da França no Brasil, Claire Gatinois, que produziu a primeira versão da notícia para o *Le Monde*. Com isso, podemos constatar que a reportagem do *Le Monde* foi usada para a produção de uma notícia, ou seja, serviu como fonte para redigir um novo texto jornalístico, não havendo, portanto, a pretensão por parte da RFI de manter a estrutura do texto fonte, bem como todos os dados nele apresentados. Isso pode ser facilmente observado, já que os dois parágrafos iniciais da reportagem do *Le Monde* não aparecem no texto da RFI.

<u>Le tireur, filmé par des caméras de vidéosurveillance, en voulait-il au trentenaire pour quelque règlement de comptes personnel ? Ou s'attaquait-il à la foule de militants protestant contre l'incarcération de Lula, totem de la gauche, pour des faits de corruption ?</u> <u>Dans un pays où une personne est assassinée toutes les neuf minutes, faire de la politique réduit sensiblement l'espérance de vie.</u> La plupart des sympathisants du Parti des travailleurs de Lula (PT) n'ont aucun doute sur les motivations politiques de l'attaque. <u>« La situation de violence et d'intolérance au Brésil est très grave », a commenté la présidente du PT, Gleisi Hoffmann,</u> peu après les tirs, précisant que cette violence s'adressait essentiellement aux mouvements de gauche. Fin mars, la caravane de Lula, alors libre et en précampagne électorale dans le sud du pays, n'avait-elle pas déjà été visée par des tirs ? La fusillade n'est-elle pas la suite de l'assassinat, le 14 mars, de la conseillère municipale de Rio de Janeiro, <u>Marielle Franco, figure de la gauche progressiste, en guerre contre les violences policières, le racisme et l'homophobie ?</u> <u>Lire aussi : Dans un Brésil à la dérive, le deuil de l'icône Marielle Franco</u> <u>Dans un pays où une personne est assassinée toutes les neuf minutes, faire de la politique réduit sensiblement votre espérance de vie. Entre 1998 et 2016, 79 candidats</u>	Um atirador foi filmado no local disparando contra os manifestantes. Antes da condenação do líder petista, um ônibus da caravana de Lula também havia sido alvo de tiros. Segundo a presidente do PT, “a situação de violência e intolerância no Brasil é muito grave”. Gleisi Hoffmann afirma que os movimentos de esquerda no país estão em risco. <u>O artigo cita ainda</u> a morte da vereadora Marielle Franco, assassinada no Rio de Janeiro, após denunciar a violência policial, casos de racismo e de homofobia em favelas cariocas. O crime comoveu a sociedade e até hoje as motivações do ataque contra a parlamentar não foram desvendadas. Num país onde uma pessoa é assassinada a cada nove minutos, entrar na política pode ser perigoso. Estudo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro aponta que 79 candidatos em campanha foram assassinados entre 1998 e 2006.
--	---

<u>en campagne ont été assassinés, soit 16 par période électorale, relève une étude de l'Unirio, l'université fédérale de l'Etat de Rio de Janeiro.</u>	
---	--

Ao traduzir reportagens, o tradutor tende a selecionar, apresentar e omitir informações do fato tendo em vista o perfil dos leitores para qual o texto final será direcionado (Cf. Zipser, 2009). Fato que pode ser comprovado nos parágrafos acima, em que destacamos os tópicos do texto do *Le Monde* que foram traduzidos e rephraseados na construção da reportagem da RFI. Vale ressaltar que a reportagem da RFI, além de usar o discurso relatado na reportagem do *Le Monde*, como no caso da fala da presidente do PT, também sinaliza no texto a fonte usada para a construção de sua reportagem, o que pode ser constatado em: “O artigo cita ainda...”, fazendo referência à reportagem do *Le Monde*.

É sabido que a construção do texto jornalístico é fruto de um trabalho de diferentes coautores, embora o resultado final geralmente seja assinado somente pelo redator chefe (Cf. Guerrero, 2006). No entanto, no que concerne à tradução analisada, não se sabe quem a produziu. Não é possível afirmar se foi redigida por um tradutor ou um jornalista que traduziu para produzir suas próprias reportagens. Independentemente de como se coloca o profissional que executou tal tarefa, a ausência de sua assinatura mostra o quão complexa é a questão da tradução no meio jornalístico.

Segundo Guerrero (2006), “quando notícias são traduzidas de outras mídias e fontes ou agências, às vezes é necessário atualizá-las, ou completá-las com dados de outras fontes, para poder transmitir as notícias” (p. 74).¹⁴ No caso em questão, observam-se apenas supressões de alguns dados e a tradução de outros para produção de um novo texto. Mas, se for considerado um novo texto, por que não assiná-lo? Ainda que não tenha o *status* de autor da reportagem, por que o profissional que leu, interpretou e selecionou os dados relevantes para a produção do “novo texto” não pode assinar pelo seu trabalho? Parece que a falta de reconhecimento do profissional da área de tradução é latente no meio jornalístico, pois mesmo que a tradução da reportagem tenha sido feita por um jornalista, este poderia assinar pelo trabalho sinalizando que se trata de uma tradução.

¹⁴ Cuando se traduce una noticia procedente de otros medios o de agencias, en ocasiones se hace necesario actualizarla, o completarla con datos de otras fuentes, para poder transmitir La actualidad informativa.

Les premiers signaux de la colère

Mais cette violence hier cantonnée aux campagnes, la voici dans les grandes villes. Visant autrefois des acteurs locaux pour des bagarres personnelles, elle se fait idéologique, cherchant des figures nationales, emblèmes de la démocratie. « *Il s'agit de faits isolés, mais hautement symboliques et marquants. On s'attaque à un ancien chef d'Etat en campagne. C'est sans précédent !* », observe Ignacio Cano, sociologue et membre du Forum brésilien de sécurité publique, une ONG.

Plus choquante encore est l'absence de condamnation unanime et immédiate de la part des acteurs censés défendre les valeurs de la République. Si le meurtre de Marielle Franco a ému tout le pays, les balles qui ont percé la carcasse des bus de Lula n'ont que mollement été commentées.

Lire aussi : [Assassinat de Marielle Franco : nouvelle mobilisation dans une favela de Rio de Janeiro](#)

L'ancien gouverneur de Sao Paulo, Geraldo Alckmin, candidat de la droite pour l'élection présidentielle, est allé jusqu'à affirmer que le PT ne faisait que récolter ce qu'il avait semé. Le représentant de l'extrême droite, Jair Bolsonaro, a quant à lui osé insinuer que le PT aurait pu être lui-même l'auteur des tirs. Une hypothèse reprise par la jeunesse militante de la droite dure, représentée par le Mouvement Brésil libre (MBL).

Cette violence et la relative indifférence qu'elle suscite auprès de l'opinion témoignent de la radicalisation effrayante de la société brésilienne. Les premiers signaux de la colère sont apparus lors des manifestations spontanées de juin 2013. D'abord apolitique, la grogne populaire s'est nourrie des désillusions, du désenchantement et de la rancœur d'une partie du pays envers dix ans de gouvernement PT. Un pouvoir qui sortit de la misère des dizaines de millions de Brésiliens, fit du pays un protagoniste de la scène diplomatique et sportive internationale mais fut incapable de créer un État-providence décent.

Guerra ideológica pré-eleições

O Le Monde destaca que o Brasil vive um momento de fortes embates ideológicos entre uma esquerda, que se considera injustiçada, e uma direita defensora do liberalismo econômico e desapontada com os recentes casos de corrupção que assolam o país.

Segundo a correspondente do jornal francês, a situação de ódio é alimentada pelos escândalos de desvio de dinheiro público, que atingem boa parte dos partidos políticos e pela irritação de uma parte da burguesia que, segundo a autora, não aceita os avanços sociais para uma parcela pobre dos brasileiros.

Ainda segundo o artigo publicado hoje na imprensa francesa, a destituição da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016, poderia ter acalmado os ânimos. Isso se o sucessor, o atual presidente Michel Temer, não tivesse empurrado o país ainda mais em direção ao caos político, ético e econômico.

Enquanto isso, as vésperas de eleições gerais em outubro, a população demonstra profundo descrédito nos partidos tradicionais, o que abre espaço para discursos autoritários e mesmo um certo saudosismo do período da ditadura militar. Isso explicaria, por exemplo, a boa projeção de votos conquistada pelo pré-candidato Jair Bolsonaro, que aparece nas pesquisas apenas atrás de Lula. O texto lembra que até pouco tempo a notoriedade do deputado e militar da reserva se restringia a uma parte da população.

Appels à une intervention militaire

Cette colère s'est peu à peu muée en une haine viscérale, alimentée par les scandales de corruption touchant le parti de gauche et l'irritation d'une bourgeoisie troublée de voir les classes inférieures accéder peu à peu aux attributs de la richesse. Soudain les « pauvres » prenaient « leurs » avions, fréquentaient « leurs » boutiques, empruntaient « leurs » autoroutes au volant de voitures achetées à crédit. Lula, l'enfant pauvre du Nordeste, incarne ce mélange des genres jugé insupportable dans une société encore marquée par les rapports du « maître et de l'esclave » décrits par le sociologue Gilberto Freyre.

La destitution de la dauphine de Lula, Dilma Rousseff en 2016, réclamée par la rue, aurait pu calmer les esprits, si le gouvernement de son successeur de droite, Michel Temer, embourbé dans les affaires, n'avait enfoncé un peu plus le pays dans un chaos politique, éthique et économique. Déboussolée, écœurée par les politiciens traditionnels, une partie du pays est désormais tentée par l'autoritarisme. En attestent les appels à une intervention militaire pour renverser le président Temer, scandés lors de la révolte des routiers, fin mai.

Lire aussi : [En pleine crise politique, le Brésil s'enlise dans les conflits sociaux](#)

« *C'est là que Bolsonaro entre en scène* », commente le candidat du Parti socialisme et liberté, (PSOL) Guilherme Boulos. Le député Jair Bolsonaro, militaire de réserve et grand nostalgique de la dictature (1964-1985) dont la notoriété se limitait jusqu'ici à une frange minoritaire de la population, est désormais en tête des sondages derrière Lula. « Il est la synthèse de ce que ce la société brésilienne a de pire », estime M. Boulos. Défenseur de la peine de mort, du libéralisme économique, de la rigueur morale et de la « tolérance zéro », le candidat décomplexé une partie des électeurs enragés par la popularité persistante de Lula. Cette extrême droite, encore désorganisée, est aussi galvanisée par une gauche qui se dit persécutée par la justice, les médias et l'opposition, engageant une lutte du « eux

<u>contre nous », où aucune modération ne semble acceptable.</u>	
--	--

Novamente podemos observar nos parágrafos acima que a tradução da RFI suprimiu várias partes da reportagem do *Le Monde* e, na construção de sua reportagem, fez várias referências à reportagem do *Le Monde*, como “O *Le Monde* destaca que...”, “Segundo a correspondente do jornal francês...”, “Segundo a autora...”, “Ainda segundo o artigo publicado...”, “O texto lembra que...”, “A autora cita...” e “Segundo o artigo...”. Assim, pode-se dizer que a legitimidade dos dados, bem como da própria reportagem da RFI é constantemente redirecionada ao jornal *Le Monde*.

Outro aspecto característico dos textos jornalísticos publicados em ambiente digital que também verificamos na reportagem do *Le Monde* se refere aos hiperlinks presentes entre os parágrafos do texto, esse recurso nos permite o acesso a textos complementares, nos guiando para “várias pirâmides invertidas da notícia”, o que nos motiva a acessar outras reportagens (Cf. Canavilhas (1999) e Bardoel e Deuze (2000)).

Para os respectivos hiperlinks: [Dans un Brésil à la dérive, le deuil de l'icône Marielle Franco](#) , [Assassinat de Marielle Franco : nouvelle mobilisation dans une favela de Rio de Janeiro](#) , [En pleine crise politique, le Brésil s'enlise dans les conflits sociaux](#) , sugerimos as seguintes traduções: “Brasil ao leme, o luto do ícone Marielle Franco”, “Assassinato de Marielle Franco: nova mobilização na favela do Rio de Janeiro” e “Em plena crise política, o Brasil se afunda nos conflitos sociais”.

Por meio desses hiperlinks, o leitor francês pode se aprofundar nos temas relacionados ao assassinato da Marielle Franco e aos conflitos sociais decorrentes da crise política do Brasil.

Quanto às questões de representação no exemplo em tela, podemos verificar que tanto a reportagem do *Le Monde* quanto a “tradução” da RFI deram continuidade ao discurso que circula na mídia brasileira: o caos e a instabilidade política do país devido à aproximação das eleições presidenciais, de modo que não podemos dizer que nenhuma das reportagens induz o leitor a uma visão unilateral da realidade atual do país.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseando-nos na análise do *corpus* desta pesquisa, podemos tecer algumas observações acerca das semelhanças e diferenças encontradas nos títulos jornalísticos resultantes do processo tradutório. Entre elas, a mais notável foi o fato de que em boa parte das traduções dos títulos observamos “deslocamentos”, com todas as implicações que tal noção pode acarretar no âmbito da prática e da teoria da tradução, dos títulos do texto de partida. Tais deslocamentos se deram em dois níveis, a saber: quanto às palavras escolhidas e às estruturas sintáticas utilizadas, mais especificamente no que diz respeito à transformação dos títulos nominais, em francês, para títulos verbais, em português. Além das modificações quanto à ordem, à seleção e à exposição dos dados, o que compreendemos não só como uma questão de expressividade estilística priorizada pelos veículos de informação, mas também como um olhar diferente dado aos eventos noticiados, em função do público alvo para o qual as informações foram direcionadas.

É sabido que as políticas editoriais impõem determinadas regras no modo como os fatos noticiosos devem ser expostos para cada comunidade interpretativa. Em decorrência disso, notamos, com grande frequência, o acréscimo e/ou a supressão de dados nos títulos traduzidos, possivelmente para deixar a redação dos títulos mais atrativa, induzindo assim o leitor a clicar na reportagem. Tais acréscimos e/ou supressões de dados são necessários, já que muitos acontecimentos não têm relação alguma com a realidade da comunidade interpretativa em questão, ou seja, não os reorganizar na tradução poderia resultar no desinteresse do internauta em ler a notícia na sua integralidade.

Para além das alterações de ordem vocabular e sintática, nos deparamos com títulos que foram completamente “reescritos”, de modo que não caberia nessa pesquisa entrarmos na discussão sobre a dicotomia tradução x adaptação, pois no processo de tradução de alguns títulos não foi sequer apresentado o tópico central do fato noticioso. A seleção dos tópicos, bem como a maneira como eles foram organizados pelo portal UOL, podem levar o leitor a interpretar a notícia de modo muito diferente do que poderia ser interpretada por meio da leitura do jornal *Le Monde*. Essas escolhas tradutórias parecem estar diretamente relacionadas não só a questões de redação e estilo, mas também à tentativa de fazer circular um discurso mais polemizante na mídia brasileira, induzindo o leitor a formar opiniões pré-concebidas por meio da leitura dos títulos somente. Daí muito deles apresentarem aos leitores títulos com relações de causa

e efeito, causa e consequência ou afirmações. No entanto, por meio das nossas sugestões de tradução, tentamos mostrar que é possível traduzir os títulos de maneira mais parcial, dando mais voz ao outro, atenuando, assim, nossas opiniões a respeito dos assuntos tratados nas reportagens. A partir dessa experiência, constatamos que a tradução jornalística, de fato, faz muito mais do que informar, ela é capaz de (trans)formar opiniões, mudando e propagando novas percepções do outro e de suas identidades.

Num mundo cada vez mais dinâmico e acelerado, as traduções dos títulos do portal UOL nos revelaram não só uma característica cultural da imprensa brasileira, a qual se apresenta com uma postura formadora de opinião mais explícita do que a imprensa francesa, mas também revela o perfil do leitor da era pós-moderna. Acelerados, ansiosos e, muitas vezes, até “depressivos” devido à cobrança para produzir tanto quanto as máquinas, os sujeitos dessa geração se tornaram escravos do tempo. O mundo pós-moderno não nos permite refletirmos sobre nossas ações. E isso se reflete, também, no ato de leitura: lemos no transporte, no horário de almoço, entre a execução de uma atividade e outra; enfim, lemos onde e quando é possível, de tal modo que ler e compartilhar títulos jornalísticos passou a substituir a leitura das reportagens.

Outra questão relevante que norteou nossa pesquisa diz respeito ao papel da tradução na produção jornalística. Essa problemática vem sendo debatida há praticamente uma década, como pudemos acompanhar nos estudos de Bielsa e Bassnett (2009) e de Guerrero (2009), mas parece estar longe de ser solucionada à luz dos estudos da tradução. Como pudemos constatar, as traduções jornalísticas do *Le Monde* feitas pelo portal UOL não são assinadas, de modo que não é possível afirmar que tal tarefa foi executada por um tradutor ou um jornalista. A questão que emerge desse impasse é a seguinte: qual a política de tradução do portal UOL? Se é que existe uma política concernente a esse aspecto na redação do portal.

A ausência de um responsável pelo resultado final das traduções jornalísticas do portal UOL, além de reforçarem a ideia bastante disseminada de que as ferramentas de tradução automática substituem o profissional de tradução, também sinaliza o papel do tradutor na redação do portal. Afinal, quando não se trata de uma tradução, mas sim de produções jornalísticas do próprio portal UOL, essas reportagens são acompanhadas da assinatura do seu redator chefe.

Vê-se, portanto, que não há uma divisão explícita entre jornalismo e tradução jornalística, pelo menos não no *corpus* analisado nesta pesquisa. Na verdade, o percurso da produção jornalística parece bem sedimentado no tocante às publicações de artigos

de opinião e outros subgêneros textuais que abarcam a produção jornalística; mas, no que tange à tradução jornalística propriamente dita, tem-se um cenário incerto e pouco demarcado.

Se tais traduções não são assinadas, quem se responsabiliza pela veracidade dos fatos noticiados? No caso da tradução da reportagem feita pela RFI, nota-se a construção de uma notícia a partir da tradução de partes pré-selecionadas de outra reportagem publicada pelo *Le Monde*, tradução essa em que “se legitima” a veracidade dos dados da reportagem por meio de várias referências à publicação do *Le Monde*. Tal recurso parece ser comum na construção dos discursos relatados.

Em tempos de disseminação de *Fakenews* na internet, essa falta de “marcação” autoral nas publicações de reportagens pode facilitar a propagação de discursos de toda sorte, em forma de tradução, ao se fazer referência aos jornais de renome sem que as reportagens sejam assinadas, como pudemos verificar na tradução da RFI.

É importante ressaltarmos que as traduções das narrativas apresentadas nos textos jornalísticos contribuem, e muito, para a (trans)formação da ideia de identidade assimilada e/ou rejeitada pela comunidade interpretativa desses textos. Nesse sentido, podemos dizer que tanto a produção quanto a tradução jornalísticas servem como ferramentas para a construção do sentimento de pertencimento ou da nossa própria concepção de identidade cultural, uma vez que tais representações chegam até nós por meio da (re)produção sistemática dessas narrativas traduzidas. Tais fatos confirmam a tese de que a tradução faz muito mais do que “carregar sentidos”. Na verdade, essas traduções também formam opinião, ao transformarem o olhar que temos sobre o outro, sobre o mundo e sobre nós mesmos.

É comum dizer que o local de onde “fala” ou emerge a tradução diz muito sobre o outro, porém essa afirmação torna-se mais evidente quando se pensa em tradução jornalística, visto que esses textos, que comumente reportam o outro, carregam traços da subjetividade do criador da notícia e, posteriormente, de quem a traduziu, traços esses que particularizam cada (re)escrita em tradução. Além desses fatores, há de se levar em conta os interesses financeiros, políticos e ideológicos das instituições midiáticas que sustentam as produções jornalísticas. Esse conjunto de forças é determinante para (re)produção das identidades no mundo pós-moderno em que o banal tende a assumir papel de extraordinário.

Esse processo de movimentações, de trocas e de passagens inerentes ao processo de tradução, e tão presente na produção jornalística traduzida, associado ao potente

veículo de comunicação global que é a internet, só confirma a tese segundo a qual as traduções são, de fato, um mecanismo que permite (re)inventar, incessantemente, a identidade (Cf. Crépon, 2004, p. 272).

Consideramos que esses apontamentos que surgiram no decorrer desta pesquisa não se esgotam aqui, mas esperamos que eles sirvam de estímulo para futuras pesquisas no campo dos estudos da tradução.

REFERÊNCIAS

ÁFRICA do sul tem xenofobia corriqueira, alimentada pela violência. **Portal UOL**, São Paulo, 18 abr. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/04/18/africa-do-sul-tem-xenofobia-corriqueira-alimentada-pela-violencia.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

ANÁLISE : Primárias presidenciais ou lutas de boxe ?. **Portal UOL**, São Paulo, 18 fev. 2016. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2016/02/18/analise-primarias-presidenciais-ou-lutas-de-boxe.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

A GUERRA dos vídeos por trás das fachadas. Portal UOL, São Paulo, 5 nov. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/11/05/a-guerra-dos-videos-por-tras-das-fachadas.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

ARROJO, R. **Oficina de tradução**: a teoria na prática. São Paulo: Ática, 1986.

_____. (Org.). **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. São Paulo: Pontes, 1992.

_____. O tradutor “invisível” por ele mesmo: Paulo Henriques Britto entre a humildade e a onipotência. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 36, 2000, p. 159-176.

_____. Tradução e impropriedade: uma leitura de *Les nègres du traducteur*, de Claude Bleton: tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 50, n. 2, 2011, p. 479-492.

ASTIRBEI, C. E. Particularités de la traduction du texte de presse: le problème du titre journalistique. **Traduire**: revue française de La traduction, Paris, n. 225, p. 33-48, 2011. Disponível em: <<http://traduire.revues.org/85>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

ATRIZES se rebelam contra sexismo na “fábrica de sonhos”. **Portal UOL**, São Paulo, 4 nov. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/11/04/atriz-es-rebelam-contr-sexismo-na-fabrica-de-sonhos.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

BACKES, C. **O que é ser brasileiro?** São Paulo: Escuta, 2000.

BARBOSA, S. Jornalismo de portal : novo formato e categoria para o jornalismo digital. In: MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Org.). **Modelos do jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003.

BARDOEL, Jo. DEUZE, M. Network Journalism : converging competences of old and new media professionals. **Australian Journalism Review**, [S. 1.], v. 23 n. 2, p. 91-103, 2011. Disponível em : <<https://scholarworks.iu.edu/dspace/bitstream/handle/2022/3201/BardoelDeuze%20NetworkJournalism%202001.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 5 maio. 2016.

BARTHE, B. Le Liban rattrapé par la guerre en Syrie. **Le Monde**, Paris, 13 nov. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2015/11/13/en-difficulte-l-ei-frappe-le-hezbollah-a-beyrouth_4808875_3218.html>. Acesso em: 22 jul. 2018.

BAUMAN, B. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMARD, M. Onze jours après leur première expulsion, les migrants s'installent près du jardin d'Eole. **Le Monde**, Paris, 13 jun. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/immigration-et-diversite/article/2015/06/13/onze-jours-apres-leur-premiere-expulsion-les-migrants-s-installent-pres-du-jardin-d-eole_4653636_1654200.html#eyJUBctCOF87tCwjA.99>. Acesso em: 22 jul. 2018.

BERMAN, A. **L'épreuve de l'étranger**: culture et traduction dans l'Allemagne romantique. Paris: Gallimard, 1984.

_____. La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain. In: _____. **Les tours de Babel**. Mauvezin: Trans-Europ-Repress, 1985. p. 31-107.

_____. **A prova do estrangeiro**: cultura e tradução na Alemanha romântica. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

BERTOLINI, J. **O título jornalístico na internet**. 2014. Dissertação de Mestrado (Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/123262>>. Acesso em: 15 maio 2015.

BETANCOURT, M. R. Géneros periodísticos: para arropar su hibridez. **Estudios Sobre el Mensaje Periodístico**, Madrid, n. 10, 2004, p. 319-328.

BIELSA, E.; BASSNETT, S. **Translation in global news**. New York: Routledge, 2009.

BOBIN, F. En Libye, le jeu des Occidentaux contesté. **Le Monde**, Paris, 9 dez. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/afrique/article/2015/12/09/en-libye-le-jeu-des-occidentaux-conteste_4827656_3212.html>. Acesso em: 22 jul. 2018.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

CALLIGARIS, C. **Hello Brasil**: notas de um psicanalista europeu viajando pelo Brasil. São Paulo: Escuta, 1992.

CANAVILHAS, J. M. **Webjornalismo**: considerações gerais sobre jornalismo na web. Covilhã: Universidade de Beira Interior, 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2015.

CHÂTELOT, C. La tentation du radicalisme islamiste gagne le Kosovo. **Le Monde**, Paris, 8 dez. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/international/article/2015/12/08/au-kosovo-la-tentation-djihadiste_4826728_3210.html>. Acesso 22 jul. 2018.

CORACINI, M. J. R. F. Título: uma unidade subjetiva (caracterização e aprendizagem). **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 13, p. 235-254, jan./jun. 1989.

CONTO de Natal em Liverpool : Coletivo ganha prêmio após revitalizar bairro. **Portal UOL**, São Paulo, 15 dez. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/12/15/conto-de-natal-em-liverpool-coletivo-ganha-premio-apos-revitalizar-bairro.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

COURTOIS, G. Primaire à droite: « Le désir de revanche est mauvais conseiller ». **Le Monde**, Paris, 16 fev. 2016. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/idees/article/2016/02/16/eviter-que-la-provocation-ne-tourne-a-l-agression-et-la-primaire-au-pugilat_4865957_3232.html>. Acesso em 22 jul. 2018.

CRÉPON, M. La traduction entre les cultures. **Revue Germanique Internationale**, Evry, n. 21, 2004, p. 71-82. Disponível em: <<http://rgi.revues.org/998>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

_____. **Langues sans demeure**. Paris: Galilée, 2005.

DEÂNGELI, M. A. **A literatura na língua do outro**: Jacques Derrida e Abdelkebir Khatibi. São Paulo: Ed. da UNESP, 2012.

ESCRITOR faz apelo contra uso de véu no Egito e causa polêmica. **Portal UOL**, São Paulo, 22 jun. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/06/18/escritor-faz-apelo-contr-uso-de-veu-no-egito-e-causa-polemica.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

FRANCHON, A. Marine Le Pan et le vaudou. **Le Monde**, Paris, 17 dez. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/idees/article/2015/12/17/marine-le-pen-et-le-vaudou_4833472_3232.html>. Acesso em: 22 jul. 2018.

FREDERIK de Klerk critique le déboulonnage d'une statue de Cecil Rhodes à Oxford. **Le Monde**, Paris, 28 dez. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/afrique/article/2015/12/28/frederik-de-klerk-critique-la-campagne-pour-le-deboulonnage-d-une-statue-du-colon-cecil-rhodes_4838729_3212.html>. Último acesso em 22 jul. 2018.

GENETTE, G. **Palimpsestes**: la littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982.

GUERRERO, M. J. H. La traducción de los titulares periodísticos. In: SUSO LOPES, J.; CARRILLO, R. L. (Coord.). **Le français face aux défis actuels**. Granada: Universidad de Granada-Apfue-Gilec, 2004. p. 271-281.

GUERRERO, M. J. H. Técnicas específicas de la traducción periodística. **Quaderns:** revista de traducción, Barcelona, n. 13, 2006, p. 125-139.

_____. Las traducciones periodísticas: entre la aceptabilidad y el trasvase lingüístico. **Hermeneus:** revista de traducción e interpretación, Soria, n. 10, 2008, p. 1-12.

GUERRIN, M. Conte de Noel à Liverpool. **Le Monde**, Paris, 12 dez. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/culture/article/2015/12/13/cont-de-noel-a-liverpool_4830705_3246.html>. Acesso em: 22 jul. 2018.

_____. Sexisme dans l'usine à rêves. **Le Monde**, Paris, 30 oct. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/idees/article/2015/10/30/sexisme-dans-l-usine-a-reves_4799796_3232.html>. Acesso em: 22 jul. 2018.

GATINOIS, C. Le Brésil face au risque du pire. **Le Monde**, Paris, 6 jun. 2018. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2018/06/06/le-bresil-face-au-risque-du-pire_5310348_3222.html>. Acesso em: 23 ago. 2018.

GUIBERT, N. ; CHAMBRAUD, C. **Le Monde**, Paris, 11 nov. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/afrique/article/2015/11/11/l-armee-francaise-met-en-garde-le-pape-francois-contre-les-risques-de-sa-visite-a-bangui_4806994_3212.html>. Acesso em: 22 jul. 2018.

GUIMARÃES, E. **A articulação do texto**. São Paulo: Ática, 1993.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HERVIEU, S. En Afrique du Sud, une xénophobie largement banalisée. **Le Monde**, Paris, 17 abr. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/international/article/2015/04/17/en-afrique-du-sud-une-xenophobie-largement-banalisee_4618091_3210.html>. Acesso em: 22 jul. 2018.

JACQUIN, B. J. Les entreprises françaises à l'heure de l'allongement du temps de travail. **Le Monde**, Paris, 5 nov. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/economie/article/2015/11/05/les-entreprises-francaises-a-l-heure-de-l-allongement-du-temps-de-travail_4803313_3234.html>. Acesso em: 22 jul. 2018.

JAPÃO reativa reator nuclear quatro anos depois da tragédia de Fukushima. **Portal UOL**, São Paulo, 13 ago. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/08/13/japao-reativa-reator-nuclear-quatro-anos-depois-da-tragedia-de-fukushima.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

JOGO dos ocidentais e da ONU é visto com ceticismo na Líbia. **Portal UOL**, São Paulo, 11 dez. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/12/11/jogo-dos-ocidentais-e-da-onu-e-visto-com-ceticismo-na-libia.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

KASIMOĞLU, F. N. **Sur la situation de la pratique actuelle de la traduction des textes journalistiques**. Mersin: University of Mersin, 2001.

KOSOVO tenta conter o avanço do radicalismo islâmico. **Portal UOL**, São Paulo, 10 dez. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/12/10/kosovo-tenta-conter-o-avanco-do-radicalismo-islamico.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

LEMOS, A. **Morte aos portais**. Porto Alegre, 2000. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/portais.html>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

MAZUTI, S. **Marcas culturais em interface: os caminhos de aproximação entre tradução e jornalismo**. 2011. Dissertação de Mestrado (Estudos da Tradução)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95244>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

MCLUHAN, M. **Pour comprendre les médias**. Paris: Seuil, 1984.

MORENO, G. A. La traduction français-espagnol des titres journalistiques du Monde Diplomatique: un exemple de tension entre adéquation et acceptabilité. **Translation Journal**, Poughkeepsie, p. 1-12, 2003. Disponível em: <<http://www.translationdirectory.com/article1135.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

MORETZSOHN, S. O suicídio do jornalismo. **Observatório da imprensa**, São Paulo, Ed. 847, 21 abr. 2015. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/o-suicidio-do-jornalismo/>>. Acesso em: 29 set. 2018.

NA FRANÇA, empresas dão “jeitinho” para escapar da jornada semanal de 35h. **Portal UOL**, São Paulo, 7 nov. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/11/07/na-franca-empresas-dao-jeitinho-para-escapar-da-jornada-semanal-de-35h.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

NOBEL da Paz defende estátua de líder racista da África do Sul em Oxford. **Portal UOL**, São Paulo, 30 dez. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/12/30/nobel-da-paz-defende-estatuade-lider-racista-da-africa-do-sul-em-oxford.htm>>. Último acesso em: 22 jul. 2018.

“O BRASIL frente ao risco do pior”, diz artigo do Le Monde. **Radia França Internacional**, São Paulo, 6 jun. 2018. Disponível em: <http://br.rfi.fr/brasil/20180606-o-brasil-frente-ao-risco-do-pior-0> último acesso em: 23 ago. 2018.

OLIVEIRA, M. C. C. de. Ética em tradução, frutos de posturas estéticas e políticas. In: Sentidos dos lugares. ENCONTRO REGIONAL DA ABRALIC 2005. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005. p. 1-9.

OPINIÃO : Marine Le Pen leva adiante seu “vodu” contra a Europa. **Portal UOL**, São Paulo, 19 dez. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/12/19/opinio-marine-le-pen-leva-adiante-seu-vodu-contra-a-europa.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

ORDENAÇÃO do primeiro bispo em três anos é aceno da China ao Vaticano. **Portal UOL**, São Paulo, 7 ago. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/08/07/ordenacao-do-primeiro-bispo-em-tres-anos-e-aceno-da-china-ao-vaticano.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

PALACIOS, M. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória. In: MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Org.). **Modelos do jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003.

_____. Memória: jornalismo, memória e história na era digital. In: CANAVILHAS, J. (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros Labcom, 2014.

PHILIPPE, M. Le Japon relance le nucléaire, malgré l’hostilité de sa population. **Le Monde**, Paris, 11 ago. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/energies/article/2015/08/11/le-japon-relance-le-nucleaire-malgre-l-hostilite-de-sa-population_4720135_1653054.html>. Acesso em: 22 jul. 2018.

PIEL, S.; BORREDON, L. Des petits boulots au djihad en Syrie, le parcours de Foued Mohamed-Aggad. **Le Monde**, Paris, 10 dez. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/attaques-a-paris/article/2015/12/10/des-petits-boulots-au-djihad-en-syrie-le-parcours-de-foued-mohamed-aggad_4828848_4809495.html>. Acesso em: 22 jul. 2018.

POLCHLOPEK, S. A. **A interface tradução-jornalismo: um estudo de condicionantes culturais e verbos auxiliares modais em textos comparáveis das revistas Veja e Time**. 2005. Dissertação de Mestrado (Estudos da Tradução)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95073>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

PRESSIONADO em seus domínios, Estado Islâmico ataca Hezbollah no Líbano. **Portal UOL**, São Paulo, 17 nov. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/11/17/pressionado-em-seus-dominios-estado-islamico-ataca-hezbollah-no-libano.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo, Parábola Editorial, 2003. p. 81-87.

RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2000.

_____. O doméstico e o estrangeiro: relações de poder em tradução. In: FREIRE, M. M. et al. (Org.). **Linguística aplicada e contemporaneidade**. São Paulo: ALAB; Campinas: Pontes, 2005. p. 329-336.

RODRIGUES, C. C. Ecos de Babel. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 35, p. 60-65, 2006.

_____. A ética da apropriação. **Tradução e Comunicação**: revista brasileira de tradutores, São Paulo, n. 17, 2008, p. 21-28.

_____. O discurso sobre as adaptações: da fidelidade à ética. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 34, p. 899-904, 2005.

SALLON, H. L'Egypte tout vuole dehors. **Le Monde**, Paris, 6 jun. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/m-moyen-format/article/2015/06/17/l-egypte-tout-voile-dehors_4655971_4497271.html#3mAa13KIy3SROaJ1.99>. Acesso em: 22 jul. 2018.

SANTOS, J. F. dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos, 165).

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SEM PERSPECTIVAS, imigrantes africanos se instalam em parque de Paris. **Portal UOL**, São Paulo, 16 jun. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/06/16/sem-perspectivas-imigrantes-africanos-se-instalam-em-parque-de-paris.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis: Vozes, 2000.

SMOLAR, P. Internet, l'autre champ de bataille israélo-palestinien. **Le Monde**, Paris, 3 nov. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2015/11/03/internet-l-autre-champ-de-bataille-israelo-palestinien_4801779_3218.html>. Acesso em: 22 jul. 2018.

‘SÓ VOLTO para explodir tudo’, disse 3º terrorista do Bataclan quando estava na Síria. **Portal UOL**, São Paulo, 12 dez. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/12/12/so-volto-para-explodir-tudo-disse-3-terrorista-do-bataclan-quando-estava-na-siria.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

STUPIELLO, E. N. de A.; SIMÃO, A. K. G.. **Curso de tradução jornalística**: inglês e espanhol. Belfort Roxo: Transitiva, 2017.

THIBAUT, H. La Chine fait un geste envers le Vatican. **Le Monde**, Paris, 6 ago. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/asie-pacifique/article/2015/08/06/la-chine-fait-un-geste-envers-le-vatican_4714086_3216.html>. Acesso em: 22 jul. 2018.

TORRINO, J. M. R. Géneros periodísticos en las agencias de prensa. **Estudios Sobre el Mensaje Periodístico**, Madrid, n. 5, 1999, p.159-167.

VAN DIJK, T. **La ciência del texto**. Barcelona: Paidós, 1983.

_____. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

VALDEÓN, R. A. Fifteen years of journalistic translation research and more. **Perspectives: studies in translatology**. Copenhagen, n. 23, 2015, p. 634-662. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0907676X.2015.1057187>>. Acesso em: 5 ago. 2018.

VAZ, P. **Esperança e Excesso. Comunicação, tecnologia e sociabilidade**. In: 24. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2001, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Intercom, 2001.

_____. Internet e propriedade intelectual. In: 11 COMPÓS, 2002, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

VENUTI, L. **The translator's invisibility: a history of translation**. London: Routledge, 1995.

_____. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucineia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda. Bauru: EDUSC, 2002.

VISITA de Francisco a Bangui é considerada de alto risco e preocupa Paris. **Portal UOL**, São Paulo, 13 nov. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/11/13/visita-de-francisco-a-bangui-e-considerada-de-alto-risco-e-preocupa-paris.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

WARROT, C. V. A tradução jornalística na sala de aula: relações entre a tradução e os media. **Redis: revista de estudos do discurso**, São Paulo, n. 2, 2013, p. 250-256. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12765.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2018.

ZABORRAS, C. C.; GUERRERO, M. J. H. (Eds.). **La traducción periodística**. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2005.

ZIPSER, M. E. **Do Fato à Reportagem: As diferenças de enfoque e a Tradução como Representação Cultural**. 2002. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo – São Paulo, 2002. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/128534>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

_____. POLCHLOPEK, S. A. A tradução de notícias: novos rumos para a pesquisa em tradução. **Tradução e Comunicação: revista brasileira de tradutores**, São Paulo, n. 15, 2006, p. 45-53.

_____. Do fato à reportagem: o ambiente da tradução jornalística. **Dito Efeito**, Apucarana, n. 1, 2009, p. 1-15. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de>>. Acesso em: 18 maio. 2015.

_____. AIO, M. A. Tradutor jornalista ou jornalista tradutor?: A atividade tradutória enquanto representação cultural. **Gragoatá**, Niterói, n. 31, 2011, p. 106- 118.

ANEXOS

Figura 1 – l'Egype tout voile dehors

M LE MAG › ACTU › FOCUS › ROMAN-PHOTO

L'Egypte tout voile dehors

Le Monde | 17.06.2015 à 11h41 • Mis à jour le 17.06.2015 à 17h06 |

Par Hélène Sallon

Fonte : SALLON, H. 17 jun. 2015.

Figura 1.2 – Escritor faz apelo contra...

 EXCLUSIVO PARA ASSINANTES UOL

Escritor faz apelo contra uso de véu no Egito e causa polêmica

Le Monde

Hélène Sallon

18/06/2015 | 00h01

Fonte: ESCRITOR faz apelo contra o uso do véu no Egito e causa polêmica. 18 jun. 2015.

Figura 2 – Onze jours après leur première...



M Immigration et diversité

SOCIÉTÉ IMMIGRATION ET DIVERSITÉ Parcours de réfugiés

Onze jours après leur première expulsion, les migrants s'installent près du jardin d'Eole

Le Monde | 13.06.2015 à 12h48 • Mis à jour le 13.06.2015 à 13h12 |
Par Maryline Baumard

Fonte: BAUMARD, M. 13 jun. 2015.

Figura 2.2 – Sem perspectivas, imigrantes africanos ...



EXCLUSIVO PARA ASSINANTES UOL

Sem perspectivas, imigrantes africanos se instalam em parque de Paris

Le Monde
Maryline Baumard
16/06/2015 | 00h01

SEM perspectivas, imigrantes africanos se instalam em parque de Paris. 16 jun. 2015

Figura 3 – En Afrique du Sud, une xénophobie...



Fonte: HERVIEU, S. 16 jun. 2015.

Figura 3.2 – África do Sul tem xenofobia corriqueira...



Fonte: ÁFRICA do sul tem xenofobia corriqueira, alimentada pela violência. 18 abr. 2015.

Figura 4 – Le Japon relance le nucléaire, ...



Fonte: PHILIPPE, M. 11 ago. 2015.

Figura 4.2 – Japão reativa reator nuclear quatro ...



Fonte: JAPÃO reativa reator nuclear quatro anos depois da tragédia de Fukushima. 13 ago. 2015.

Figura 5 – La Chine fait un geste ...

M Asie-Pacifique

INTERNATIONAL

ASIE-PACIFIQUE

Afghanistan

Australie

Azerbaïdjan

Bangladesh

Bhoutan

La Chine fait un geste envers le Vatican

Le Monde | 06.08.2015 à 11h12 • Mis à jour le 06.08.2015 à 14h35 |

Par Harold Thibault (Shanghai, correspondance)

Fonte : THIBAULT, H. 13 ago. 2015.

Figura 5.2 – Ordenação do primeiro bispo em...



EXCLUSIVO PARA ASSINANTES UOL

Ordenação do primeiro bispo em três anos é aceno da China ao Vaticano

Le Monde

Harold Thibault

Em Xangai 07/08/2015 | 00h01

Fonte: ORDENAÇÃO do primeiro bispo em três anos é aceno da China ao Vaticano. 7 ago. 2015.

Figura 6 – Sexisme dans l’usine à rêves.



Fonte: GUERRIN, M. 30 oct. 2015.

Figura 6.2 – Atrizes se rebelam contra sexismo...



Fonte: ATRIZES se rebelam contra sexismo na “fábrica de sonhos”. 4 nov. 2015.

Figura 7 – Internet, l'autre champ de bataille



Fonte: SMOLAR, P. 3 nov. 2015.

Figura 7.2 – A guerra dos vídeos por trás...



Fonte: A GUERRA dos vídeos por trás das facadas. 5 nov. 2015.

Figura 8 – Les entreprises françaises à l’heure...



The image shows a screenshot of a news article from Le Monde. At the top, there is a navigation bar with the word 'ÉCONOMIE' in a red box, followed by links: 'Les données du « Monde »', 'Économie mondiale', 'Économie française', 'Entreprises', and 'Emploi'. Below this, on the left, is a yellow box that says 'ÉDITION ABONNÉS'. The main title of the article is 'Les entreprises françaises à l'heure de l'allongement du temps de travail' in a large, bold, black font. Below the title, it says 'Le Monde | 05.11.2015 à 06h42 • Mis à jour le 05.11.2015 à 07h54 |' and 'Par Jean-Baptiste Jacquin'.

Fonte: JACQUIN, B. J. 5 nov. 2015.

Figura 8.2 – Na França, empresas dão “jeitinho”...



The image shows a screenshot of a news article from Le Monde. At the top, there is a yellow box with a red circle icon and the text 'EXCLUSIVO PARA ASSINANTES UOL'. The main title of the article is 'Na França, empresas dão "jeitinho" para escapar da jornada semanal de 35h' in a large, bold, black font. Below the title, it says 'Le Monde' in a smaller font, followed by 'Jean Baptiste Jacquin' and '07/11/2015 | 00h01'.

Fonte: NA FRANÇA, empresas dão “jeitinho” para escapar da jornada semanal de 35h.
7 nov. 2015.

Figura 9 – L’armée française veut dissuader le pape...



Fonte: GUIBERT, N. e CHAMBRAUD, C. 11 nov. 2015.

Figura 9.2 – Visita de Francisco a Bangui ...



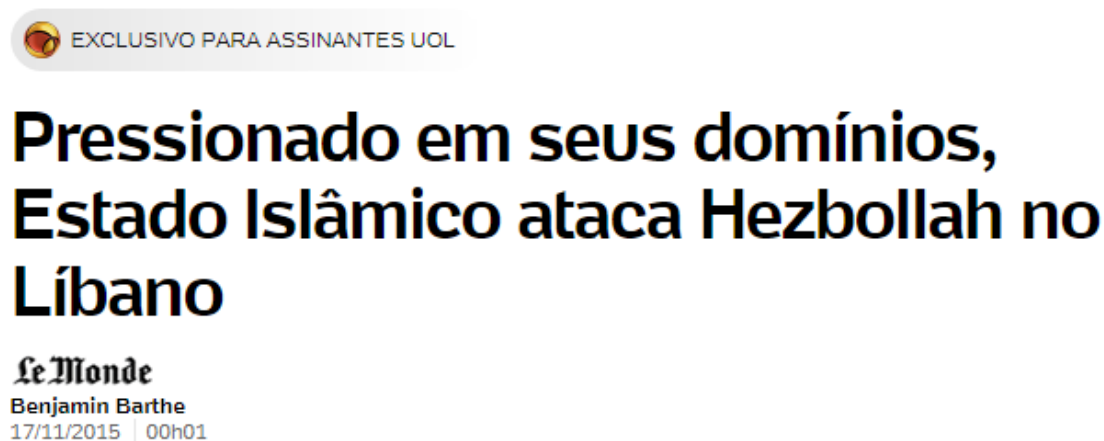
Fonte: VISITA de Francisco a Bangui é considerada de alto risco e preocupa Paris. 11 nov. 2015.

Figura 10 – Le Liban rattrapé par la guerre en Syrie.



Fonte : BARTHE, B. 13 nov. 2015.

Figura 10.2 – Pressionado em seus domínios, Estado...



Fonte: PRESSIONADO em seus domínios, Estado Islâmico ataca Hezbollah no Líbano.
17 nov. 2015.

Figura 11 – La tentation du radicalisme islamiste...



Fonte: CHÂTELOT, C. 8 dez. 2015.

Figura 11.2 – Kosovo tenta conter o avanço...



Fonte: KOSOVO tenta conter o avanço do radicalismo islâmico. 10 dez. 2015.

Figura 12 – En Libye, le jeu des Occidentaux contesté.

La Une **Pays** Politique Économie Sport Culture & Style Monde

COMPTE RENDU

En Libye, le jeu des Occidentaux contesté

Par Frédéric Bobin (Tunis, correspondant)

LE MONDE | Le 09.12.2015 à 10h31 • Mis à jour le 09.12.2015 à 15h07

Fonte: BOBIN, F. 9 dez. 2015.

Figura 12.2 – Jogo dos ocidentais e da ONU...

 EXCLUSIVO PARA ASSINANTES UOL

Jogo dos ocidentais e da ONU é visto com ceticismo na Líbia

Le Monde
Frédéric Bobin
11/12/2015 | 00h03

Fonte: JOGO dos ocidentais e da ONU é visto com ceticismo na Líbia. 11 dez. 2015.

Figura 13 – Des petits boulots au djihad...



Fonte: PIEL, S.; BORREDON, L. 10 dez. 2015.

Figura 13.2 – ‘Só volto para explodir tudo’...



Fonte: ‘SÓ VOLTO para explodir tudo’, disse 3º terrorista do Bataclan quando estava na Síria. 12 dez. 2015.

Figura 14 – Conte de Noël à Liverpool.

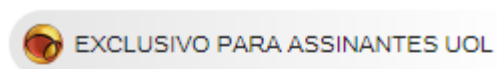


Le Monde | 13.12.2015 à 00h14 • Mis à jour le 06.01.2016 à 09h51 |

Par Michel Guerrin

Fonte: GUERRIN, M. 13 dez. 2015.

Figura 14.2 – Conto de Natal em Liverpool:...



Conto de Natal em Liverpool: Coletivo ganha prêmio após revitalizar bairro

Le Monde

Michel Guerrin

15/12/2015 | 00h02

Fonte: CONTO de Natal em Liverpool : Coletivo ganha prêmio após revitalizar bairro.
15 dez. 2015.

Figura 15 – Marine Le Pen et le vaudou.



Fonte: FRANCHON, A. 17 dez. 2015.

Figura 15.2 – Opinião: Marine Le Pen leva adiante...



Fonte: OPINIÃO : Marine Le Pen leva adiante seu “vodu” contra a Europa. 10 dez. 2015

Figura 16 – Frederik de Klerk critique le déboulonnage...



Fonte: FREDERIK DE Klerk critique le déboulonnage d'une statue de Cecil Rhodes à Oxford. 28 dez. 2015.

Figura 16.2 – Nobel da Paz defende estátua...



Fonte: NOBEL da Paz defende estátua de líder racista da África do Sul em Oxford. 30 dez. 2015.

Figura 17 – Primaire à droite: <<Le désir de revanche...

M Idées

IDÉES

Tribunes

Enquêtes

Rencontres

Controverses

Livres

Analyses

Editoriaux

Chroniques

ÉDITION
ABONNÉS

Primaire à droite : « Le désir de revanche est mauvais conseiller »

Le Monde | 16.02.2016 à 06h45 • Mis à jour le 16.02.2016 à 18h54 |

Par Gérard Courtois

Fonte: COURTOIS, G. 16 fev. 2016.

Figura 17.2 – Análise: Primárias presidenciais ou lutas de boxe?



EXCLUSIVO PARA ASSINANTES UOL

Análise: Primárias presidenciais ou lutas de boxe?

Le Monde

Gérard Courtois

18/02/2016 | 00h02

Fonte : ANÁLISE : Primárias presidenciais ou lutas de boxe ? 18 fev. 2016.

Figura 18 – Le Brésil face au risque du pire.

Le Brésil face au risque du pire

Analyse. Dans un pays où la violence politique est endémique, une partie de la population est désormais tentée par l'autoritarisme et l'extrême droite, à quelques mois de l'élection présidentielle, explique la correspondante du « Monde » au Brésil, Claire Gatinois.

Le Monde | 06.06.2018 à 09h00 • Mis à jour le 06.06.2018 à 10h40 | Par Claire Gatinois ([journaliste/claire-gatinois/](#)) (Sao Paulo, correspondante)

Analyse. Jefferson Lima Menezes, 39 ans, a quitté les soins intensifs et repris sa vie d'avant, celle d'un syndicaliste anonyme de la banlieue de Sao Paulo. La balle de calibre 9 mm qui a atteint son cou dans la nuit du samedi 28 avril n'a touché ni la carotide ni la moelle épinière. Cette nuit-là, il se trouvait au campement de Curitiba, capitale de l'Etat du Parana (sud du pays), en soutien à l'ancien président Luiz Inacio Lula da Silva, emprisonné à quelques centaines de mètres de là.

Le tireur, filmé par des caméras de vidéosurveillance, en voulait-il au trentenaire pour quelque règlement de comptes personnel ? Ou s'attaquait-il à la foule de militants protestant contre l'incarcération de Lula, totem de la gauche, pour des faits de corruption ?

DANS UN PAYS OÙ
UNE PERSONNE
EST ASSASSINÉE
TOUTES LES
NEUF MINUTES,
FAIRE DE LA
POLITIQUE
RÉDUIT
SENSIBLEMENT
L'ESPÉRANCE DE
VIE

La plupart des sympathisants du Parti des travailleurs de Lula (PT) n'ont aucun doute sur les motivations politiques de l'attaque. « *La situation de violence et d'intolérance au Brésil est très grave* », a commenté la présidente du PT, Gleisi Hoffmann, peu après les tirs, précisant que cette violence s'adressait essentiellement aux mouvements de gauche.

Fin mars, la caravane de Lula, alors libre et en précampagne électorale dans le sud du pays, n'avait-elle pas déjà été visée par des tirs ? La fusillade n'est-elle pas la suite de l'assassinat, le 14 mars, de la conseillère municipale de Rio de Janeiro, Marielle Franco, figure de la gauche progressiste, en guerre contre les violences policières, le racisme et l'homophobie ?

Lire aussi : [Dans un Brésil à la dérive, le deuil de l'icône Marielle Franco](#) ([/americas/article/2018/03/21/dans-un-bresil-a-la-derive-le-deuil-de-l-icone-marielle-franco_5274337_3222.html](#))

Dans un pays où une personne est assassinée toutes les neuf minutes, faire de la politique réduit sensiblement votre espérance de vie. Entre 1998 et 2016, 79 candidats en campagne ont été assassinés, soit 16 par période électorale, relève une étude de l'Unirio, l'université fédérale de l'Etat de Rio de Janeiro.

Les premiers signaux de la colère

Mais cette violence hier cantonnée aux campagnes, la voici dans les grandes villes. Visant autrefois des acteurs locaux pour des bagarres personnelles, elle se fait idéologique, cherchant des figures nationales, emblèmes de la démocratie. « *Il s'agit de faits isolés, mais hautement symboliques et marquants. On s'attaque à un ancien chef d'Etat en campagne. C'est sans précédent !* », observe Ignacio Cano, sociologue et membre du Forum brésilien de sécurité publique, une ONG.

Plus choquante encore est l'absence de condamnation unanime et immédiate de la part des acteurs censés défendre les valeurs de la République. Si le meurtre de Marielle Franco a ému tout le pays, les balles qui ont percé la carcasse des bus de Lula n'ont que mollement été commentées.

Lire aussi : Assassinat de Marielle Franco : nouvelle mobilisation dans une favela de Rio de Janeiro ([/americas/article/2018/03/19/assassinat-de-marielle-franco-nouvelle-mobilisation-dans-les-rues-de-rio-de-janeiro_5272908_3222.html](https://americas/article/2018/03/19/assassinat-de-marielle-franco-nouvelle-mobilisation-dans-les-rues-de-rio-de-janeiro_5272908_3222.html))

L'ancien gouverneur de Sao Paulo, Geraldo Alckmin, candidat de la droite pour l'élection présidentielle, est allé jusqu'à affirmer que le PT ne faisait que récolter ce qu'il avait semé. Le

représentant de l'extrême droite, Jair Bolsonaro, a quant à lui osé insinuer que le PT aurait pu être lui-même l'auteur des tirs. Une hypothèse reprise par la jeunesse militante de la droite dure, représentée par le Mouvement Brésil libre (MBL).

Cette violence et la relative indifférence qu'elle suscite auprès de l'opinion témoignent de la radicalisation effrayante de la société brésilienne. Les premiers signaux de la colère sont apparus lors des manifestations spontanées de juin 2013. D'abord apolitique, la grogne populaire s'est nourrie des désillusions, du désenchantement et de la rancœur d'une partie du pays envers dix ans de gouvernement PT. Un pouvoir qui sortit de la misère des dizaines de millions de Brésiliens, fit du pays un protagoniste de la scène diplomatique et sportive internationale mais fut incapable de créer un Etat-providence décent.

Appels à une intervention militaire

Cette colère s'est peu à peu muée en une haine viscérale, alimentée par les scandales de corruption touchant le parti de gauche et l'irritation d'une bourgeoisie troublée de voir les classes inférieures accéder peu à peu aux attributs de la richesse. Soudain les « pauvres » prenaient « leurs » avions, fréquentaient « leurs » boutiques, empruntaient « leurs » autoroutes au volant de voitures achetées à crédit. Lula, l'enfant pauvre du Nordeste, incarne ce mélange des genres jugé insupportable dans une société encore marquée par les rapports du « maître et de l'esclave » décrits par le sociologue Gilberto Freyre.

La destitution de la dauphine de Lula, Dilma Rousseff en 2016, réclamée par la rue, aurait pu calmer les esprits, si le gouvernement de son successeur de droite, Michel Temer, embourbé dans les affaires, n'avait enfoncé un peu plus le pays dans un chaos politique, éthique et économique. Déboussolée, écœurée par les politiciens traditionnels, une partie du pays est désormais tentée par l'autoritarisme. En attestent les appels à une intervention militaire pour renverser le président Temer, scandés lors de la révolte des routiers, fin mai.

Lire aussi : En pleine crise politique, le Brésil s'enlise dans les conflits sociaux

(/americas/article/2018/05/31/en-pleine-crise-politique-le-bresil-s-enlise-dans-les-conflits-sociaux_5307494_3222.html)

« *C'est là que Bolsonaro entre en scène* », commente le candidat du Parti socialisme et liberté, (PSOL) Guilherme Boulos. Le député Jair Bolsonaro, militaire de réserve et grand nostalgique de la dictature (1964-1985) dont la notoriété se limitait jusqu'ici à une frange minoritaire de la population, est désormais en tête des sondages derrière Lula. « *Il est la synthèse de ce que ce la société brésilienne a de pire* », estime M. Boulos.

Défenseur de la peine de mort, du libéralisme économique, de la rigueur morale et de la « tolérance zéro », le candidat décomplexé une partie des électeurs enragés par la popularité persistante de Lula. Cette extrême droite, encore désorganisée, est aussi galvanisée par une gauche qui se dit persécutée par la justice, les médias et l'opposition, engageant une lutte du « eux contre nous », où aucune modération ne semble acceptable.

Fonte: GATINOIS. C. 6 jun. 2018.

Figura 18.2 – “O Brasil frente ao risco do pior”...

[f Compartilhar 1 mil](#)
[Tweeter](#)
[G+ Compartilhar](#)
[in Compartilhar](#)

BRASIL | ELEIÇÕES | POLÍTICA

"O Brasil frente ao risco do pior", diz artigo do Le Monde

Publicado em 06-06-2018 • Modificado em 06-06-2018 em 20:25



O Brasil diante da guerra ideológica pré-eleições.

REUTERS/Nacho Doce

O Jornal francês *Le Monde* publica nesta quarta-feira (6) uma análise com o título: "o Brasil frente ao risco do pior". O texto da correspondente em São Paulo, Claire Gatinois, reúne a opinião de simpatizantes do Partido dos Trabalhadores acampados em Curitiba, em apoio ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, preso por corrupção.

Um atirador foi filmado no local disparando contra os manifestantes. Antes da condenação do líder petista, um ônibus da caravana de Lula também havia sido alvo de tiros.

Segundo a presidente do PT, "a situação de violência e intolerância no Brasil é muito grave". Gleisi Hoffmann afirma que os movimentos de esquerda no país estão em risco.

O artigo cita ainda a morte da vereadora Marielle Franco, assassinada no Rio de Janeiro, após denunciar a violência policial, casos de racismo e de homofobia em favelas cariocas. O crime comoveu a sociedade e até hoje as motivações do ataque contra a parlamentar não foram desvendadas.

Num país onde uma pessoa é assassinada a cada nove minutos, entrar na política pode ser perigoso. Estudo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro aponta que 79 candidatos em campanha foram assassinados entre 1998 e 2006.

Guerra ideológica pré-eleições

O *Le Monde* destaca que o Brasil vive um momento de fortes embates ideológicos entre uma esquerda, que se considera injustiçada, e uma direita defensora do liberalismo econômico e desapontada com os recentes casos de corrupção que assolam o país.

Segundo a correspondente do jornal francês, a situação de ódio é alimentada pelos escândalos de desvio de dinheiro público, que atingem boa parte dos partidos políticos e pela irritação de uma parte da burguesia que, segundo a autora, não aceita os avanços sociais para uma parcela pobre dos brasileiros.

Ainda segundo o artigo publicado hoje na imprensa francesa, [a destituição da ex-presidente Dilma Rousseff](#), em 2016, poderia ter acalmado os ânimos. Isso se o sucessor, o atual presidente Michel Temer, não tivesse empurrado o país ainda mais em direção ao caos político, ético e econômico.

Enquanto isso, as vésperas de eleições gerais em outubro, a população demonstra profundo descrédito nos partidos tradicionais, o que abre espaço para discursos autoritários e mesmo um certo saudosismo do período da ditadura militar. Isso explicaria, por exemplo, a boa projeção de votos conquistada pelo pré-candidato Jair Bolsonaro, que aparece nas pesquisas apenas atrás de Lula. O texto lembra que até pouco tempo a notoriedade do deputado e militar da reserva se restringia à uma parte da população.

A autora cita, ainda, declaração de outro pré-candidato à presidência, Guilherme Boulos, do PSOL. Ele diz que: "como defensor da pena de morte e do rigor moral, [Bolsonaro](#) significa o que a sociedade brasileira tem de pior" .

Segundo o artigo, a extrema direita, ainda desorganizada, é inflamada por uma esquerda que se diz perseguida pela justiça, numa espécie de luta de nós contra eles na qual nenhuma moderação parece ser aceitável.



Fonte: “O BRASIL frente ao risco do pior”, diz artigo do Le Monde. 6 jun. 2018.

TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, ____/____/____